

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO

**A NARRATIVA POR ENTRE LUGARES, ESTRADAS E
PAISAGENS: DA FORMAÇÃO DOCENTE À PRÁTICA DE
UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA**

LEANDRO DA ROCHA

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A NARRATIVA POR ENTRE LUGARES, ESTRADAS E PAISAGENS:
DA FORMAÇÃO DOCENTE À PRÁTICA DE UM PROFESSOR DE
GEOGRAFIA**

LEANDRO DA ROCHA

Sob a Orientação da) Professora
Dra. Ana Maria Marques Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ, Área de Concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia

**Nova Iguaçu, RJ
Dezembro de 2021**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

d672n da Rocha, Leandro, 1989-
A narrativa por entre lugares, estradas e paisagens: da formação docente à prática de um professor de geografia / Leandro da Rocha. - Nova Iguaçu, 2021.
88 f.: il.

Orientadora: Ana Maria Marques Santos.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2021.

1. Formação de professores. 2. Narrativa docente.
3. Ensino de geografia na EJA. I. Santos, Ana Maria Marques, 1964-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Geografia III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 97/2021 - PPGGEO (12.28.01.00.00.35)

Nº do Protocolo: 23083.092410/2021-34

Seropédica-RJ, 22 de dezembro de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LEANDRO DA ROCHA

A NARRATIVA POR ENTRE LUGARES, ESTRADAS E PAISAGENS: da formação docente à prática de um professor de geografia

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 20/12/2021

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG-UFRRJ, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e, neste caso, a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Dra. ANA MARIA MARQUES SANTOS - UFRRJ - PPGGEO
(Orientadora)

Dr. CLÉZIO DOS SANTOS - UFRRJ - PPGGEO

Dr. GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO - UNICAMP - GEPEC

(Assinado digitalmente em 22/12/2021 09:35)
ANA MARIA MARQUES SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matricula: 1545891

(Assinado digitalmente em 22/12/2021 15:05)
CLEZIO DOS SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matricula: 1958337

(Assinado digitalmente em 22/12/2021 10:14)
GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 074.694.608-29

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 97, ano: 2021, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: 22/12/2021 e o código de verificação: **d048d90334**

DEDICATÓRIA

Aos conhecidos, colegas e amigos

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, às professoras e aos professores que desde a educação básica me incentivaram de alguma forma a prosseguir nessa estrada, em busca do conhecimento, guiando-me pelas séries até o longínquo ensino superior e, após isso, a pós-graduação.

Em especial aos amigos, Luiz e Pedro. O primeiro, pelos anos de conversas na elaboração desse sonho que carrego desde a graduação, em um eterno namoro com os temas, programas, textos e editais com a finalidade de me aproximar desse universo. Ao segundo, pelo envio do edital do programa, os incentivos, as leituras compartilhadas e os vários textos revistos, além é claro da amizade.

À Dinamar, minha irmã, que segue me apoiando e sendo uma representação familiar. As várias outras pessoas conhecidas, colegas e amigos que foram me auxiliando a dar pequenos passos rumo ao ingresso nesse desafio.

À minha orientadora, Dra. Ana Maria Marques Santos, que desde o primeiro contato se revelou uma pessoa séria, competente e acolhedora. Com certeza, seus atributos foram essenciais para que essa pesquisa se concluísse; sua experiência e paciência para colaborar desde a concepção do projeto e os rumos da investigação fizeram-se como um sentido fundamental, nesse que pode ter sido o momento mais difícil de todo esse percurso.

Aos professores da banca que subsidiaram essa pesquisa com dicas, comentários, indicações e apontamentos, em especial ao Dr. Clézio dos Santos pela oportunidade de ser aluno em uma disciplina e ao Dr. Guilherme do Val Toledo Prado com quem dialoguei desde os primórdios da qualificação. Faz-se preciso também agradecer à Dra. Anita Loureiro de Oliveira que fortaleceu essa investigação em sua participação na qualificação.

Aos colegas e professores presentes nas aulas que compuseram essa experiência de mestrado no PPGGEO, seja pelos aprendizados compartilhados, conversas, risadas e outros momentos que foram únicos na minha trajetória.

E, finalmente, porém não menos importante, algumas palavras de agradecimento a mim, que diante de tantas intempéries obtive forças para ir atrás dessa concretização. Apesar do apoio dos outros e próximos, havia em mim um desejo de ir além. Mesmo com um diagnóstico de difícil assimilação logo na primeira semana de aulas dessa pós-graduação, parei, fiquei triste, chorei, juntei os cacos e segui com as energias voltadas a viver para a conclusão desta e de outras batalhas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) -Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) -Finance Code 001

Os ventos do norte
Não movem moinhos
E o que me resta
É só um gemido
Minha vida, meus mortos
Meus caminhos tortos
Meu sangue latino
Minh'alma cativa

Ney Matogrosso

RESUMO

ROCHA, Leandro da. **A narrativa por entre lugares, estradas e paisagens: da formação docente à prática de um professor de geografia.** 2021. 88f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto Multidisciplinar, Departamento de Educação e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2021.

A partir da narrativa desse professor-pesquisador, busco analisar os atravessamentos que transcorrem a formação docente. O questionamento a que essa investigação pretende responder é sobre os elementos formativos que possam aparecer na trajetória desse professor de geografia. A narrativa, portanto, é um arcabouço teórico-metodológico essencial nessa análise, percorrendo do início ao fim a partir de Clandinin e Connelly a fim de auxiliar nessa busca por respostas. Portanto, conclui-se que a narrativa é uma ferramenta essencial para a formação docente, sendo que a diversidade, choques culturais, precariedade da estrutura entre outros elementos atravessam esse texto (re)formando, desde os tempos de aluno até o magistério. De tal forma, o principal objetivo é analisar a formação desse professor de geografia, tendo em vista sua trajetória. Os objetivos secundários são: reconstruir uma narrativa com base em momentos marcantes da vida escolar e em aspectos geográficos, refletir sobre os instantes formativos presentes desde a infância até a prática em sala, nas aulas de geografia por meio do jornal, nas turmas de EJA. Nessa perspectiva, busca-se ressaltar as dificuldades e dilemas desse (e muitos outros) professor (es) de geografia, no que tange à sua formação inicial enquanto discente, passando pela graduação e sobre a realidade da prática e os dilemas desse aprendizado em serviço. Os elementos geográficos e professorais vão surgindo ao longo dessa construção escrita que pretende encaminhar uma reflexão sobre sua constituição. No primeiro capítulo, início com o memorial de formação que em Prado e Soligo dialogam com autores da geografia para pensar a minha formação inicial e os primeiros elementos que a impactaram. Num segundo passo, é o momento de construir a narrativa para a prática docente e seus desdobramentos. Caracteriza-se a escola e o lugar dessa unidade de ensino, a narrativa vai ganhando forma e incorporando novos elementos que impactam na minha formação enquanto professor de geografia. Por fim, utilizo-me do relato autobiográfico sobre a experiência do jornal da EJA para discutir com Castellar, Freire, Gatti, Pontuschka et al. entre outros, acerca da experiência e todos esses elementos formativos que apareceram nos capítulos um e dois. Considera-se também que o texto investigativo tem potencial fundamental como meio de reflexão e percepção pessoal/profissional e revisão de atitudes, métodos e práticas no ensino de geografia.

Palavras-chave: Formação de professores. Narrativa docente. Ensino de geografia na EJA.

ABSTRACT

ROCHA, Leandro da. **A narrative through places, roads and landscapes: from teacher formation to geography teaching.** 2021. 88p. Dissertation (Master's Degree in Geography). Multidisciplinary Institute, Department of Education and Society, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2021.

Following the educational narrative of this teacher-researcher, I attempt to analyse the wide net of experiences that teachers go through. The matter in question is what teacher-identity-forming elements are present in this geography teacher's journey. As supported by Clandinin and Connelly, this personal narrative serves as an essential methodological and theoretical framework to the analysis, aiding in the search for answers. Taking all into consideration, we conclude that this type of narrative is crucial to teacher formation, considering diversity, culture shocks, inadequate infrastructure, and other issues faced from student years to working as a teacher in a way to (re)form this text. The main objective is to investigate this geography teacher's education and experiences, considering his life journey. Secondary goals are: firstly, to reconstruct a narrative based upon remarkable moments during school life and also upon geographic dimensions. Then, to reflect on identity formation events that happened from childhood all the way to teaching geography at an adult education program (EJA), when a school newspaper was started as a teaching tool. In this perspective, we aim at highlighting the difficulties and dilemmas faced by this geography teacher – and many others – regarding his personal experience in basic education, at university, and during his practice as a teacher. The narrative's geographic and teaching aspects emerge throughout the text, which is intended to make a reflection on their own development process. In chapter one, we begin with an educational background dossier, as described by Prado and Soglio, correlating it to writings by geography authors as a means to reflect on my pre-university education and the first elements that had an impact on it. Further, we turn the focus to my teaching experience and its effects. The paper then develops and incorporates new facets that also make up my educational background as a teacher of geography. Finally, we rely on an autobiographical account of the process of starting the school newspaper in EJA as well as consider the writings of Castellar, Freire, Gatti, Pontuschka et al., and others, to discuss the topics examined in chapters one and two. Additionally, we understand an investigative text has a fundamental potential to cause not only personal/professional self-reflection and perception but also rethinking of behaviours as well as teaching methods and practices in geography teaching.

Keywords: Teacher formation. Educational narrative. Geography teaching in EJA.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – A cartografia da narrativa formativa entre distâncias, histórias e lugares.....	6
Mapa 2 - A cartografia da narrativa formativa para situar o lugar dos acontecimentos.....	28
Mapa 3 – A cartografia da form(ação) inicial	51
Mapa 4 – A cartografia da form(ação) prática.....	52

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – O olhar sobre o morro em Barra Mansa-RJ	8
Foto 2 – Um trecho da Serra do Caparaó do terraço de casa	12
Foto 3 – A urbanização cruzeirense aos “pés” da Serra da Mantiqueira	18
Foto 4 – O Rio Paraíba do Sul percorrendo as terras de Guaratinguetá-SP.....	20
Foto 5 – O contínuo de morros pelo Vale do Paraíba paulista.....	21
Foto 6 – A fachada do prédio que abrigou o estágio.....	22
Foto 7 – O mar de morros na descida para o “Rio” na Serra das Araras	25
Foto 8 – O convite para a vivência em solo araruamense.....	29
Foto 9 – O imprevisto na viagem do professor para o trabalho	33
Foto 10 – A praça no centro do Distrito de São Vicente de Paulo.....	36
Foto 11 – O enquadramento da Lagoa de Araruama no exercício formativo.....	38
Foto 12 – A produção de sal às margens da Lagoa de Araruama	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A reportagem de capa do Jornal da EJA	35
Figura 2 – A contextualização da localidade em pequenas reportagens	40

SUMÁRIO

O PONTA (PÉ) INICIAL	1
1 POR ENTRE SERRAS E VALE, E NOS MARES DE MORROS: OS CAMINHOS DA NARRATIVA NA FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA.....	5
2 A PRÁTICA NO LUGAR DAS PLANÍCIES E LAGOS: AS INTEMPÉRIES NO COMEÇO DA ATUAÇÃO COMO PROFESSOR DE GEOGRAFIA.....	27
3 OS ELEMENTOS FORMATIVOS NA CONSTITUIÇÃO DESSE PROFESSOR: A ANÁLISE DO RELATO AUTOBIOGRÁFICO E OS ATRAVESSAMENTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE NA AÇÃO PEDAGÓGICA	49
PARA CONCLUIR: O ENTRELAÇAR DOS FIOS	67
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICES	75
Apêndice A – Inventário dos guardados de algum lugar	75
Apêndice B – Relato autobiográfico.....	76
ANEXOS.....	82
Anexo A – Jornal da EJA	82
Anexo B – Panfleto da EJARTE	84
Anexo C – Quadro de datas da EJA.....	85
Anexo D – Projeto da EJARTE.....	86

O PONTA (PÉ) INICIAL

Trago no peito costuradas
Contas de memória fresca
Pão quentinho sobre a mesa
O cheiro sobe a escada
Acordo e não vejo nada
O tempo é sua morada
(Francisco, el Hombre)

Seja bem-vindo ao início do meu texto de pesquisa, o resultado de um longo período de leituras, sonhos, estudos, anotações, reflexões e anseios por vários meses entre aulas, conversas, orientações e outras atividades acadêmicas. O caminho foi extenso e trabalhoso, como perceberá durante a leitura, porém o aprendizado nessa experiência foi transformador.

Em um momento político-econômico-social complexo - como temos atravessado - em que se somam as intempéries da pandemia da covid-19, é possível que esses capítulos lhe permitam transitar por um percurso formativo nos passos de minha trajetória pessoal e profissional, nos idos e vindos das escolhas como professor e graduando, numa vivência que se esparramou por alguns estados de nossa região sudeste do Brasil.

Apesar de buscar a leveza pelas próximas linhas, transparece o caos que enfrentamos durante os últimos meses, entre incertezas e a ideologia da morte, que convivemos com nosso atual governo. A linha tênue que dividia o privilégio da garantia do trabalho e salário durante o isolamento, e a dureza de viver isolado de colegas e amigos, agravando assim as questões mentais.

Sem querer abusar do jargão utilizado por muitos na academia, mas a pandemia acabou sendo um literal atravessador da minha experiência na pós-graduação, com seu auge de interrupções no início do que seria o segundo semestre letivo, em que faria as últimas disciplinas. Portanto, por mais que a pesquisa em si não tenha sofrido adaptações severas, a escrita aponta a dualidade entre algo terapêutico que acompanhava em mais um dia, ou uma obrigação tortuosa.

Contudo, nessa fricção entre dias bons e ruins tudo foi sendo construído, acredito que a ideia próxima ou literal do pedido de minha orientadora logo nas primeiras reuniões remotas que fizemos: **“uma pesquisa encarnada e viva”**. E, a partir dessa ideia, nada melhor do que pesquisar dentro do ensino de geografia e a formação de professores, áreas em que a vida pulsa, senão elas o seu *locus* principal que é a escola, o lugar por excelência do aprendizado.

Frente a união entre geografia e educação, fui atrás de investigar sobre a formação e o ensino usando primordialmente a ferramenta do memorial de formação, um achado para mim que espero você já conheça. Esse encontro permitiu uma ampliação nos horizontes de possibilidades de realização, seja enquanto entrega de um “produto” final, mas de algo que permitisse outros olhares e alcances.

Nessa nova abrangência, convido você para uma experiência por entre minha trajetória e prática docente, em particular algumas análises e reflexões sobre uma atividade desenvolvida enquanto professor de geografia, em turmas de educação de jovens e adultos da rede pública do município de Araruama/RJ.

A narrativa que é uma palavra fundamental nesse texto, infelizmente tem ganhado contornos, sentidos e usos pelas mais perversas vias, em criações fantasiosas com as piores intenções. Porém, persisto e tenho orgulho da construção de uma narrativa que permite a reflexão sobre a minha prática profissional como professor.

Os primeiros passos pelos caminhos narrativos foram significantes, despontava logo nas primeiras linhas assim que Prado e Soligo escrevem que: “Afinal, se é necessária a

reflexão sobre a prática profissional e se escrever favorece o pensamento reflexivo, a conclusão acaba por ser inevitável: a produção de textos escritos é uma ferramenta valiosa na formação de todos.” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 46). Nesse e outros recortes, ganhava forma e crescia a valência dessa metodologia de pesquisa para a minha investigação.

Após esse primeiro contato, outros textos dos autores foram (re)lidos assim como dissertações, e assim fui me encantando com a leveza da escrita que dava o sabor para a reflexão da prática e as experiências. Primeiramente, fazendo um inventário de arquivos virtuais a respeito das atividades na prática em sala de aula com o jornal da educação de jovens e adultos (EJA), mas também com outros instantes da vida profissional e pessoal.

Todo esse repertório inventariado foi um ponto elementar para a construção das bases dessa aventura. Por meio desse repertório, consegui elaborar um texto relatando todo o desenrolar da atividade com o jornal. Nessa história contada vieram os desafios, ideias, provocações e tudo quanto foi capturado do desague que o inventário realizou.

O inventário aparece como um auxílio memorial para a construção de todo esse texto e o relato autobiográfico, que também é a minha fonte de dados e a metodologia da pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2011) como os meios a partir dos quais opereirei, meu arcabouço teórico-metodológico.

A geografia é um importante elo e presença durante todos os capítulos, dando suporte por meio dos mapas e ilustrações, além do aporte com Milton Santos principalmente em sua ideia de lugar que organizará a narrativa pela passagem de vários lugares, sendo eles: Barra Mansa-RJ, Alto Jequitibá-MG, Cruzeiro-SP, Guaratinguetá-SP e Araruama-RJ. Aqui e acolá, em todos os cantos, seja nos mares de morros ou nas planícies litorâneas, você estará viajando por entre linhas, estradas e histórias que vão formar através dessa narrativa.

Elaborei como norte para essa investigação: Quais os elementos formativos são possíveis de serem captados na trajetória narrada pela escrita reflexiva desse professor de geografia? Pretendo, então, e venho assim caminhando, a partir do método da pesquisa narrativa me situar a partir do meu lugar e, por meio do espaço tridimensional desenhado por essa metodologia, entre o ir e vir retrospectiva, perspectiva e introspectivamente (CLANDININ; CONNELLY, 2011), pensar sobre as experiências da prática docente na minha formação, a partir desse arcabouço teórico-metodológico.

A narrativa é a grande ferramenta de operação nessa empreitada para mobilizar outro elemento relevante que vai auxiliar na reconstrução de pontos importantes, a escrita reflexiva. O recontar de histórias tendo como base esse método, vai colocar em movimento de (re)visitar e (re)pensar momentos operativos para a minha constituição, enquanto professor de geografia. O desenrolar do texto vai navegar por entre memórias do passado distante e recente, compondo pontos de interlocução com o contínuo processo de formação docente e os elementos geográficos que configuram toda essa paisagem narrada.

Como mencionado anteriormente, o denominado espaço tridimensional permite um colocar-se em questionamento e a ressignificação de passagens importantes de uma trajetória que é significativa por ser marcada por mudanças, viagens, lugares, paisagens e um constante movimento geográfico. Além de tornar-se crucial para refletir sobre as questões escolares atravessadas desde a infância até o magistério, os quais estão permeando esse ambiente da escola pública, como: a cultura, diversidade, movimentos migratórios, precarização, profissionalização e a formação.

Enquanto professor-pesquisador e a existência da necessidade de pesquisa, escrita e reflexão sobre a atividade cotidiana docente e sua formação, justifico essa investigação, principalmente, amparado na base metodológica que utilizo para tal investigação, que aponta para a ideia de acréscimo à outra percepção de sentidos sobre a experiência, enquanto educador.

O objetivo geral é analisar a minha formação enquanto professor de geografia pela trajetória. Em específico, objetiva-se: reconstruir uma narrativa com base em momentos marcantes da vida escolar e em aspectos geográficos e, ainda, refletir sobre os instantes formativos presentes desde a infância até a prática em sala, nas aulas de geografia por meio do jornal nas turmas de EJA.

A justificativa se dá pelo estado da arte levantado através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) por meio dos descritores “formação de professores”, “narrativa docente” e “geografia”. Além dessas palavras, o marco temporal entre os anos de 2001 e 2020 foram acrescidos para captar o movimento das duas últimas décadas através de dissertações.

É notório que dois produtos dessa “caça artística” aguçaram a curiosidade científica pela proximidade com que estão das minhas pretensões. Artigas (2019) revela a riqueza do olhar sobre entrevistas e cartas experienciadas em relatos autobiográficos de professores do campo, nesse sentido, atenta para a importância desse meio na instituição profissional. Silva (2020) traz a escrita docente (per)formativa no seu ato de inventariar os guardados e nas narrativas de sua vida, a fim de analisar a potencialidade de escrever para a docência.

As descobertas do estado da arte me fazem notar uma possibilidade nas investigações que se utilizam de narrativas, principalmente no campo da formação de professores de geografia e sua prática. O uso da escrita para construir a minha trajetória enquanto caracterizo e ressalto aspectos de sua geograficidade, presentes na vida e nas concepções que nascem e crescem no e para a docência.

No primeiro capítulo com o memorial de formação com amparo de Prado e Soligo (2007) e do recurso teórico-metodológico utilizado com Clandinin e Connelly (2011), assim como a intensa conversa com outros autores. Começando na infância, busco fazer uma trilha narrativa por momentos que me constituem, sejam eles pessoal e profissionalmente, até o momento em que ingresso efetivamente na docência. Assim como a presença da família, amigos, professoras e professores que auxiliaram a forjar esse que vos escreve. Numa história de vida marcada também por mudanças, viagens e paisagens, a geografia vai delineando e aparecendo até se tornar uma escolha. Como a narrativa se organiza por lugares passarei por vários deles nesse primeiro momento, como Barra Mansa-RJ, Alto Jequitibá-MG, Cruzeiro-SP, Guaratinguetá-SP e o aparecimento de Araruama-RJ como indicativo do futuro.

Durante o percurso do segundo capítulo, prossigo numa ideia de memorial de formação e com o intuito de esclarecer elementos da localidade onde iniciei no magistério e tive a oportunidade de propor aos alunos pesquisas para a composição de um jornal. Essa parte a ideia principal é a prática docente e o encontro com a sala de aula, desafios e as reflexões que culminaram nessa experiência didático-pedagógica que foi o jornal. A organização da narrativa pelo lugar fica mais clara com essa parte toda focada em Araruama-RJ como palco principal desse marco de formação.

No terceiro capítulo, trago os elementos do relato autobiográfico que produzi sobre a experiência da prática nas aulas de geografia com o jornal, os trechos desse material são colocados em diálogo com Castellar (2015), Freire (2011, 2019), Gatti (2010), Pontuschka et al. (2009) entre outros. A ideia é refletir sobre a atividade e os elementos formativos que são trazidos dos capítulos anteriores para serem pensados e nomeados. Caminhando entre essa transcrição e aprimorando a compreensão enquanto professor de geografia, encontram-se os erros e acertos no chão da escola.

A narrativa é uma formadora através da escrita reflexiva e os proeminentes diálogos possíveis com a geografia e a formação de professores. O atravessamento de questões na trajetória recontada é latente, e persiste desde os tempos do pré-escolar até o momento da atuação efetiva no magistério.

A geografia vai se delineando enquanto escolha e importância na vida e atuação profissional, assim como as escolhas em sala de aula enquanto professor são colocadas em questão, diante dos anseios e expectativas ainda enquanto aluno. O atual texto ainda se faz pertinente para leitura e reflexão de colegas em sala de aula, com o intuito de se apropriarem dos apontamentos, caminhos e escolhas e ainda se colocarem diante da importância de sua formação.

A composição desse texto faz-se ainda com o apêndice contendo o inventário e o relato autobiográfico, além de anexos com a versão finalizada do jornal da EJA, o projeto da EJART¹, folder e o cronograma desse evento.

¹ A EJART é uma mostra cultural realizada pela Secretária de Educação de Araruama contemplando atividades relacionadas as turmas de EJA, com apresentações de trabalhos e outras atividades artísticas e culturas de modo geral. O evento acontece uma vez ao ano sempre com temas distintos e vem ganhando consistência a cada edição.

1 POR ENTRE SERRAS E VALE, E NOS MARES DE MORROS: OS CAMINHOS DA NARRATIVA NA FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
(Francisco, el Hombre)

Olá, estou contente pela sua leitura até esse momento e anseio que siga comigo por esse “fio” que comporão esse *thread*² de pesquisa. De início, farei um elencado de momentos da vida que são significativos para a minha formação, especialmente como um professor de geografia. Recortes de lembranças na escola e familiares, bem como em lugares característicos me ajudarão a discutir a geografia e o aprimoramento docente.

Preciso começar contextualizando a situação que esse projeto de pós-graduação foi ganhando corpo e se tornando enfim uma dissertação, quando os cálculos de mortes em nosso país devido a pandemia³ do novo coronavírus – SARS Cov2 (COVID19) está tristemente na casa dos milhares. Depois de variar entre um comportamento de cautela pela contaminação comunitária inicial, veio o negacionismo do governo federal, que não apoia a educação, a ciência e, nesse momento, o isolamento social, principal mecanismo de contenção para a disseminação do vírus.

Nos estados e municípios ainda temos pequenos fios de esperanças aqui e acolá, mas sempre pressionados pela necessidade do capital em flexibilizar as restrições de circulação de pessoas e normalizar o funcionamento dos estabelecimentos. Esse cenário tem oscilado enormemente, e os professores oscilam de heróis a vagabundos, como em um passe de mágica, para uma parcela de fanáticos apoiadores de nosso presidente do país.

O cenário é complexo entre os profissionais da educação pela resistência na luta em prol da vida em seus intensos deslocamentos e o exercício em ambientes fechados, sem o devido cuidado e higienização, em um casamento perfeito composto pela falta de estrutura e investimentos. As unidades de ensino acabam sendo a tempestade perfeita reunindo as diversas condições ideais para o exponencial aumento da transmissão do vírus.

O fato é que a vida virou um desafio a vida nesse país de disseminação descontrolada de covid. A conclusão do restante das aulas de mestrado já foram um enorme obstáculo para os educadores e educandos, assim como o andamento das investigações. A preocupação com amigos, colegas e familiares expostos a política da morte estabelecida pelo nosso governo federal que insiste em ação falhas como a falta de controle da doença, o negacionismo declarado e outras conveniências corruptas me assustam.

Aconchegar-se em algum canto de casa para ler ou escrever virou um refúgio para se desconectar das mazelas que as redes sociais e o noticiário se transformaram. Mas também é uma barreira pela dificuldade criativa da necessária abstração para compreender a teoria e desenvoltura da composição de sua prática, tanto perante a tela do computador ou nos livros e artigos.

² Alusão ao recurso da rede social twitter que permite ao usuário fazer vários “tweets” aglutinados, utilizados para explicar uma determinada situação complexa e/ou que exija uma descrição densa. Nesse caso, pensando em cada capítulo como um grande “tweet” e a dissertação como um fio que abraça e comporta toda a questão.

³ A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou em 11 de março de 2020 a COVID-19 como uma pandemia. Essa classificação deu-se em um momento que o vírus está se disseminando por várias partes do globo terrestre, geograficamente espaçado (OPAS/OMS BRASIL, 2020).

Diante dessa cena trágica, tenho a necessidade de prosseguir com a pesquisa, e assim vou conduzindo para apresentar o roteiro das próximas páginas. A partir da metodologia da pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2011), e em especial nesse capítulo com o memorial de formação, buscar por elementos formativos em minha trajetória. O marco temporal delimitado será da infância nas experiências escolares até a entrada na carreira do magistério, utilizarei ainda como forma de aglutinar esses acontecimentos o conceito de lugar.

Então, sobre esse conceito geográfico Santos acrescenta uma fala importante:

Assim, cada lugar é o resultado da combinação espacialmente seletiva de variáveis diferentemente datadas. É a seletividade com que os diversos aspectos do moderno realizam o seu impacto sobre um lugar determinado que se deve a diferença entre os lugares; e a combinação particular de variáveis diversamente datadas constitui o *tempo espacial* próprio a um determinado lugar (SANTOS, 2020b, p. 106) [grifos do autor].

Como bem disse, lugar tem uma especialidade, e é diferente de outros recortes. Essa primeira impressão dá uma boa dimensão da especificidade dos vários lugares que essa narrativa transitará. Passarei por diversos lugares que acrescentaram na formação geográfica e no conhecimento deles, ressaltando assim sua importância que nos revelaram suas nuances. Caminhando por diversos tempos espaciais, trilharei um caminho formativo único em prol do desenvolvimento dessa narrativa geográfica e biográfica.

Esse recorte temporal que será apresentado se passou em vários municípios, agruparei os elementos formativos a partir de cada um desses lugares, espaços de vivências que possibilitaram um constante aprendizado para o curso de licenciatura. Diante de toda essa prospecção desafiante fiquei pensando em uma materialidade além do texto.

Mapa 1 – A cartografia da narrativa formativa entre distâncias, histórias e lugares.



Fonte: Rocha (2020)

Então, apresento uma representação de toda a vivência ilustrada e concentrada na forma de um mapa, como pode ver no Mapa 1. O apoio na cartografia vem para permitir a você, caro leitor, uma ideia de espacialidade em por onde ocorreram todas essas “andanças” e experiências. Como um jeito de eventualmente descobrir novas lugarejos ou outras percepções daquilo que pode já ser costumeiro para suas viagens e aventuras por aí.

O mapa ajuda a navegar por essa história e (re)construir caminhos, escolhas e momentos que compartilho, é uma possibilidade de (re)viver geograficamente os instantes que educaram e me constituem enquanto profissional da educação em uma ininterrupta formação por entre lugares, fatos, paisagens e diversos outros recortes.

Os mapas e imagens sempre ecoaram com muita alegria desde criança, ainda nas séries iniciais com oito anos, ganhei um atlas com representações físicas, políticas em seus inúmeros recortes, seja nacional, continental e/ou regional. A viagem que aquelas páginas me proporcionavam fazia com que horas parecessem instantes. Muitos países e cidades foram aprendidos a partir daqueles momentos de visitação.

A presença de um dragão-de-komodo possibilitou um aprendizado enorme, sei ainda que no decorrer dos anos escolares tinha em mente certa construção da ideia de país, estado e continente que atualmente é algo complexo para ensinar. Pelo planisfério fui sem sair de casa a Nova Zelândia e a Austrália, países pouco mencionados em nosso cotidiano de notícias pelas nossas fontes de informações.

Portanto, espero que a representação da espacialidade narrativa lhe incentive a devanear comigo nessa jornada de mudanças e incessante busca por entre os elementos formativos. Mas veja bem e imagine uma vida de idas e vindas por entre estradas, representadas pelos suaves traços cinza claros que ligam esses pequenos “pontinhos” redondos que posicionam os municípios. Aparentemente uma bagunça, não? Qual a lógica ou sequência disso tudo?

Bom, imagine a potencialidade de histórias de quem foi e voltou por esses caminhos por anos a fio, e ainda segue eventualmente (re)fazendo todos esses quilômetros. No entanto, para imergimos de vez nesses acontecidos preciso realizar esclarecimentos a respeito de como se desenrolará tudo isso.

Nesta tarefa, me guiarei com esse recorte, entenda que: “O Memorial de Formação consiste em um gênero em que o autor é, ao mesmo tempo, narrador e personagem; é a narrativa da própria história que se constrói e (re)constrói em um movimento ininterrupto do vir-a-ser gente, educador ...” (FERNANDES; PRADO, 2010, p. 2). Portanto, farei um percurso entre pontos distintos e passos importantes que refletem na escolha e atuação profissional.

Então contarei histórias que compõem um sentido elaborativo para a formação profissional, como um narrador e personagem principal, quase um criador e criatura dessa narrativa. Desde o início me encantei com esse gênero textual e os trabalhos dos pesquisadores narrativos, a partir daí essa opção metodológica tornou-se um caminho sem volta.

O revisitar as passagens da vida traz um ganho de novos sentidos para a atualidade, em um conjunto de emoções que inundam e são combustível para as mudanças e outras percepções. Na esteira da pesquisa narrativa e nas leituras sobre o memorial de formação o que mais ressoa em mim é a sensibilidade presente em cada canto da escrita.

No momento de recrudescimento em que apesar dos recentes ganhos políticos e sociais de alguns grupos como as mulheres, negros, índios e os LGBTQIA+⁴, o sentimento e a

4 Essa sigla tem sido comumente utilizada atualmente, e abrange uma variedade maior de identidades de gênero. Maiores informações no link: <<https://projeto colabora.com.br/ods16/por-dentro-das-siglas-da-comunidade-lgbt-e-seus-significados/>>. Acesso em: 21 nov. 21.

emoção são escamoteados. O simples cuidar de si (e do outro no caso da contaminação e transmissão da covid-19) com a máscara virou objeto de ridicularização, com sentenças como “frescura”, “maricas” e/ou “comunista”.

A partir dessa perspectiva, sigo uma marica fresco e comunista me preservando dentro das possibilidades de saídas à rua para o trabalho e as atividades urgentes da cotidianidade. Em toda essa truculência e contexto, aproveito para elucidar o meu lugar e/ou posição como uma pessoa cisgênero, homem e homossexual. Diante desse local, sigo firme escrevendo, sorrindo e cantando assim como já dizia a canção de Gilberto Gil (1982) “andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiá”.

Foto 1 – O olhar sobre o morro em Barra Mansa-RJ



Fonte: acervo do autor

Diante das calamidades e adversidades, agora volte ao mapa e navegue por ele comigo, imagine que estamos em um jogo de tabuleiro, gosta? O nosso começo é a “bolinha” com o centro branco, mais especificamente a municipalidade de Barra Mansa⁵. Estrategicamente localizada com uma proximidade dos estados vizinhos e de duas capitais importantes nacional e regionalmente.

Este primeiro lugar concentrará histórias e momentos nessa narrativa, a cidade supracitada está colada ao estado de São Paulo, e muito próxima a Minas Gerais, por isso em suas redondezas foi construída décadas atrás a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que foi “motor” para o desenvolvimento da indústria brasileira e, impulsionou a migração para a

⁵ Com o intuito de apresentar um aspecto que pudesse dimensionar geograficamente os municípios citados trarei a população estimada, que nesse caso é 184.833 pessoas < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/barra-mansa/panorama>>. Acesso em 06/09/2020.

região sul do estado do Rio de Janeiro, vide Foto 1 com vista parcial dessa industrial tirada do bairro em que morei em Barra Mansa. O céu entre nuvens e fumaça na paisagem ao longe com a urbanização auxilia a enfatizar a complexidade da presença da CSN na região.

Nesse *boom* de pessoas que vinham para a região sul fluminense, meus pais vieram do interior de Minas Gerais, e se estabeleceram por longos anos. E então, nasci no ano de 1989 e morei por ali, em Barra Mansa, durante uns seis anos. Aquele lugar foi o espaço onde obtive as primeiras experiências escolares e algumas ideias e significados foram se fazendo.

Quando penso em lugar estou abstraindo uma parte dessa totalidade para compreender melhor os acontecimentos e as relações que se dão por entre as pessoas, os objetos e elas e eles, esse exercício de imaginação permite o entendimento geográfico dos fenômenos que se passam por ali (SANTOS, 2020a).

Na minha terra natal foi onde obtive as primeiras experiências escolares, passando primeiramente pelo terraço da casa de uma vizinha, que recebia as crianças pela tarde para fazer um acompanhamento com algumas atividades. Mas o expressivo mesmo foram as vivências obtidas na pré-escola.

No começo, a matrícula significava a possibilidade de utilizar o transporte coletivo para ir e voltar, para uma criança de seis anos de idade e moradora de um bairro periférico, isso era um princípio da inclusão na cidade. Devido às dificuldades financeiras, o uso do ônibus para ir ao centro da cidade, passeios e eventos era muito restrito.

Como estou falando de cidade, é preciso lembrar que ela só é possível graças a uma série de inovações e avanços da técnica realizada pelo ser humano, que permitiu o acúmulo de alimentos e outros bens necessários para a vida de tanta gente junta em um determinado e delimitado espaço urbano (SANTOS, 2012).

O primeiro dia na “escolinha” foi um tanto quanto diferente, naquele começo tumultuado com muitas crianças chegando com seus responsáveis e as funcionárias recebendo todos e acomodando-os. Para começar fomos todos para uma sala grande onde nos reunimos em círculo, e as professoras começaram a oração da Ave Maria.

Pode ser que esse seja um gesto natural para você, porém quem estava acostumado e dirigindo única e exclusivamente para uma única religião, evangélica ou cristão protestante, foi um choque. As novidades daquele momento não paravam de acontecer, logo naquele ato de reconhecer e se situar no ambiente olhando por todos os cantos consegui avistar num canto bem no alto a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Apenas com os fatos descritos até agora alguém poderia se apontar um trauma, um susto, o questionamento da existência de estado laico, entre outros pontos. Mas esse fato é importante por ser um momento em que foi posto a convivência com o diferente. Enquanto estamos convivendo reclusos no ambiente familiar é possível que fiquemos cercados pelas mesmas ideias, costumes, religião e todo esse caldo de cultura que forma o ser humano.

Portanto é fundamental afirmar que: “Lutar para que o espaço da escola seja efetivamente laico talvez seja a nossa melhor ferramenta para evitar conflitos.” (BOTELHO, 2019, p. 119). A autora ainda segue discutindo sobre religiões e a laicidade na escola: “A laicidade não implica em ser antirreligioso, mas em criar um espaço de convivência discursiva entre as diversas religiões e o seu trato pedagógico.” (BOTELHO, 2019, p. 119).

É claro que fiquei muito assustado com toda aquela situação, e eventualmente não acredito que devemos levar para a sala de aula a criança A ou B, somente todas elas. A partir dali, comecei a compreender outros costumes, para além da ideia de criança única que minha família transparecia.

A junção que a escola pública faz em suas salas de aulas é importante para expor aquilo que é diferente, que para o outro poderia ser estranho, fora da casinha. Após alguns dias já estava completamente apaixonado pela convivência com os colegas, diante de todas as suas especificidades, e não perdia sequer uma aula.

Então naquele bairro conhecido na cidade pelos seus casos de violência, tinha uma composição social diversa, e teve um impacto significativo nas primeiras impressões escolares. A relevância dessa experiência é ressaltada agora, e em outras diversas vivências onde foi crucial saber da existência do outro.

No terreiro de umbanda que ficava logo na curva pouco mais de um quilômetro de casa, no caminho para a escola, a professora testemunha de Jeová e as outras que realizaram a reza naquela abertura de ano letivo. Como bem diz Doreen Massey: “As relações econômicas, políticas e socioculturais, cada qual cheia de poder e com estruturas internas de dominação e subordinação, estendem-se pelo planeta em todos os diferentes níveis, da família à área local e até a internacional.” (MASSEY, 2000, p. 184).

No município de Barra Mansa ainda vivi outro episódio significativo para discutir nessa narrativa, acompanhe comigo, a representatividade e a diversidade seguiram sendo importantes e ausentes nos lugares por onde transitava. nessa outra situação o palco já era uma nova etapa escolar, o ensino médio.

Primeiramente para abordar isso eu preciso contextualizar que no período em que cursei o ensino fundamental, morando em Minas Gerais, presenciei um recorde educacional que não apresentava e ressaltava gays, lésbicas, entre outros. É complicado para mim inclusive fazer essa descrição, como retratar um ambiente em que qualquer comportamento fora do padrão seja reprimido, julgado e hostilizado.

Ainda é possível exemplificar a fundamentação dessa diferença, segundo Santos: “Homens que tiveram a mesma formação e que têm as mesmas virtualidades, mas estão situados em lugares diferentes, não têm a mesma condição como produtores, como consumidores e até mesmo como cidadãos.” (SANTOS, 2020b, p. 21). A vida acontecendo de modos diferentes de acordo com a localização do sujeito, o que ajuda a compreender tal situação.

Mas como nesse momento pretendo citar acontecidos em solo barra-mansense, a transferência para aquela escola em que se tinha um leque de diversidade naquela juventude que estudava por ali. Ora, tinha desde o negro, homossexual, lésbica, funkeiro, roqueiro, emo e todas as tribos e grupos que conviviam no mesmo espaço escolar, sem conflitos ou julgamentos.

A oportunidade de viver no ambiente que havia certa repressão tradicional, e após isso no outro lugar o que é que ela moral não fazia sentido, ajuda a conceber a falácia em que discursos em que defendem uma união contra a ideologia de gênero são infundados, sem levar em consideração a multiplicidade do ser humano enquanto produtor de cultura, costumes, música, comportamentos etc.

O movimento que possui um fundo cristão e que inventou a dita ideologia de gênero, tenta disfarçar sua origem e se mascarar com proposições infundadas para se legitimar. A partir desse espantalho criado, profere mentiras e tenta tumultuar o pouco de representatividade e segurança jurídica conseguida recentemente nas esferas legais de nosso país (JUNQUEIRA, 2019).

Perceba que nessa época, não havia discussões de gênero ou sexualidade nas salas de aula, os professores falavam e defendiam o respeito entre os colegas, mas sem debater ou colocar quais eram essas especificidades. As questões raciais apareciam com mais evidência, estava ali o contexto para a implantação do feriado de 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra.

Mas a aceitação que toda aquela diferença comportamental tinha entre os pares que conviviam naquele espaço era elucidativa. A pluralidade que comento nessa narrativa, pode ser mais bem entendida nesse trecho de Junqueira:

Os "defensores da família natural" anseiam em promover a restauração ou, ainda, uma remodelagem conservadora do estatuto da ordem social e sexual tradicional, de modo a reafirmar sua hegemonia, reiterar seus postulados, hierarquias, sistemas de poder e estruturas de privilégios. Nesse sentido, eles também atuam em favor da colonização da esfera pública por interesses privados, familistas e religiosos. Isto é algo que se evidencia quando reivindicam a primazia da família na educação dos filhos, e se desdobra em ataques a currículos, à autonomia docente, às políticas inclusivas, às instâncias de administração e regulação da educação, a escolas e docentes em nome de um "direito a uma escola não ideológica", "sem gênero", "sem doutrinação" ou "sem partido" (JUNQUEIRA, 2019, p. 139).

A ideia de família natural e conservação de costumes ressoa um tanto quanto colonial, essa pressão para se enquadrar em comportamentos, nesse caso o padrão heterossexual, fere a dignidade e a expressão daqueles que estão ali tentando se entender e buscando seu lugar no mundo, se descobrindo.

A liberdade de ser estar no espaço destoa dessa repressão no corpo, todo esse arranjo tradicional está presente nos discursos dos indivíduos e é internalizado inconscientemente. Ainda para acrescentar a essa discussão, trago um trecho que achei pertinente:

Em linhas gerais, poderíamos afirmar que, ao estabelecer este percurso móvel e mutável, pudemos observar e analisar alguns processos cujo centro é o corpo e a forma como tais processos educam. Ao criarem regras e comportamentos comuns, usos comuns do corpo, induzindo indivíduos a cuidarem de si, de sua aparência e, nesse movimento, a se protegerem de suas próprias forças e impulsos, esses processos contribuem para assegurar a vida em sociedade e as trocas entre as gerações (SOARES, 2014, p. 223).

Então, na educação do corpo que naquele outro espaço rompia aos poucos com os ditames conservadores, e diferentemente do interior mineiro, a paisagem do lugar transbordava outros jeitos e modos de ser e estar. Entretanto, ainda existem muitos esforços a serem empreendidos para romper com tais regras e comportamentos que vem no sentido de reprimir a diversidade.

Adiciono uma ressalva fundamental para os avanços no enriquecimento do meu texto a partir da participação da professora Dra. Anita Loureiro de Oliveira na qualificação, os autores e as críticas para os encaminhamentos postos até aqueles instantes me permitiram uma melhor compreensão. Porém, como a premissa do recorte, avanços nesse sentido ficarão para outro momento.

A experiência de ter me reencontrado com tanta diferença é crucial para o meu entendimento da importância de se debater temas como gênero e sexualidade, saúde mental, bem-estar, possibilidades profissionais entre tantas outras questões que passam pelos conteúdos e transcendem, significando por toda uma vida do aluno.

É interessante observar que toda essa situação descrita como o cenário de multiplicidade com uma liberdade maior daquela que estava acostumado, não é um mundo perfeito muito menos ideal, existiam muitos problemas e conquistas que ainda atualmente precisam ser buscadas nessa eterna corrida do ser humano por completude e sentido (FREIRE, 2019).

Há uma necessidade de defender um projeto de educação democrática e plural, esse "caldo de cultura" que a escola pública me proporcionou mexeu com os rumos daquilo que eu

pretendia ser. Desde a coragem para se permitir descobrir outras paixões além do padrão heterossexual, até a ousadia para ir rumo à universidade.

Bom, por enquanto acredito que essa narrativa precisa se mover por aquele “tabuleiro” ou modéstia parte, aquela “obra-prima” cartográfica. Prossigamos para apresentar um novo lugar e com isso trazer para esse debate mais elementos formativos, a fim de compor esse memorial de formação.

Como acabei de fazer menção ao gênero textual usado, é bom lembrar que: “O modo como o narrador constrói essa problemática não é estático, do ponto de vista histórico e cultural – expressa um determinado tempo histórico [...] acontecimentos narrados fazem referência a outros tempos, a outras circunstâncias” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 49).

A escrita vai pelo caminho do mapa e, pense que estamos nos movendo agora lá pelas bandas de Minas Gerais, para o destino de Alto Jequitibá⁶. Esse outro lugar acrescentará a narrativa de outras composições. Para contextualizar, estive morando nesse município durante alguns anos de minha vida, entre aproximadamente os sete e os quinze anos de idade. A mudança foi brusca e repentina, mas do ponto de vista das experiências, posso ver hoje que foi um tanto quanto pedagógica.

A partir do mapa da espacialidade narrativa, perceba que nessa época estava residindo em um lugar bem especial, do ponto de vista geográfico. Estrategicamente situado na divisa com o estado do Espírito Santo, aos pés da Serra do Caparaó, inclusive com uma privilegiada vista dela, e um dos pontos mais altos do país, o pico da bandeira.

Foto 2 – Um trecho da Serra do Caparaó do terraço de casa



Fonte: acervo do autor

⁶ Apresenta uma população estimada nesse ano de 8.318 pessoas < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/alto-jequitiba/panorama>>. Acesso em 06/09/2020.

Com uma localização específica, o interior do interior, ainda presencia uma vivência que além da fronteira política, a natureza se delimita como uma barreira, seja pelas distâncias ou pelos morros e serra que compõe uma delimitação para aquela urbanidade local que esboça pouco ou nenhum crescimento (SILVEIRA, 2006).

Desde a varanda de casa era possível avistar todo o esplendor daquele relevo, às vezes entre nuvens, mas sempre como uma paisagem bela de ser contemplada, como é possível observar pela Foto 2. No inverno ou no verão, suas tonalidades sempre ressaltavam a beleza da natureza. Infelizmente, nunca fui um explorador ao ponto de chegar ao cume do pico, apenas alguns passeios familiares e escolares pelas suas trilhas, estradas e cachoeiras.

Aquela cidade pequena lá no interior foi o cenário, ou melhor, a paisagem por onde andei, estudei e me formei humana e socialmente. Sei que atualmente existe uma dificuldade em distinguir a zona urbana da rural, pela própria dinâmica econômica e social, mas aquele lugar tinha a forma e o conteúdo da ruralidade, seja pelo tempo, ritmo e produção das coisas (SANTOS, 2012).

O início da vida letiva em Minas foi intenso e com direito à rejeição e à evasão, com o adiamento do começo da primeira série. A mudança é bonita, mas não é tão facilmente assimilada, principalmente no campo infantil, e o contraste com a escola local foi enorme. A professora e os colegas pareciam muito diferentes daquilo que estava acostumado, me chamava a atenção a sala única para a escola e apenas uma professora. Tinha o caminho a pé que demorava cerca de quarenta minutos, diferente do ônibus dirigido pelos conhecidos motoristas que faziam a linha do bairro e deixavam na porta.

No ano seguinte fui novamente matriculado na “escolinha” da zona rural, às margens da estrada vicinal de terra com outra professora, a conhecida Silimar. Ela passava todos os dias em frente à minha casa com sua kombi branca, e levava diversos alunos juntos quase que por uma jornada pedagógica.

Apesar de simples aquela escola comportava inúmeras complexidades e desafios, foram muitos os colegas que ano após ano abandonavam aquele primeiro momento do ensino fundamental em busca do trabalho, pelas dificuldades, entre tantos outros motivos. Inclusive vários foram familiares que não concluíram nem os anos iniciais, nesse caso buscando nas cadeiras da escola apenas o básico para a sobrevivência.

Nessa reflexão me vem à mente um recorte simbólico do didatismo e reflexão de Paulo Freire: “O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o dos que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório.” (FREIRE, 2019, p. 188). Seria impossível ser mais certo do que nosso grande educador e patrono da educação brasileiro.

Enquanto discutirmos e pensarmos na evasão escolar apenas como uma simples fuga da instituição que é pública e por isso de graça, deixa-se de compreender a complexidade que é para muitas famílias brasileiras manter os filhos frequentando a sala de aula. A realidade da dificuldade em concluir os estudos básicos é enorme, portanto, é preciso garantir não só o acesso, mas a permanência.

No período em que morei em Minas Gerais essa foi uma realidade muito comum, inclusive nos anos em que já cursava os anos finais do ensino fundamental. A cada novo ciclo letivo iniciávamos com menos um ou dois estudantes em sala de aula. Parece que de tão comum aquela realidade era banalizada, todos os profissionais pareciam conformados.

Porém aos poucos um ou outro retornava as cadeiras da escola, alguns migravam para o turno da noite e outros desistiram de vez. A época da colheita de café era um grande divisor anual que tirava permanentemente alguns do colégio, e tinha aqueles que eram emprestados por alguns meses para colaborar com suas famílias na complementação de renda que essa atividade representava por ali.

Desde a primeira série com a Silimar, visse nos estudos uma oportunidade para me dedicar e futuramente voltar formado. Esse ideal construído a partir daquilo que se projetava da professora, família e conhecidos da educação como possibilidade de “ser alguém na vida”, de fato me colocou em movimento com sonhos a seguir, mas não propriamente garantiu algo.

Vencer na vida - pura e simplesmente – por meio dos estudos coloca o estudante como um objeto passível de investimento em educação, que futuramente renderá. Tal fato mascara a questão da desigualdade social e de condições para permanência na educação que diversos estudantes possuem nas mais diversas regiões brasileiras, e só serve para uma aparente meritocracia e falsa possibilidade de ascensão social (FRIGOTTO, 2010).

O discurso da meritocracia permeou toda a trajetória escolar até a graduação. Atualmente é possível perceber o quanto ela é problemática partindo de uma sociedade de classes com um abismo social, tanto local quanto globalmente.

Apesar de tudo isso, essa ideia de êxito por intermédio dos estudos era periodicamente reforçada pelos colegas que não viam sentido na escola e eventualmente desistiam para ajudar os pais nos cuidados com a lavoura de café e nas possíveis necessidades que surgissem, ou nas oportunidades de galgar um extra em propriedades vizinhas de conhecidos e/ou parentes.

Contraditoriamente, esse cenário reforçava meu desejo por outro futuro e assim me empenhava ainda mais nas tarefas e lições de casa, estava canalizando pela via da educação a possibilidade de mudança, futuro e êxito na vida, como se o acesso à escola e os estudos fossem capazes de resolverem todos os problemas, antes fosse.

Diferente de quando era estudante no fundamental, percebo a diferença e necessidade das distintas ocupações em nossa sociedade e de quanto é duro a divisão internacional e social do trabalho, com a separação e especialização entre o físico e o mental. É fundamental a existência de pessoas que plantam e colhem alimentos, em especial nas pequenas e médias propriedades e assim permitem que tenhamos opções nos mercados, feiras e outros comércios na cidade.

Acrescentando no entendimento de direitos e cidadania, Santos diz que:

O simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos, apenas pelo fato de ingressar na sociedade humana. Viver, tornar-se um ser mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, a chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e a uma existência digna (SANTOS, 2007, p. 19).

Antes tivesse uma consciência de classe para entender melhor as prerrogativas que ser um brasileiro me concedia. Que pelo menos na letra da lei maior, nossa Constituição de 88, haveria uma série de premissas à possibilidade uma existência meramente digna. Porém, na nossa abissal desigualdade vemos que é uma letra quase sem vida ou morta.

A oportunidade de vivenciar outra realidade talvez pudesse fazer com que aqueles alunos enxergassem a importância da educação, mas o fato é que existiam empecilhos em superar as barreiras no aprendizado, ainda mais sem o apoio de seus responsáveis. O básico era a conclusão dos anos iniciais, antiga quarta série, para possuir um nível básico de instrução. Caso houvesse dificuldade, existia a fuga ou a matrícula na educação de jovens e adultos, e uma via de se utilizar alguém que fizesse esse acompanhamento como um trabalho voluntário de instrução básica.

Na época, e durante muitos anos, um primo formado em geografia fazia o acompanhamento de alunos mais velhos que desejavam aprender a ler e escrever, era um trabalho sem fins lucrativos executado no terraço ou varanda de sua casa à noite. Naquela

localidade havia um público iminente para a EJA, em decorrência da evasão escolar diante da falta de oportunidades e recursos para permanência e continuidade da escolaridade.

Na esteira dessa atitude, ainda trago outra com relação entre adultos e a educação, um elemento que me conectou a realidade da EJA. “Como diz Freire: “Programados para aprender” e impossibilitados de viver sem a referência de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.” (FREIRE, 2011, p. 82). Era um lugar com muito para se fazer, como em vários outros.

Em um trabalho ainda na segunda série para a então denominada disciplina de estudos sociais, união da história e geografia que causa arrepios nas duas áreas, cujo requisito básico era a pesquisa e composição de cartaz sobre os meios de transportes, seja do ar, terra e água.

Quando me sentei à mesa de casa para começar a executar já com cartolina, revistas ganhadas de conhecidos, tesoura e cola, veio o desespero para organizar e compor tudo aquilo. A minha mãe veio tentar orientar sobre a atividade sem êxito, mal compreendia os aspectos envolvidos e até hoje possui dificuldades na escrita e leitura, idem meu pai. O recém-chegado irmão salvou-me, auxiliando na composição do trabalho que figurou entre os mais bonitos da turma com elogios da professora, não poderia ser melhor!

Contudo, naquele episódio me escapava detalhes que apenas anos depois conseguiria dimensionar e, atualmente como professor que possui experiência com turmas da educação de jovens e adultos posso compreender. O sentimento de aflição que meus pais viveram não podendo me ajudar devido a sua baixa ou nula escolaridade. Meu pai atuou em diversas atividades profissionais, se destacando dentre elas como pedreiro, estudou até a quarta série, ao tempo que minha mãe, com uma vida toda dedicada ao cuidado doméstico e à criação dos filhos, teve experiência estudantil até a segunda série.

O analfabetismo e a baixa escolaridade são constantemente colocados como um problema social, motivo de constrangimento e culpa para aqueles que convivem com isso e não tiveram a oportunidade de continuar os estudos. Normalmente a dificuldade pode ser ignorada e deslocada para diversos fatores assim como a ausência dos óculos, burrice, entre outros (CIPINIUK, 2017).

Na localidade, a opção e o gosto pelos estudos me tornavam diferente, além daquele que veio da “cidade grande” que na realidade é uma cidade média, afastava para fora aquilo que era considerado normal para as crianças e em especial aos meninos daquele lugar, que tinham uma atração pela vida no campo.

Olhe que ainda podemos dialogar mais um pouco com Paulo Freire quando discute sobre a educação contextualizada e os temas geradores:

Sendo os homens seres em “situação”, se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria situacionalidade, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica, por isto mesmo, algo mais que estar em situacionalidade, que é a sua posição fundamental. Os homens são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão (FREIRE, 2019, p. 141).

A facilidade com que o autor discute uma educação situada nas problemáticas do homem e mesmo do local, quando menciona não só o tempo, mas o espaço como um fator determinante para marcar o ser humano. Então, estando nessa situação poderíamos naquela época ter debatido nas aulas de geografia, história, ciências, matemática e todas as outras

áreas do conhecimento acerca daquelas questões postas em nosso cotidiano, para uma educação libertadora.

Na falta de problematização das questões locais, o modelo de ensino tradicional era empregado desde as séries iniciais. Nos atoleiros dos períodos de chuva, em que a kombi da professora quase agarrava ou patinava naquela estradinha, até o inverno de sol a pino com poeira e seca.

Uma primeira série recheada de musicalidade na junção do B com o A para fazer o BA, B mais o E formando o BE, e assim por diante, fui aos poucos me reinserindo no universo escolar e ganhando ferramentas para uma leitura de mundo. Aquela professora poderia ser definida como “plena” ou “poderosíssima”, conseguia entrelaçar e compartilhar da sua atenção, carinho e puxões de orelhas para todos os alunos.

Óbvio que daquela experiência veio um pouco da ideia romântica do magistério, algo que vai à contramão da luta pela profissionalização e reconhecimento de tal carreira, que segundo um professor da graduação dizia em muitas de suas aulas, chamados de “anjos”. Entretanto, esse seu esforço docente em várias frentes extrapolava com certeza a remuneração que ela recebia naquela prefeitura.

A educação brasileira enfrenta problemas e desafios estruturais, principalmente nas condições de trabalho e remuneração dos professores, nosso país está entre os que menos gastam por aluno, numa conta que leva em consideração em especial o salário de seus docentes em sala de aula (PINTO, 2019).

Na realização do memorial ou qualquer outro tipo de pesquisa narrativa a ideia de situar-se nos entremeios permite ao professor, pesquisador ou professor-pesquisador estar num ir e vir, metaforicamente numa constante viagem, como numa constante entre Alto Jequitibá x Barra Mansa, e nesse percurso repensar seus fazeres, métodos e práticas através de sua escrita, diálogo com autores e especialistas num diálogo acadêmico ou na troca entre os pares, diante das opções de composição textual (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

A tensão de navegar por entre momentos que entregam um pouco mais do “eu” e em outros que desnudam teias de relações que criamos junto com outras pessoas e, portanto, precisam ser (re)contadas com cautela, cuidado e respeito aos sujeitos atores e participantes dessa jornada formativa.

A conexão que vai tecendo-se, os nós da história vão permitindo a construção de uma teia de sentidos e a linha narrativa que tem em sua gênese a experiência da constituição desse professor de geografia em sua atuação com jovens e adultos, principalmente. Nesse trecho destacado a seguir, Prado e Soligo pontuam algumas nuances presentes num memorial de formação:

O propósito [...] é reunir algumas contribuições que permitam compreender melhor o memorial de formação como um gênero textual privilegiado para que os educadores – enfrentando o desafio de assumir a palavra e tornar públicas as suas opiniões, inquietações, experiências e memórias – escrevam sobre o processo de formação e a prática profissional (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 46).

Aos poucos vou expondo marcas e dando sentidos a esse texto na intenção de (re)viver e (re)pensar minha experiência formativa enquanto educador. A possibilidade de buscar em outros tempos distantes e distintos, situações que seguem inalteradas e agravadas pela desigualdade social podem (e devem) alternar as perspectivas do pensar e agir ao entrar na próxima turma.

Ainda em Alto Jequitibá foi possível experienciar o conservadorismo nos anos finais do ensino fundamental, em um colégio que antigamente foi uma instituição evangélica, a estrutura ainda pertencia a essa igreja. Sobre isso posso pensar com o autor que diz:

A relação do sujeito com o prático-inerte inclui a relação com o espaço. O prático-inerte é uma expressão introduzida por Sartre, para significar as cristalizações da experiência passada, do indivíduo e da sociedade, corporificadas em formas sociais e, também, em configurações espaciais e paisagens. Indo além do ensinamento de Sartre, podemos dizer que o espaço, pelas suas formas geográficas materiais, é a expressão mais acabada do prático-inerte (SANTOS, 2020a, p. 317).

Portanto, havia ali nas formas a presença de toda a cultura do passado materializada, além de ainda ressoar forte como transpirando por aquelas paredes e construções imponentes os ditames cristãos, a saudação a Pátria, os desfiles cívicos e todo aquele patriotismo que manchou por décadas a história de nosso país, e ainda ressoa atualmente.

A maioria dos professores dessa época me marcaram com seus estilos, peculiaridades afetivas e emocionais, além dos aprendizados distintos suscitados por entre a conclusão daquela etapa estudantil. Com um olhar contemporâneo, posso perceber a dificuldade para se adaptar a tradição religiosa e heteronormativa, felizmente essa forma é algo que não se faz necessário se moldar por inteiro.

O diálogo se constituiu como algo fundamental nessa relação de professor e aluno e uma ponte para a abertura a tudo que era proposto em classe, desde as pesquisas e trabalhos em grupos que eventualmente demandavam uma reunião com colegas no contraturno até dinâmicas internas daquela instituição.

A vivacidade e relevância dessas passagens me colocam a pensar sobre as escolhas e seus reflexos nas atitudes enquanto professor, e assim trago para a composição esse trecho em que Tardif escreve sobre o processo formador:

Nessa perspectiva, o saber dos professores parece estar assentado em transações constantes entre o que eles são (incluindo as emoções, a cognição, as expectativas, a história pessoal deles, etc.) e o que *fazem*. O ser e o agir, ou melhor, o que *Eu sou* e o que *Eu faço* ao ensinar, devem ser vistos aqui não como dois polos separados, mas como resultados dinâmicos das próprias transações inseridas no processo de trabalho escolar (TARDIF, 2014, p. 16) [grifos do autor].

Nas memórias compartilhadas apareceram parte considerável do que constitui o que sou, fragmentos que auxiliam na montagem da visão de mundo e as expectativas e projeções sobre um futuro possível além do desejo de outra realidade. Em muitos momentos ressaltam-se traços de antigos mestres, atitudes e valores que tive contato ao longo dos anos.

A concepção do autor sobre o saber dos professores traz nuances importantes para compreender nossos fazeres e dos colegas, essa ideia de embasarmos a partir de referências passadas e diversas vezes anteriores a nossa formação na graduação ganha relevância a partir dessa construção memorial. Basicamente somos uma junção em que se misturam nossa história, visão de mundo, formação, experiências e assim no final temos o resultado de tudo isso, sendo algo parcial e constantemente misturado num contínuo de acréscimos de algumas novidades, em porções distintas.

Imagine que você está novamente navegando naquela espacialidade narrativa que trouxe páginas atrás, se mova em direção a terra dos contestados bandeirantes, é por lá que trarei novos elementos formativos para essa discussão. O enriquecimento gradual de ferramentas de aprendizado se dá na medida em que viajamos no tempo e no espaço, agora para a conhecida “cidade menina”.

Foto 3 – A urbanização cruzeirense aos “pés” da Serra da Mantiqueira



Fonte: acervo do autor

O município de Cruzeiro⁷ está estrategicamente situado próximo a outras unidades federativas, estando no estado de São Paulo, mas fazendo divisa com Minas Gerais e seus municípios de Passa Quatro, Delfim Moreira e Marmelópolis. Também perto de Resende, no Rio de Janeiro. Localizado no chamado fundo do vale do paraíba tem uma composição populacional diversa com mineiros, paulistas e cariocas.

Como pode ser observado na Foto 3 e nesse início de descrição, é um lugar com todo seu esplendor geográfico, a imagem captura ao fundo a Serra da Mantiqueira com nuvens em seu topo, além do urbano desse interior pacato com a sua significativa indústria na margem direita. Com toda essa geograficidade vem daqui o salto para a vida profissional que veremos logo a seguir.

Diante de tantas características e histórias, pode-se dizer que: “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo.” (SANTOS, 2020a, p. 314). Economicamente depende de uma transnacional que opera em seu território e é uma grande empregadora, exercendo pressão pelo seu grau de influência na economia local, principalmente com base nos reflexos de seus movimentos de expansão, contratação ou demissão.

A vinda de grandes empresas sempre é anunciada nos meios de comunicações e pelos representantes políticos como verdadeiras salvadoras desses lugarejos, um respiro de alívio em meio uma constante de caos para trazer grande quantidade de empregos e renda aos moradores e milhões de reais em investimentos. Todavia, a realidade é a criação de uma forte dependência via esses postos de ocupação, iminente exploração de trabalho, desequilíbrios

⁷ A população estimada estava em 82.571 pessoas em 2020 < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/cruzeiro/panorama>>. Acesso em 06/09/2020.

ambientais e enfim o lobby contra o poder público ameaçando ir embora e garantindo assim isenções e desonerações fiscais e tributárias, além de outras vantagens (SANTOS, 2010).

Minha passagem por essa localidade se deu trabalhando próximo ao acesso dessa indústria, o movimento e sua importância eram percebidos no fluxo de pessoas e carros nas entradas e saídas de turnos. Momentos em que a pequena cidade interiorana tinha seus repentes de trânsito. O que também a marcava eram os boatos em épocas de iminentes transformações econômicas e/ou crises cíclicas do capitalismo. Num rompante mais de trezentas pessoas demitidas disseminando o pânico nos que entravam/saíam da unidade fabril, no comércio local e seus dependentes.

Ainda nas terras cruzeirenses, fui presenteado com amigos e colegas que seguem presentes na vida, mas também com um mestre, professor Wilson Mendes. O conhecido nome da geografia cruzeirense causava calafrios nos graduandos e era sempre muito teatral e enfático em suas aulas, nos levando das risadas ao espanto. Proporcionou diversas oportunidades que acabei perdendo, no entanto, vários colegas puderam conhecer Aziz Ab'Sáber numa excursão organizada até São Luiz do Paraitinga, entre outras.

Wilson como nosso coordenador de curso, sempre frisava o cuidado e o carinho no contato com os alunos, a ideia de partir sempre do que sabem, as dicas de carreira como a necessidade de focarmos nos concursos públicos enquanto um planejamento de vida tranquila e sem a surpresa da tensão de terminar um ano sem a garantia para o outro.

A descoberta da pós-graduação *stricto sensu* veio com ele, que tinha o grau de mestre e sempre deixava bem claro para todos as angústias que tinha vivido para parir sua dissertação... Caro professor, atualmente lhe entendo completamente, como você tem razão! Também foi a partir dele que tive contato na licenciatura com um ilustre geógrafo, Milton Santos.

E como pode observar estou num exercício com o intuito de mostrar também uma geografia da existência, permeada não apenas de formas e objetos, mas também de vida por entre os lugares (SILVEIRA, 2006). Extrapolando todo o arranjo espacial que se fazia pelo interesse do capital local, nacional e internacional.

Com todo amor e carinho nosso professor mostrava uma foto, orgulhosamente, para suas turmas de graduação todo semestre, com esse grande personagem da ciência geográfica. Em cada leitura que faço dos textos desse homem, consigo compreender aquela alegria em espalhar aquela foto, pois era um marco. Sua capacidade de entender essa ciência e decodificar elementos para o entendimento espacial são únicos.

Infelizmente, a primeira vez que ouvi falar sobre as teorias conspiracionistas e negacionistas foi com nosso mestre cruzeirense, e até no nome do ideólogo da extrema direita, Olavo de Carvalho, a ditadura e colocações antipetistas. Nesse ponto fico pesaroso, pois seria esse mais um eleitor e essa parte da sociedade que achamos que tenha surgido do nada, porém sempre transitaram e estiveram presentes imperceptíveis pelos arredores?

Num diálogo com Milton Santos: “Aliás, muitos pobres acreditaram nos slogans como que se popularizou o discurso cientificista dos economistas do regime, e acabaram mais pobres ainda. O modelo político e o modelo cívico foram instrumentais ao modelo econômico.” (SANTOS, 2007, p. 15). Apesar de cruel e catastrófico, esse período contraditório brasileiro seguia com seu adepto ora destoando toda a obra de autores como Milton, sempre defendido e nos cobrado enquanto leitura.

A exigência por conhecer alguns autores era expressa frequentemente em suas aulas: “Tem que ler Milton Santos, precisa ler Paulo Freire!”, foram reclames que aos poucos fui incorporando na rotina de estudos. Os seus ataques de reacionarismos me ajudaram a constituir um pensamento progressista e a desenvolver uma sensibilidade para a problemática social e as questões de desigualdade, minorias e outros debates necessários.

Complementando o fragmento disposto acima: “As esperanças com que este último acenava às massas eram por demais sedutoras, e estas massas eram despertadas para a necessidade, o interesse, a vantagem de ampliação do consumo, mas não para o exercício da cidadania, que era cada vez mais amputada.” (SANTOS, 2007, p. 16). Apesar da crença nos vídeos do astrólogo, sempre pautava questões sociais com seus inúmeros recortes de reportagens de jornais e a insistência na necessidade da leitura.

Após o reconhecimento de Milton Santos, Paulo Freire, Aziz Ab’Sáber como um aprendizado duradouro trazido com o “mestre” Wilson juntamente com as características pedagógicas e geográficas desse lugar, é momento de se mover no tabuleiro narrativo para uma nova parada.

A experiência na educação a distância (EAD) com toda aquela bagagem já constituída foi fundamental para o alargamento das compreensões geográficas, foram dois longos anos de noites adentro nas leituras e atividades na plataforma e num constante de presença em encontros aos sábados. Nesse processo de conclusão despontava uma nova mudança, então partindo para Guaratinguetá⁸, município próximo no mesmo vale do paraíba paulista, num roteiro pelas margens do Rio Paraíba do Sul, como pode ser observado em um registro na Foto 4.

Foto 4 – O Rio Paraíba do Sul percorrendo as terras de Guaratinguetá-SP



Fonte: acervo do autor

O ensino a distância no Brasil vem numa crescente ao longo dos anos e alguns cursos já possuem sua maior parte de matrículas por essa modalidade de oferta, preocupa a falta de regulamentação e critérios pelo Ministério da Educação para embasar a fiscalização e cobrança de requisitos mínimos e/ou básicos para permitir condições dos graduandos terem a possibilidade de uma formação que prepare para a atuação no mercado de trabalho, que em sua maioria são das licenciaturas (SANTOS, 2019).

Enriquecendo o entendimento, acrescento que: “... o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam

⁸ População estimada no ano de 2020 em 122.505 pessoas < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/guaratingueta/panorama>>. Acesso em 06/09/2020.

num lócus particular.” (MASSEY, 2000, p. 184). E assim, sigo trazendo particularidades e vivências nos lugares, que nesse caso são significativas para a formação.

Relembrando esse fato entendo um pouco mais da explicação dos mares de morros a partir desse autor, sei que é uma referência acadêmica constituída, porém pessoalmente no meu caminho formativo obtive leituras, estudos, reflexões e constantes reforços sobre sua atuação enquanto professor, pesquisador e o importante geógrafo que tinha sua origem na região.

Nesse caso o autor faz uma importante análise da área: “No seu interior tem sido difícil encontrar sítios para centros urbanos de certa proporção, locais para parques industriais avantajados – salvo no caso das zonas colinosas das bacias de Taubaté e São Paulo...” (AB’SÁBER, 2007, p. 17). Um fragmento que sintetiza a visão que temos na passagem por essa região que a partir de Cachoeira Paulista a Rodovia Presidente Dutra corta o vale ao meio, com a vista de longe das duas serras, de um lado a Mantiqueira e noutro do Mar, sendo a Foto 5 uma boa perspectiva desse “vale”.

Foto 5 – O contínuo de morros pelo Vale do Paraíba paulista



Fonte: acervo do autor

Por isso, como bem observado pelo autor é uma área com uma dinâmica industrial pujante com a abertura de novos empreendimentos por entre esses municípios, mesmo nos períodos em que vigorem recessões econômicas e crises cíclicas. Esse novo desvelar da fase paulista ajudou a aprimorar os saberes enquanto futuro educador e geógrafo.

Mas no solo de “guará”, como é conhecida na região, além da experiência com relação ao EAD e a contínua observância da dinâmica industrial que se destacava assim como em Cruzeiro, outros elementos formadores foram cruciais, o estágio e novamente a importância do concurso. Era o momento de retorno a escola, porém não mais como aluno, e sim um quase professor.

Devido ao trabalho diurno, só foi possível acompanhar as aulas à noite, numa instituição escolar carregada de história, com nome de um celebre ex-Presidente da República nos idos do “café com leite”, juntei-me para acompanhar o responsável pelas turmas de geografia entre turmas regulares e EJA. Experimentei as precariedades da rede estadual de São Paulo e os percalços do ensino médio em um ambiente de instalações monumentais e conservadas, como pode ser observado na Foto 6.

Como a demanda educacional brasileira se criou devido à pressão popular, os movimentos de planejamento de oferta, infraestrutura e aplicação de recursos beira a nulidade, inclusive o ensino médio é uma etapa que recebe poucos recursos, tornando a situação insustentável juntamente com os agravos da carreira docente (CORTI, 2019).

Foto 6 – A fachada do prédio que abrigou o estágio



Fonte: acervo do autor

Atualmente, enquanto professor sei o quanto nossa profissão é precarizada em todos os sentidos, mas existem diferentes formas de ação para contestar e transformar essa realidade. É necessário expor as angústias, porém presenciamos a vida acontecendo com alunos que ingressam ainda pequenos e saem anos depois, se formando com sonhos e aspirações.

Havia ainda espaço naquela instituição para outras coisas inusitadas, como uma briga por motivos de relação afetiva envolvendo três alunos, e pela suspeita de um deles estar portando arma, a polícia levou todos para prestar esclarecimentos. Porém, mais tarde um dos integrantes da corporação foi fazer uma visita em todas as turmas do colégio e a “conversa” assumiu um caráter um tanto quanto autoritário, por mais que a autoridade militar fosse ouvida atentamente por todos. O seu tom de voz ganhou uma escala elevada e desnecessária, numa narrativa de exemplos sobre brigas e perguntando a opinião dos presentes acabei sendo envolto naquilo.

Na situação problema policialesca em que hipoteticamente meu pai estivesse numa briga optei por defendê-lo, porém segundo o gabarito da Polícia Militar (PM) a resposta estava errada. Fui obrigado a ouvir calado e em choque por alguns minutos os insultos e esculachos verbais que para mim não fazia sentido algum, mas creio que eventualmente pudesse ser uma situação corriqueira para alguns dos alunos presentes.

O exagero de nossa “instituição salvadora” é algo conhecido e sempre batido em nossos telejornais, algo que infelizmente não sai da moda. O consolo vem das palavras de Freire que: “Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não.” (FREIRE, 2011, p. 105). A compreensão do processo de amadurecimento, a crença no diálogo e o respeito eram algo inexistente em toda a condução do ocorrido. Infelizmente, a constante autoritária era algo que prevalecia inclusive entre os docentes, como pude ouvir várias vezes nos intervalos.

Todavia, desde meados dessa década observamos a ameaça e o crescimento de iniciativas voltadas a militarização da educação, conforme bem aponta:

Entre 2013 e 2018, saltou de oito para cinquenta o número de escolas militarizadas no estado de Goiás. Trinta delas foram retiradas da administração civil da Secretaria de Educação e transferidas para a Polícia Militar. No mesmo período, houve um aumento superior a 200% no número de escolas militarizadas em todo território nacional. Em uma nota técnica da março de 2019, o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) cita a discrepância de investimentos: “enquanto o Estado gasta anualmente, em média, R\$ 19 mil por aluno da escola militar, empenha três vezes menos no aluno na escola pública civil - apenas R\$ 6 mil/ano” (RICCI, 2019, p. 113).

Arraigada numa prática opressora e antidemocrática, nossas forças policiais ainda têm recebido a chancela de administrar e cuidar de parte considerável da educação pública, e de acordo com a autora, recebendo repasses muito maiores por aluno comparado às escolas civis. Escolhe-se instituições para militarizar, aplica-se mais recursos per capita e subverte-se todos numa ordem de obediência com um braço de atuação do poder público que, infelizmente, está acostumado inclusive a criminalizar as “minorias”.

A violência está no cotidiano de parte significativa da população brasileira, mas precisamos fazer da escola um espaço de quebra dessa lógica, propiciando o debate e a subversão desse viés tradicional na educação que preza pela submissão do aluno (RICCI, 2019). A polícia possui um papel importante na sociedade, mas seria necessário um comportamento hostil? O diálogo poderia ser feito com base na simples conscientização e não na premissa da intimidação e/ou envolvimento dos presentes.

Mas todos os acontecimentos formam, e os professores, por sua vez, aqueles que acompanham durante o estágio realizando a supervisão acabam sendo formadores, estamos observando e aprendendo, o que fazer e não, algo que refletirá futuramente em nossa prática e ação em sala de aula, portanto a presença e convivência no espaço escolar é crucial para o desenvolvimento profissional (PIMENTEL; PONTUSCHKA, 2015).

Na iminência de concluir a graduação comecei um movimento no sentido de tentar concursos que fossem realizados entre os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais e em vários municípios dessas federações. Os certames se constituem como uma importante via de acesso ao funcionalismo e serviço público, porém a preparação para essas provas sempre com organização de distintas bancas assustava pela desconexão dos conteúdos e questões colocadas perante a realidade educacional e acadêmica.

Quando me preparo para um concurso sei que a maior parte do que está sendo revisto não servirá em nenhuma medida para o futuro em sala de aula, ou conhecimento da realidade municipal ou estadual. Apesar do próprio modelo de composição da graduação ser formado pura e quase exclusivamente em teorias desconexas, isso não causa tanta estranheza.

A própria ideia de Tardif sobre a composição do saber docente que é fortemente adquirido antes da passagem pelo ensino superior, permanecendo quase que intacto a toda a teoria e pouca prática que nos expomos durante os três anos ou pouco mais na graduação (TARDIF, 2014).

Em uma dessas aventuras como concurseiro, fui aprovado e logo depois de chamado para assumir o cargo de docente em Geografia, enfim havia chegado o momento de estar em

sala de aula como o professor. Parti rumo ao calor da costa do sol ou região dos lagos, como é mais conhecida, e assim fixei residência em Araruama⁹.

Nesse capítulo todo andando por vários lugares, está na hora de contextualizar e enriquecer a narrativa com um pouco sobre os movimentos por entre os lugares. O ir e vir por todos esses pontos do mapa foi um elemento fundamental para me levar rumo a geografia. Assim como Ab'Sáber traz a respeito de seus estudos:

Por causa da primeira excursão de campo, senti que podia ler a paisagem, e todos os sábados e domingos em que estava mais livre, ficava "viajando" pela cidade de São Paulo. Naquele tempo, ainda havia bondes elétricos; eu pegava uma linha de bonde e, após os seus terminais, andava pelos arredores a pé, procurando entender a região metropolitana daquela época, e depois voltava pelo mesmo itinerário (AB'SÁBER, 2009, p. 37).

Sem a intenção de se comparar, mas o privilégio que estive podendo viajar por entre lugares espetaculares de paisagens e costumes únicos, mesmo que ínfimos quando levamos em consideração o mundo, sinto-me agradecido. Esse “entre” um e outro foi um elemento fundamental para a experiência geográfica e educativa.

As férias escolares foram marcadas pelas idas e vindas entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro, saindo das lavouras de café mineiras até o urbano-industrial sul fluminense. E foi assim que naturalizei os deslocamentos e os trouxe para a rotina, além de gostar de uma viagem. Muitos aspectos de nossa sociedade e suas características regionais eram reveladas por entre os quilômetros percorridos.

A diferença no caminho seja pelos pequenos vilarejos às margens da rodovia Rio-Bahia onde o tempo parecia ter outra velocidade, nas paradas de viagem para lanche e almoço em que estacionavam veículos de diversas empresas de transporte de passageiros, incluindo entre elas muitas responsáveis por linhas com partidas de inúmeros municípios nordestinos com destino a São Paulo, e assim aqueles lugares eram atravessados por pessoas, jeitos, costumes, gírias e modos próprios e originais de muitos cantos do país.

No caminho, a solidariedade e a gentileza eram companheiras de muitas viagens trazidas por passageiros que costumavam lotar aqueles ônibus por horas a fio. Nesses idos, tinha quem levasse o café puro ou com leite, o biscoito de polvilho e até mesmo o pão de queijo, sempre como motivo de fugir do marasmo e dos preços elevados das paradas.

Nesse ponto lembro-me de uma leitura de Milton Santos: “Na cidade, sobretudo na grande, os cimentos se dissolvem e mínguam as solidariedades ancestrais. Ali onde o dinheiro se torna a medida de tudo, a economização da vida social impõe uma competitividade e um selvagismo crescentes.” (SANTOS, 2007, p. 29). A espontaneidade daquelas pessoas que juntavam guloseimas e assim conversavam, comiam e evitavam deixar o escasso e suado fruto do trabalho numa subversão socialista.

O entendimento de domínio morfoclimático e fitogeográfico se refere a junção de características espaciais de grandes áreas, com milhares ou milhões de quilômetros quadrados, onde haja certa coesão entre relevo, solo, vegetações e condições de clima e hidrológicas, ou seja, com integração entre paisagem e nuances ecológicas (AB'SÁBER, 2012).

A paisagem é visualmente marcada por um contínuo de morros que se perdem no olhar, e em qualquer oportunidade de uma vista de um ponto alto temos a sensação de um “oceano” de pequenos elevados por todas as direções em que se pode enxergar. É recorrente,

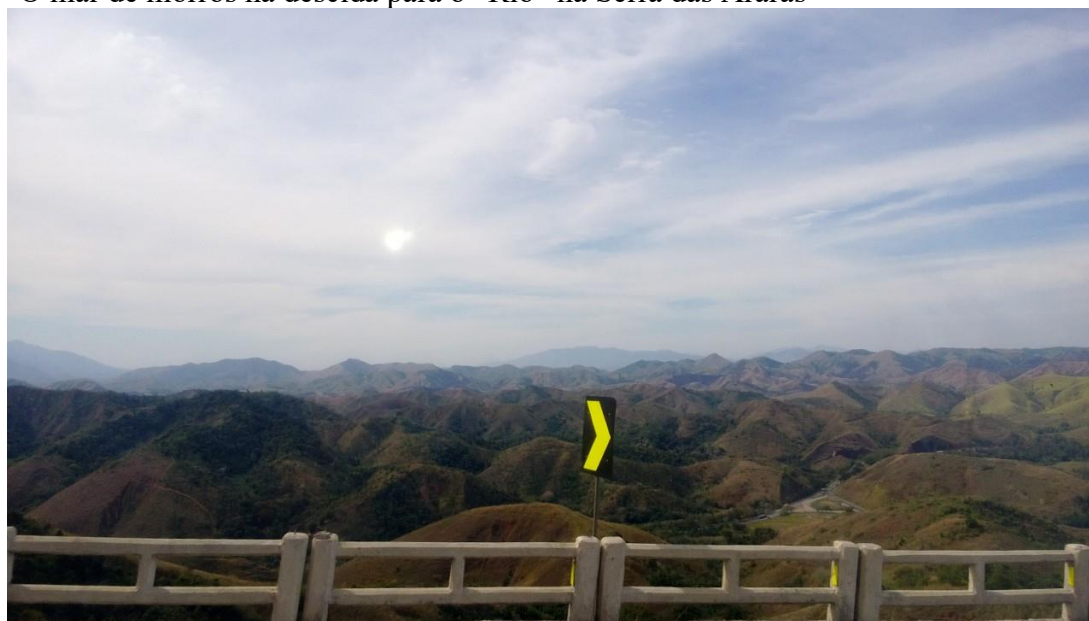
⁹ Município com uma população estimada em 134.293 pessoas < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/araruama/panorama>>. Acesso em 06/09/2020.

principalmente, a partir do município de Além Paraíba-MG que marca a divisa entre Minas Gerais e Rio de Janeiro e quase metade do caminho.

O Domínio dos “Mares de Morros” Florestados é marcado pela: “Extensão espacial de segunda ordem, com aproximadamente 650 mil quilômetros quadrados de área, ao longo do Brasil Tropical Atlântico. Distribuição geográfica marcadamente azonal.” (AB’SÁBER, 2012, p. 16). Ainda de acordo com essa classificação, esse domínio morfoclimático abrange grande parte da região sudeste brasileira, ou seja, área em que circulava com frequência.

O percurso que era feito basicamente por entre cidades pequenas e com relativa distância do oceano, não havendo nenhuma barreira física considerável no caminho como serra ou qualquer outro relevo notável. Porém, transitava dentro de uma área de Mata Atlântica, apesar de sua presença tímida em meio a extensas áreas abertas para plantações e pastagens, ela era notada por entre cantos.

Foto 7 – O mar de morros na descida para o “Rio” na Serra das Araras



Fonte: acervo do autor

E ainda temos uma complementação do autor sobre essa classificação morfoclimática: “Área de mamelonização extensiva, afetando todos os níveis da topografia (de 10-20m a 1100-1300m de altitude no Brasil de Sudeste), mascarando superfícies aplainadas de cimeira ou intermontanas, patamares de pedimentação e eventuais terraços.” (AB’SÁBER, 2012, p. 12). É notável a capacidade do Aziz de abordar terminologias complexas num texto compreensivo, que consegue transmitir uma compreensão mesmo para quem não está habituado as leituras da geografia física, por isso resolvi trazê-lo.

Apesar de um memorial de formação, trago um trecho da análise em que Moreira reflete sobre o teor geográfico presente nas obras literárias:

A literatura talvez seja a forma mais pura de apreensão da geograficidade. Nela a trama da experiência de espaço-tempo da geograficidade aparece na forma direta e imediata das significações, grafada no imaginário e na linguagem do personagem. Daí a noção corrente de a literatura diferir da ciência pelo seu discurso livre e simbólico, sem o rigorismo do método usado pela ciência. Um grande engano, como vimos (MOREIRA, 2013, p. 158).

Nesse exercício geográfico e literário, o memorial foi um companheiro a fim de auxiliar no trabalho com as memórias, construindo toda essa narrativa. Materializando em palavras e até no mapa, todo um percorrer por vários pontos que compõem um elencado de momentos formativos.

A geografia sempre foi uma companheira de viagem, estando sempre ao redor por entre paisagens e lugares, seja pelo fundo do Vale do Paraíba paulista e nas importantes cidades do Sul Fluminense, ou quando cruzo fronteiras inexploradas rumo à atuação profissional descendo pela Serra das Araras representada pela Foto 7, mas também cruzando a Baixada Fluminense, atravessando a Ponte Rio-Niterói e enfim pelo trecho da BR-101 chegando à famosa região dos lagos. Mas isso é parte de outro capítulo, nos veremos por lá.

2 A PRÁTICA NO LUGAR DAS PLANÍCIES E LAGOS: AS INTEMPÉRIES NO COMEÇO DA ATUAÇÃO COMO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
(Francisco, el Hombre)

Espero que tenha tomado um folego para que você continue me acompanhando no desenrolar desse “fio” investigativo. Perceba as conexões entre as essas partes, não necessariamente numa relação de causa e efeito, mas tentando apreender e trazer para essas páginas a complexidade que é objeto desse trabalho.

Infelizmente conheci a narrativa em um cenário que seu uso é controverso para a construção de enredos políticos e teorias conspiratórias que servem a extrema direita nacional e internacional. Porém, isso não faz diminuir a admiração com que os trabalhos de pesquisa que vão com essa ênfase, desde o Grupo Estudos e Pesquisa em Educação Continuada (GEPEC) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) que me descortinou todo um horizonte de possibilidades. Além dos diálogos com a professora Jussara Portugal da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e suas belas pesquisas no campo da geografia.

A energia que essas fontes proporcionam no aprendizado junto à orientação que auxilia esse geógrafo, a se nortear nesse espaço da academia, permitem aos poucos a conjunção das discussões e a organização dos resultados. Entre reuniões e a qualificação, vou elaborando os consertos para o cumprimento do trabalho.

O foco nesse capítulo vai para a prática pedagógica com a minha experiência nos primeiros anos em sala de aula na rede municipal de Araruama-RJ, mas abordará juntamente aspectos desse lugar em que trabalhei. Anteriormente construí um passeio por vários lugares em um exercício que tentou inclusive mostrar como até o movimento de um local para o outro foi importante para a formação desse professor de geografia.

A prática é algo importante na sistematização de aprendizagens, por exemplo, enquanto aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), foi possível participar de uma disciplina de “Geotecnologias aplicadas ao ensino de geografia”.

Com as aulas concentradas em duas semanas em um período de início do semestre, pudemos ter professores de outras instituições aliadas ao desenvolvimento de atividades em laboratório, principalmente o de informática. As diversas execuções com Google Earth, QGIZ entre outras feitas pensando na sala de aula.

A partir daí que veio o encorajamento para a confecção de um mapa temático que usei no capítulo anterior, e outra vez enriquecerei esse percurso trazendo características importantes para a sua compreensão, leitor. Espero que não repare na simplicidade da diagramação dos itens que configuram essa produção cartográfica, e sim na riqueza que ela pode evidenciar nessa viagem que fará juntamente comigo para o exercício em sala de aula.

Mas, chegou o momento de apresentá-lo, aqui batizado de mapa do lugar narrativo, veja no mapa 2, como uma sinalização das pretensões que venho esmiuçando por esses primeiros parágrafos. Porém, apesar tem um recorte regional com os municípios vizinhos, ressaltando a escola que fui lotado e alguns pontos relevantes, como a perspectiva da localização dessa região evidenciada no âmbito do estado do Rio de Janeiro.

Bom, esse é o fruto parcial do trabalho de pesquisa, um mapa para auxiliar a explanação e a visualização disso. Buscarei retomar discursivamente essa referência

cartográfica, de acordo com que for abordando momentos e destrinchando novos elementos formativos ao longo dessa parte.

Mapa 2 - A cartografia da narrativa formativa para situar o lugar dos acontecimentos



Fonte: Rocha (2020)

Na pretensão de abordar apenas esse “lugar” por todo um capítulo, você pode ter pensado que existem muitas possibilidades para esse recorte, e assim, várias histórias permissivas de serem “pescadas” para uma narrativa, nessa caça por momentos que formam. Mas, respondendo brevemente, sim. Como diz um dito popularmente conhecido: “tem muito pano para manga”.

O começo da atuação profissional é um momento único e desafiante para todos que se dedicam por intensos semestres, entre leituras, provas e estágios, a fim de alcançar o diploma de conclusão. E isso é um esforço, seja na graduação, tecnólogo ou técnico, estudantes envoltos e ávidos pelo término, e posteriormente para o ingresso no mercado de trabalho. A promessa e a ansiedade são enormes, assim como dizia na época o slogan político da administração municipal visto na Foto 8.

A ansiedade pelo encontro com a prática gera inúmeros sentimentos, incluindo a decepção de perceber que a teoria diverge da prática, proporcionando um obstáculo para esse começo, no magistério não poderia ser diferente, com divisões entre os conhecimentos específicos, didáticos e pedagógicos (TARDIF, 2014).

Este “pontapé” inicial que abordarei durou exatamente três anos, período que abrange desde a posse no concurso que me levou a ingressar no corpo docente da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Araruama, até a saída para esse curso de pós-graduação que tem por exigência final o trabalho que escrevo.

Mas para auxiliar na justificação e relevância desse tempo que pretendo investigar por aqui, lembrei-me das aulas na disciplina intitulada em “Tópico especial: formação de

professores na contemporaneidade” logo no primeiro semestre do mestrado. Nas leituras para os debates em sala trago esse trecho:

Temos um grande número de estudos empíricos sobre a escolha da carreira docente, e vários outros que tratam dos 2-3 primeiros anos de ensino. Se bem que as motivações sejam diversas, a tomada de contacto inicial com as situações de sala de aula tem lugar, por parte dos principiantes, de forma um tanto homogênea. Os que procuram descrever esta "fase" na óptica de uma sequência de fases que balizam a carreira (cf. Fuller, 1969; Field, 1979; Watts, 1980) falam de um estágio de "sobrevivência" e de "descoberta". O aspecto da "sobrevivência" traduz o que se chama vulgarmente o "choque do real", a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional: o tactear constante, a preocupação consigo próprio ("Estou-me a aguentar?"), a distância entre os ideais e as realidades quotidianas da sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos, a oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, dificuldades com alunos que criam problemas, com material didáctico inadequado, etc (HUBERMAN, 1992, p. 39).

A riqueza desse recorte me faz pensar em muitas coisas, em especial as palavras usadas para sintetizar esse começo: “sobrevivência” e “descoberta”. Realmente, elas fazem sentido. Nesse momento, inclusive, passam vários filmes em minha cabeça sobre diversas coisas vivenciadas logo no primeiro ano.

Foto 8 – O convite para a vivência em solo araruamense



Fonte: acervo do autor

Mas nesse capítulo em que Huberman (1992) aborda em específico o ciclo de vida dos professores, me chamou atenção a ocasionalidade entre o recorte que fiz e a sua divisão periódica “casar” marcando aproximadamente entre dois e três anos para o ciclo inicial. Então, utilizarei dessa causalidade para reforçar esse período em que marca para o autor como

importante na vida do professor, e assim também amparar nas discussões que pretendo, através das situações formativas.

Porém, para viver esse ciclo de entrada na carreira docente, foi preciso um “correr” na estratégia que trilhei para esse dia. A carreira docente será meu primeiro item formativo, pois é um cenário que oferece múltiplas possibilidades no mesmo instante em que tudo parece intransponível.

A maior parte da oferta educacional e demanda de profissionais se dá na rede pública de ensino e seu ingresso formal deveria ser principalmente por concursos públicos. Mas na realidade nem todos os entes federados costumam seguir essa determinação, e diante disso temos procedimentos de contratação díspares.

Algumas prefeituras fazem processos seletivos com a avaliação de títulos de especialização e tempo de serviço, outras com provas contendo questões abordando atualidades, conhecimentos específicos, didático-pedagógicos, entre outros e, ainda, as que contratam através de indicação, seja ela política ou não.

No momento em que concluí a graduação tinha regionalmente uma conjunção de cidades usando apenas os processos seletivos com títulos e experiência, além de raros concursos públicos. No auge das responsabilidades de quem mora sozinho e precisa arcar mensalmente com despesas de aluguel e manutenção para a sobrevivência, não poderia embarcar numa aventura sem certeza ou previsibilidade mínima.

No âmbito municipal a incidência da influência política costuma ser maior, além do fato de que um contrato temporário pode ser rompido em qualquer instante, seja por uma insatisfação relevante ou alguma intempérie de causa e origem duvidosa, além de questionável. Abandonar um emprego consistente que se mantém durante alguns anos com conhecimento razoável na área acumulada pela passagem em várias empresas do ramo não era um caminho que pretendia seguir.

A rotina de trabalho era intercalada pela busca em sites para os concursos públicos que estivessem recebendo inscrições, e assim várias provas foram realizadas para distintos locais. A aventura geográfica foi um tanto quanto formativa também, permitindo conhecer muitas cidades como Ubatuba-SP, Caraguatuba-SP, Itajubá-MG, Quatis-RJ, Saquarema-RJ, entre outras.

A excepcionalidade desses certames se fazia não apenas em seu acontecimento como no âmbito de sua organização, sendo inúmeras entidades cada qual com seu estilo de elaboração de questões e montagem da avaliação. Isso tornava muito difuso quaisquer atos em prol de se preparar para uma prova, apenas a busca de outras antigas da mesma organizadora era algo certo, do contrário os candidatos estavam sempre sem um norte.

É importante o que nos diz Gatti sobre esse aspecto: “A não fixação de um quadro-escolar básico nas escolas provoca remoções, contratações em períodos inadequados (meio do período letivo, por exemplo), desagregando grupos de profissionais e impedindo a consecução, de fato, de qualquer projeto pedagógico.” (GATTI, 2016, p. 168). Toda essa excepcionalidade atinge em cheio todo o processo de ensino e aprendizagem, por mais que eventualmente não se chegue a essa conclusão.

Na época da faculdade ainda na classe do “mestre” Wilson, sempre éramos cobrados da necessidade de ingressar na carreira pelo concurso público. Essas outras formas de contratação eram criticadas por ele em toda a oportunidade possível, inclusive delineando como essencial para um futuro plausível e sem riscos de passar um dezembro e janeiro sem a mínima ideia de como será o novo ano letivo.

E assim, foram muitas idas e vindas com uma quilometragem em busca do ingresso na carreira de professor, entre provas montadas com questões e conhecimentos nunca vistos na vida até o encontro com renomados teóricos do ensino e aprendizagem. Na época da seleção

para Araruama foi possível escolher entre três municípios para a realização, algo raro nesses eventos.

O intervalo entre o acontecimento da avaliação e a posse foi de aproximadamente um ano, numa intensa pressão de aprovados para a convocação. Havia naquele tempo uma vacância enorme de cargos com o preenchimento sem quaisquer critérios de transparência, aparentemente resumido a conhecidos e indicados políticos.

A precariedade transpõe as barreiras e sabe-se que esse ir e vir profissional gera a dificuldade em se dedicar exclusivamente no ambiente de trabalho. Isso prejudica não apenas o desempenho docente, como também a inserção na equipe, além do conhecimento da comunidade escolar, esses problemas têm potencial prejudicial ao processo de ensino-aprendizagem (TARDIF, 2014).

Mencionar esses fatos tem a intenção de incorporar essa construção da pesquisa em apontar o concurso público como um aspecto formativo, além disso importante para a ampla divulgação, oferta e concorrência por uma oportunidade de trabalho. Se em nosso modelo político-econômico operante na sociedade produz desigualdades, incluindo a formação educacional básica, quem dirá cercear o direito do cidadão de tentar ocupar um cargo.

O alto número de pessoas temporárias que ocupavam diversos cargos por toda a prefeitura foi uma questão delicada para os novos empossados, presenciei a despedida de quem perdeu seus postos de trabalho com a oscilação das reações entre o choro e o ódio aos recém-chegados. No meio de toda aquela descoordenação de tempo para notificar quem seria desligado e a recepção dos aprovados, estava eu, ansioso pelo momento em que enfim entraria na sala de aula.

A dificuldade para ingressar nesses que são as maiores oportunidades para a carreira do professor é um obstáculo considerável para o seu exercício profissional. As escolas particulares são poucas e respondem por uma possibilidade de absorção menor, mas são vários os empecilhos para finalmente embarcar no magistério.

A importância de enfatizar esse elemento se faz pela presente situação de congelamento de salários nos entes públicos de todas as esferas do poder público, e ainda a tramitação no Congresso Nacional de uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC), conhecida como PEC 32/2020¹⁰, que prevê uma reforma administrativa para o funcionalismo público. Depois de reformas trabalhistas gerais que previam uma iminente geração de empregos até agora não concretizados, os ataques neoliberais se voltam para o servidor público e a estabilidade.

Os projetos que passam pelo legislativo podem tanto tramitar rapidamente, como do nada caírem por terra por vários motivos. O conjunto de fatos políticos e a pressão social vão influenciando e os ventos podem mudar, tanto para que o caráter austero aumente ou diminua. Mas a intenção de dispensar sem rigor o funcionário público está na mesa, além de vários outros mecanismos que versam sobre salários e benefícios.

A precariedade na dispensa e o uso de meios contraditórios na contratação e dispensa podem encaminhar o serviço público para uma problemática maior, além de abrir novos caminhos para o ato de lotear os cargos para amigos e aliados. Ainda é possível imaginar a tragédia que uma mudança dessas pode desencadear na qualidade de nossa educação pública, atualmente com sérios problemas agravados pela pandemia.

Nessa perspectiva, surge uma nova barreira para o ingresso e permanência na profissão, enfatizando ainda os riscos de iminência na piora da qualidade do processo de ensino e aprendizagem conduzidos por educadores com suas condições de trabalho

¹⁰ Essa proposta está com previsão para em breve tramitar no plenário da Câmara, nesse link é possível acompanhar sua tramitação e a íntegra de seus desdobramentos e inteiro teor. <<https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2262083>> Acesso em: 14/06/2021.

vulnerabilizadas. Nesse caso ainda temos um adendo sobre essa questão e o seu impacto: “Com efeito, as condições precárias de trabalho não apenas neutralizam a ação dos professores, mesmo que fossem bem formados.” (SAVIANI, 2009, p. 153). Uma constatação que auxilia no entendimento de nossa realidade educacional.

Se não bastasse a nulidade que as péssimas condições trazem ao desenvolvimento do trabalho, o autor ainda segue e acrescenta que: “Tais condições dificultam também uma boa formação, pois operam como fator de desestímulo à procura pelos cursos de formação docente e à dedicação aos estudos.” (SAVIANI, 2009, p. 153). Portanto, além da famigerada constatação social foco de piadas em humorísticos sobre o salário do magistério, soma-se a isso o baixo e mau investimento no local de ensino e aprendizado, para afugentar o ingresso nos cursos de licenciatura e na carreira.

Nesse momento partirei para detalhar outro elemento formativo, apresentando melhor o choque inicial, como mostrei anteriormente, e a escolha do local para exercer a atividade. Quero também elencar a importância obtida com a vivência intensa junto com a comunidade escolar, pois acabei morando por um tempo nas proximidades da unidade do labor.

No início desse ponto é preciso dizer que, a posição de dianteira naquela convocação me permitiu ser o primeiro dentre os da geografia. O trabalho de campo e pesquisa foram feitos na véspera para determinar para onde iria, inclusive visitando antes onde pretendia trabalhar, chegando no dia consegui optar pelo que desejava.

O mergulho foi intenso devido a alocação das aulas distribuídas quase que pela semana toda, um fato proposital para afugentar os iniciantes, mas para quem estava apenas com aquela matrícula foi possível. Então, morar nos arredores do bairro onde estava a escola foi uma necessidade econômica.

Essa confluência de fatores levaram a possibilidade de viver, literalmente falando, todos os aspectos daquele lugar. E, assim, pude enxergar na prática a importância de conhecer a realidade do alunado. Mas quero enfatizar a precariedade dessa conjuntura toda, não era um emprego de dedicação exclusiva, sem uma formação continuada ou quaisquer preparos para a atuação.

São simplesmente lições colhidas de uma reflexão posterior ao acontecido que permitem vislumbrar como tudo acrescentou na formação enquanto um professor de geografia. Por isso, a relevância dos escritos de professores, principalmente em exercício, contando e pensando a respeito do que vivem e fazem, como um todo, aspectos humanos e laborais, sem distinção (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

O cotidiano na unidade escolar com todos os profissionais responsáveis pelo funcionamento daquele estabelecimento fazia-me aproximar de lá. Com a maioria do pessoal morando, assim como eu, pela vizinhança, conversávamos constantemente sobre os fatos ocorridos, problemas, eventos e a vida. Aliás, a socialização com os profissionais que fazem parte do ambiente escolar é um dos fatores que compõem o sabor docente (TARDIF, 2000).

O movimento de ir e vir pela região litorânea foi redimensionando esses trajetos, e aos poucos mudavam-se os sentidos e saberes relacionados àquele espaço. No convívio com a comunidade escolar, consegui compreender as dificuldades de acesso e mobilidade dos alunos por entre as praias, por exemplo.

Na passagem de tempo e com o aumento da circulação regional fui percebendo o quanto era relevante os mais de dez quilômetros entre a sede do município e o centro de São Vicente. Esse trecho que é ligado através da RJ 138, de competência estadual pois corta outra municipalidade. Essa via é reconhecida pelo descaso das autoridades com sua manutenção e

os constantes acidentes¹¹ com vítimas fatais, além do eventual engajamento dos moradores em atos a favor da melhoria. Como pode ser observado pela Foto 8, é uma rodovia pavimentada, porém sem acostamento, na imagem a ocasionalidade de um ônibus do transporte coletivo municipal que atolou ao parar no ponto coberto em um dia de chuva, nesse dia inclusive cheguei atrasado para lecionar na escola.

Foto 9 – O imprevisto na viagem do professor para o trabalho



Fonte: acervo do autor

A precariedade no acesso é um empecilho para o desenvolvimento da comunidade, criando obstáculos na circulação de pessoas e mercadorias nas suas entradas e saídas. Entre buracos e crateras no calçamento, o distrito seguia seu curso de desenvolvimento. Sobravam os relatos de apertos e tentativas de assalto no tráfego noturno e restava a insistência de quem realmente precisava fazer aqueles deslocamentos.

Nesse caso, até o momento, o percurso narrativo fez-se de muitas incursões por diferentes pedaços para tratar da narrativa e sua metodologia, os embasamentos geográficos do relevo e outros, mas faltou acrescentar a esse diálogo um posicionamento quanto a um conceito um tanto quanto comentado até aqui.

E então, sigo reforçando e esclarecendo o conceito e ideia de lugar, mais uma vez recorrendo a Milton Santos para auxiliar nessa tarefa. Segundo ele: “O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam - ruas, edifícios,

¹¹ Notícia sobre acidente recente, posteriormente houve atos reivindicando a melhoria na via. <<https://www.band.uol.com.br/noticias/acidente-deixa-dois-mortos-e-tres-feridos-na-regiao-dos-lagos-no-rio-de-janeiro-16319970>> Acesso em 31/12/2020.

canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos -, mas que não tem autonomia de significação...” (SANTOS, 2012, p. 59).

E nesse contraste entre significação e existência, é preciso somar a essa consideração que a dinâmica do lugar ainda permite que: “... todos os dias novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem.” (SANTOS, 2012, p. 59). Criando assim algumas coexistências, entre formas antigas e novas, mas numa contínua transformação de acordo com as necessidades locais e de reprodução do capital.

O precário conjunto de objetos que se dispunham para ligar a localidade cerceava sua autonomia e desenvolvimento. Apesar do avanço imobiliário na disponibilidade de extensas áreas que auxiliavam na formação de loteamentos, vilas e novos bairros com a vinda inclusive de formas de organização e controle paralelo do território.

Infelizmente, outros problemas crônicos permeavam o desenvolvimento local, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) o município de Araruama é o penúltimo na região em relação ao calçamento das vias públicas. Além disso, também ocupava as últimas colocações no ranking que considera o estado do Rio de Janeiro, sendo o octogésimo sétimo dentre noventa e dois.

Agricultura Familiar

Os alimentos que abastecem as mesas de nossas casas

O aluno Carlos André, da VII fase da EJA noturna, foi até Itapinhõa, parte do distrito de São Vicente de Paulo, no Sítio Palinha, mora Robertinho (como é conhecido) e sua esposa. Esse simpático casal é um exemplo do modelo de agricultura que é responsável por encher a mesa da maioria dos brasileiros, inclusive em nossa cidade.

Senhor Roberto, que começou cedo, teve uma parte de sua vida dividindo o trabalho com seu pai, nas então significativas lavouras de laranja, que já chegaram a preencher vastas paisagens em meio aos campos vicentinos. Aprendeu o trabalho na roça com seus pais e avós desde bem cedo, mas ressalta que foi importante cursos e informações técnicas que recebeu por meio de órgãos governamentais de apoio e incentivo a agricultura, como: a Embrapa e a Emater.

Hoje em dia em sua propriedade, ao lado da esposa, trabalham no cultivo de: laranja, quiabo e feijão. Esse último é produzido tanto para consumo, como para semente.

Os alimentos cultivados em seu sítio tem como destino o uso e consumo de sua família, além de serem levados para feiras das localidades próximas, para a venda direta ao consumidor.

Todos esses alimentos são plantados e colhidos de acordo com a sua época certa, evitando assim o uso de agrotóxicos que possuem um efeito danoso em nossa saúde. Ele diz que, para os que estejam interessados em trabalhar no cultivo da terra, é importante seguir na produção orgânica, sem venenos, pois todos tem a ganhar. ■



Dona Margarida com os quiabos na banca.



Tá na banca! Produtos na feira sendo observado pelo cliente.



Produção de laranja pronta para à venda.

Figura 1 – A reportagem de capa do Jornal da EJA

Fonte: Jornal da EJA, 2019

Em São Vicente apenas o centro da localidade possuía algumas ruas calçadas, além do acesso a sede do município pela rodovia estadual que se encontrava pavimentado, mas uma volta pelos arredores da praça e logo se depara com a falta de cobertura. A maior parte dos alunos residiam em bairros com acesso totalmente por ruas de terra.

Por isso, em épocas de chuvas intensas ou na decorrência de frentes frias com um ou mais dias consecutivos de tempo nublado e chuvoso, as estradas ficavam intransitáveis para os carros, e eventualmente até mesmo para os moradores, que vão a pé e de bicicleta. Com frequência determinados bairros do distrito ficavam sem transporte escolar por até cinco dias, dependendo sempre da necessidade da estiagem para que o caminho possa ganhar firmeza.

A uma distância menor que um quilometro da unidade, pude conviver pelas ruas e estabelecimentos com alunos, responsáveis e funcionários, assim como um curioso geógrafo que observa e conhece o lugar e suas características. Apesar de a primeira aula ter sido caótica

em um sétimo ano, com agravantes de entrar sem saber sobre livros, conteúdos estudados e/ou quaisquer outras informações, aguardei para fechar a estreia nos últimos tempos da noite numa sala de VI fase.

Nesse aspecto Fernandes e Prado reforçam que: “Entendendo a escrita como um meio de reflexão e formação, ela pode possibilitar: o relacionar de (no sentido de tecer) histórias individuais e histórias coletivas, a construção de conhecimentos comuns/coletivos a partir dessa tessitura e a reflexão da experiência ...” (FERNANDES; PRADO, 2010, p. 5). Sigo então no cruzamento dessas histórias individuais e coletivas para compor essa narrativa.

A escrita aparece agora sendo tecida por entre acontecimentos distintos e relevantes e faz perceber a importância de todos na constituição, e principalmente como as vidas se cruzam ainda mais, profissionalmente. Naquele momento não utilizei de nenhuma forma de composição textual, porém pude acessar os saberes daqueles que estavam ao redor.

O atual processo de tecer minha teia de narrativas formativas percebo e aprendo com acontecimentos então guardados na memória, e que nem sempre foi de fácil acesso. Relembro uma trajetória de obstáculos superados e fatos vividos que constituem o meu “eu” atualmente. E assim percebo residir nele um conjunto de fragmentos de saberes e conhecimentos, parte de muitos “outros” que juntos constituímos nossas histórias em determinadas passagens.

O reforço na contextualização vem desse fragmento de um trabalho realizado com os alunos da EJA, que será mais bem elucidado no próximo capítulo. Esse recorte apresentado em seguida pretende fornecer mais elementos para compreensão da realidade desse lugar em que estou caracterizando nessa parte. Será possível inclusive novos caminhos pelo mapa, acompanhe.

Foto 10 – A praça no centro do Distrito de São Vicente de Paulo



Fonte: acervo do autor

O distrito é reconhecido pela sua ruralidade onde ainda existem resquícios de um passado da produção de laranja, e ainda com plantações de cana de açúcar na responsabilidade de uma empresa com uma razoável empregabilidade para os moradores locais, principalmente no que diz respeito aos deslocamentos de seus funcionários.

A agricultura familiar com toda a sua representatividade e importância para a composição alimentar da mesa do brasileiro tem uma enorme presença na localidade,

conforme figura 1. Para demonstrar isso trarei um recorte de uma das reportagens realizadas com base nos trabalhos dos alunos para o jornal, que foi desenvolvido com as turmas da EJA.

E, assim, fui constituindo em mim o conhecimento profissional, juntando aquela riqueza da prática e da comunidade escolar, ao aprendizado oriundo das experiências ainda enquanto aluno da educação básica, além dos tempos de graduação com as disciplinas e o currículo.

Portanto, enriquecendo essa discussão me amparo em Tardif, quando afirma que: “Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.” (TARDIF, 2014, p. 34). Nessa junção de diferentes matrizes e características adquiridas ali naquele ambiente de trabalho, compunham o repertório formativo.

Os moradores locais e suas práticas, como a agricultora e o esposo que cultivam e vendem nas feiras de Araruama e Cabo Frio, olham os descolamentos e a narrativa encaminhando nosso passeio pelo mapa. Isso ocorre por ora invisível, ainda mais nos educandos e professores que discorrem em sala sobre a agricultura industrial e familiar com recursos escassos. A composição de notícias da comunidade era uma oportunidade de operar na realidade conhecida, numa atividade próxima dos diversos ensinamentos de Freire (2019) e os temas geradores.

Sobre os temas locais ainda vou apontar outro item abordado no mapa como um referencial e que quero apresentar, a Lagoa de Araruama. Mas antes disso, delimitar que caracterizarei outro elemento formativo de minha trajetória, dessa vez vou tratar da formação continuada, algo importante na carreira docente com experiências interessantes nessa rede de educação.

O fato do município que na época, estava com concurso aberto ser banhado pelo oceano era um diferencial atrativo, além disso com uma exuberante lagoa, apesar de castigada. A Foto 11 recorda uma atividade ocorrida no âmbito dos encontros realizados na formação continuada da rede municipal. Colocar os professores para se exercitar em tarefas e dinâmica era algo que acontecia periodicamente, resguardadas todas as dificuldades de fazer acontecer com viabilidade.

Os encontros ocorriam mensalmente nas proximidades do centro da municipalidade, sempre ofertado em dois turnos de um dia pré-estabelecido, reunia os colegas da área sobre variados temas, que poderiam versar apenas a respeito da geografia ou extrapolar para um tema raro de ambos. Houve reuniões sobre inclusão, entre outros, sempre com a supervisão do profissional da área do assunto, mas diante da formalidade e enrijecimento comuns de ações parecidas com essas, me surpreendi em diversas oportunidades.

No dia desse registro apresentado, com um esclarecimento sobre a lagoa e toda a problemática socioambiental que enfrenta na atualidade, por meio da participação de uma membra de um movimento popular que luta pela preservação. Além de conhecer a iniciativa e a elucidação sobre o “cartão-postal”, foi possível desvelar questões para trabalhar com os alunos, possibilidades, temas e afins.

A formação inicial, e nesse exemplo a continuada possui uma importância crucial para a composição e reflexão sobre o saber docente, como o olhar sobre pontos diferentes de uma lagoa e a junção desses numa ressignificação daquela paisagem, onde são ressignificados os olhares e construída novas compreensões (TARDIF, 2014).

Foto 11 – O enquadramento da Lagoa de Araruama no exercício formativo



Fonte: acervo do autor

O cenário formativo pode ser contemplado no quadro de cartolina que ganhamos como uma ferramenta no ensino-aprendizagem da paisagem, estávamos nós, distantes, à beira daquela imensa lagoa buscando fazer nossos registros. A instrumentalização que esse e outras oportunidades de estar com os colegas de área possibilitavam eram instigantes com diálogos e ações voltadas para a prática, sem deixar de lado a importância da teoria.

Mas seria fundamental esclarecer um pouco sobre o conceito de paisagem, já que ela foi abordada, nesse caso recorro a Santos que diz: “Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 2012, p. 67-68).

De acordo com Milton Santos, a paisagem possui uma multiplicidade que é inclusiva nessa natureza conceitual abrangendo olhares, cheiros, gostos, sons e tudo que podemos perceber. Com esse potencial paisagístico real e imaginário, o conhecimento docente era reformado nesse contínuo ato de aprendizado. A construção do fazer docente que vem de instantes antes, durante e após a licenciatura baseia-se em coisas rejeitadas e transformadas para o seu momento no magistério (TARDIF, 2014).

Noutra oportunidade nossas reuniões serviram de trocas de indicações de filme para serem utilizados nas aulas, acredite, mas quem trabalhou com uma turma de crianças e/ou adolescentes sabe do desafio que é a utilização desse recurso. O empecilho que as unidades educacionais geralmente fornecem para a reprodução costuma ser quase intransponível, com problemas na sala, som, imagem e em outros equipamentos.

A intempestividade do alunado para vídeos que não lhes interessem a priori costuma ser outro obstáculo, as estratégias precisam sempre estar bem traçadas. Portanto, receber de outro professor algo já utilizado é um adiantamento, por mais que cada turma e unidade tenham suas especificidades.

Entretanto, a professora trouxe a dica de um excelente filme, “O preço do amanhã”, passado em diversos anos de escolaridade com um significativo engajamento deles com a visualização e os diálogos das atividades propostas após o término. No enredo daquela

película, a apresentação de uma sociedade em que a “moeda” de troca é o dinheiro, e claramente temos uma abissal desigualdade no espaço social.

No “O preço do amanhã” ou em outras atividades sempre pretendi instigar para que construíssem uma compreensão da realidade como ela é, em suas diferenças sociais, fundamentado na ideia do seguinte trecho: “A cidadania plena é um dique contra o capital pleno.” (SANTOS, 2010, p. 64). E assim, e em consonância com as diretrizes e perspectivas normativas rumava para formar cidadãos.

A apresentação desse importante tema em outra ótica que não do dinheiro como estamos acostumados desvelada um choque com as nossas relações socioeconômicas, como um desnudar. Voltando ao tema da formação docente, ficava contente com o aprendizado possível naqueles encontros de formação mensais, e trago Gatti para a discussão com a seguinte afirmação: “Na formação continuada, oferecida sob várias condições, ou procurada em vários contextos pelos próprios professores, é que estes tentam encontrar novos caminhos e mais fundamentos e meios para seu desempenho profissional.” (GATTI, 2016, p. 167).

Na eventualidade de bons retornos na formação continuada oferecida naquela prefeitura ainda potencializava com as trocas entre os pares, claro que sob diversos aspectos tinham possibilidades de enriquecimento do que era feito ali. Como bem diz a autora: “Nem sempre esta formação se acha disponível, nem sempre ela é adequada.” (GATTI, 2016, p. 167). Seja na abertura de novas datas, dinamismo dos locais, trabalhos de campo, entre outras propostas que poderiam ser debatidas e implementadas tendo interesse e fomento.

Mas é fato que aquele convívio foi um elemento agregador naqueles anos como professor de geografia, principalmente estando no início da carreira. Tivemos outros célebres encontros formativos ao longo desse tempo, especialistas sobre o ensino de África e outras participações que auxiliava a quebra daquelas rotinas automáticas de consulta ao livro didático sem aprofundamento.

Nos diálogos com outros docentes agregava e ousava testar em aula algumas das dicas e novidades sugeridas naquele ambiente, inclusive carregado da trajetória, sempre tive um apreço em ser aberto aos educandos. Sempre tentava chegar até eles falando a todos ou particularmente por um passeio pela classe.

Em um determinado ano algo peculiar aconteceu, tinha um aluno que sempre transitava entre as carteiras sem se envolver nas atividades. Porém aos poucos a confiança veio e diante da boa relação com aquela turma estávamos em um papo sobre outras coisas, quando o referido aluno da mochila nas costas começa a contar sobre um dia que foi ao shopping com sua mãe, onde teve a oportunidade de experimentar algo novo... e a partir disso houve inúmeras tentativas de descrever esse “novo”, assim como de adivinharmos o que seria tal coisa.

Nesse vai e vem entre erros, veio a revelação... Nos idos de seus quinze anos de idade, ele tinha tomado um milkshake! Talvez seja fácil para você leitor que provavelmente tenha tomado vários, junto com combos megalomaníacos das redes de fast food, assim como tenha frequentado muitos centros comerciais e lugares interessantes. Mas, na rede pública de ensino de bairros periféricos, na periferia da periferia, é possível observar o peso da desigualdade que dificulta um corriqueiro lazer comum da classe média.

A relação com os alunos vai despontando como outro elemento formativo a ser relatado e discutido por esse trabalho, na esteira desses instantes em que o meu contato enquanto professor com os educandos foi crucial. Enquanto passamos muitas horas-aula no convívio com eles, estamos na dialogicidade de ensinar aprendendo e aprender ensinando, na perspectiva de Paulo Freire.

Na figura 2, perceba que existem muitos resquícios da localidade, como a pesca e a luta por condições, evidenciadas no primeiro quadro. A Lagoa de Juturnaíba¹² representada no município de Araruama e dentro do distrito de São Vicente aparece como o lugar da pesca, e do lazer nos tempos de calor.

Olha a pesca!

A pesca já foi uma atividade importante na economia regional e hoje sofre com a transformação da sociedade e seus impactos. Pensando nisso, nossa aluna Vanuza, da VI fase da EJA noturna, conversou com “André Pescador”, como é conhecido.

Ele é um dos fundadores da Associação de Pesca Artesanal da Lagoa de Juturnaíba em Silva Jardim, e pesca desde os 9 anos de idade, ganhando dinheiro com a atividade desde os 14 anos.

“Os peixes possuem sua sazonalidade, ou seja, depende das estações do ano, clima, ventos, temperatura e outros fatores”, diz ele, ainda nos lembrando que os impactos do homem no meio ambiente gera um impacto direto em sua atividade: “antigamente conseguia tirar meu sustento exclusivamente com o trabalho da pesca, hoje em dia isso não é mais possível”.

A pesca foi aprendida através do pai amigos e outros mestres pescadores com quem conviveu. Hoje atua na representação dos pescadores no estado do Rio e nacionalmente. Boa sorte, André! Que venha ventos de mudança!■

Vou de táxi!

Ângela, aluna da VI fase da EJA noturna, bateu um papo com “Senhor Dirlei”, como é conhecido entre os vicentinos.

Nascido e criado no terceiro distrito, como diz ele: *“desde que me entendo por gente”*. Com seu bom humor e através de seu trabalho de taxista, conhece como ninguém cada cantinho de São Vicente, *“já rodei muito por aí, muitos sítios, casas, fazendas e bairros mais afastados”*.

Apesar de sua experiência, Sr. Dirlei não pensa em parar de trabalhar, acorda e cedo e vai para rua em busca do pão de cada dia e sempre disposto e pronto para servir à população vicentina.■



Lá se vai Sr. Dirlei para mais uma viagem.

Artesanato

As alunas Gelcineia e Regina nos trouxeram um pouco de seu trabalho artesanal, elas confeccionam tapetes.

Regina faz tapetes de crochê: *“Para mim é uma terapia, a hora passa e não me dou conta. Além de ajudar para aliviar o estresse”*.

As duas adoram seus trabalhos: *“Se o material acaba fico até sem chão, mas logo vou providenciar um novo para continuar, não pode ficar estressada néh?!”, brincam as alunas.*

Gelcineia ainda lembra da importância do trabalho: *“Gosto muito de trabalhar as cores dos tecidos e ir montando cada peça, no final ainda é um complemento na renda”*.■




Tapetes feitos pela aluna Gelcineia, com retalhos de tecido.




Outros tapetes de crochê da aluna Regina

Figura 2 – A contextualização da localidade em pequenas reportagens

Fonte: Jornal da EJA, 2019

Nessa lagoa existe a oportunidade para os moradores do distrito se divertirem como em um balneário, com um acesso facilitado em relação as praias da região. Existem também a dualidade do agronegócio espalhado por suas margens, com iniciativas do turismo que oferece hospedagem, passeios e outras atividades pela sua beira de água doce. A pesca, claro, é uma atratividade para os seus frequentadores.

As alunas que complementam a renda com o artesanato vendendo localmente e na vizinhança e as cidades circunvizinhas representadas no mapa retratam um pouco das histórias, desafios e as vivências com as educandas e educandos do lugar. Pretendo tomar cuidado nesse trato para visibilizar algumas hierarquias de poder e diferenças presentes na experiência, entendendo esse trabalho como não apenas um aspecto, mas uma compreensão de mundo (SILVA, 2009).

Nesse elemento abordado existe uma riqueza enorme de fatos que são possíveis de abordagem nesses anos de sala de aula, porém pela necessidade de síntese e foco, trarei apenas alguns que possam ser caracterizados para a discussão. Lembrando que esse trabalho

¹² Para conhecer melhor acesse os endereços eletrônicos da Prefeitura de Silva Jardim, com informações no primeiro e um vídeo no segundo: Link informações: <http://ww2.silvajardim.rj.gov.br/site/index.php/turismo/284-lagoa-de-juturnaiba>. Link com vídeo: <https://www.facebook.com/watch/?v=1614641085258090>. Acesso: 20/11/2021.

envolvendo os seres humanos possui uma especialidade e particularidade, necessitando de empatia, motivação e uma série de outros fatores como um saber necessário (TARDIF, 2000).

Foto 12 – A produção de sal às margens da Lagoa de Araruama



Fonte: acervo do autor

Quando comecei no magistério, a inocência inicial fazia crer que levaria novidades para o alunado, porém temas importantes das áreas e transversais são cotidianos deles. A dificuldade da realidade é sentida em casa e na vivência do lugar em que moram, seja pelo desemprego estrutural, déficit da entrega dos serviços públicos, a incidência da inflação dos itens básicos necessários à sobrevivência e aquilo que engloba todos esses e mais um pouco, a desigualdade social, e por que não de oportunidades.

A narrativa acaba passando por intempéries e se deparando com situações vividas em conjunto, e eventualmente podem ser transcrições de coisas que geram desconforto ou possam ser sensíveis para quaisquer dessas partes. A ética na pesquisa exige um cuidado no desvelar da pesquisa e no cuidado com os “outros” sujeitos envolvidos, seja na suavização de detalhes, ocultação de nomes e coisas que possam gerar uma identificação (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

A justificativa dessa precaução se faz nesse instante em que escolho por denominar muitos sujeitos que surgem na narrativa indiretamente, inclusive muitas escolas por onde passei não aparecem. Portanto, assumo como uma opção deste professor-pesquisador a escolha por evitar nomear muitos sujeitos e estabelecimentos, principalmente por vê-los como importantes e na necessidade de resguardá-los de eventuais contratemplos de acordo com minha abordagem de pesquisa.

A partir dessa pontuação sobre a abordagem e o amparo que tenho do arcabouço teórico-metodológico, quero compartilhar um pouco da situação das alunas naquele ambiente de ensino-aprendizagem. As mulheres geralmente vislumbravam essa oportunidade, porém inúmeras eram as barreiras que surgiam nesse trajeto, desde a geográfica, cultural e familiar. Várias se afastaram para cuidar de parentes enfermos, ou devido ao ciúme e a possessão de uma nova relação afetiva.

Utilizo-me então das pesquisas e escritos de Joseli Maria da Silva pontuando que: “Aos sujeitos femininos se atribui o desempenho da maternagem, passividade, docilidade, fragilidade e emoção. Ao sujeito masculino, agilidade, força, agressividade, astúcia e

raciocínio.” (SILVA, 2009, p. 123). Essa atribuição se fazia como um obstáculo, seja um degrau ou buraco, a ser ultrapassado por essas alunas que buscavam a sua diplomação.

Houve também uma vinda do noturno, a partir do início não foram poucos os desafios surgidos, como uma mulher nessa tal obrigação cultural e social do cuidado, ela tentava não abandonar o seu desejo de estudar, conciliando-o com o pai que estava adoecido e a atenção exigida aos filhos. Havia também a barreira física das intempéries das estradas de acesso, como se não bastasse às outras.

Existia ainda outra educanda com a necessidade de complementação da renda através da comercialização de doces e salgadinhos. Eles sempre eram levados numa bolsa térmica para oferecer aos colegas e professores, e assim ajudar a compor o orçamento mensal e buscar outros benefícios da atividade estudantil. Essa aluna transgredia na passividade social estabelecida, e com seu trabalho auxiliava nas contas do lar, assim como efetivava seu direito a educação básica (SILVA, 2009).

A gestação sempre se fazia presente entre nossas alunas em todos os semestres e não podendo ser diferente, a equipe trabalhava no apoio e socorro nos mal-estares, desalentos e desconfortos cotidianos. Operacionalizavam junto aos alunos para proporcionarem o tradicional chá de bebê e/ou fralda que era um acalento aos corações e bolsos das futuras mães, e permitia-lhes ganhar utensílios necessários para os primeiros meses de vida da criança.

Noutra situação, lecionava para uma aluna com a postura na defensiva, e constantemente aliava com outros e estava disposto o desafio docente. Inúmeras vezes tínhamos que conversar sobre as posturas, mas ela não tinha problemas em acompanhar o ritmo das coisas. Certo dia, ela saiu correndo num rompante sem nada aparente haver ocorrido, na tentativa de buscar informações do acontecido e com a paciência esgotada fui atrás.

No entanto, sensibilizei-me com o gesto da colega que solicitou tomar ciência e logo outros profissionais do estabelecimento também acudiram. Posteriormente, fiquei inteirado da motivação de tal atitude e enfim perplexo com a razão de ser daquilo. Ela estava na ansiedade diante da eminente escassez do leite que nutria seu filho de poucos meses de vida, na esteira disso o pai estava em privação de liberdade e não fazia repasse nenhum para a criação da criança.

Esse era mais um caso do aborto masculino, que tristemente nunca entra na pauta dos debates da opinião pública. Ciente de seus motivos, o apoio veio de todos os professores que nem a conheciam, mas compraram itens de necessidade de cuidado e o próprio leite em pó, e o alocaram na nossa sala para organizar a distribuição.

Além das possíveis dificuldades com os conteúdos, essas mulheres enfrentavam barreiras que Joseli Maria Silva (2009) pontua como achado de uma pesquisa nas periferias pobres. Segundo a autora: “... abandono paterno dos filhos pelos ex-companheiros, o peso da responsabilidade da maternagem e a falta de investimento do tempo de vida na formação profissional ...” (SILVA, 2009, p. 124). Infelizmente, as políticas públicas se mostram ainda pouco suficientes para equacionar tais problemáticas.

O auxílio governamental chamado de “Bolsa Família” era uma ponte capaz de prover algum sustento e dignidade mínimos, mas ainda ficava um vácuo que apenas a força dessas mulheres em romper os obstáculos sociais era capaz de romper. Mas, claro, com o auxílio daqueles que acompanham, inclusive eu. Imbuído de, juntamente com aquela equipe de trabalho, prover condições para a realização e o entendimento das necessidades particulares desses e outros casos que permeavam aquelas turmas na EJA.

Inclusive, Enio Serra faz uma excelente observação sobre essa modalidade e a geografia: “Nesse sentido, a ótica da contextualização e o reconhecimento de identidades e diversidades pressupõem e exigem um olhar mais apurado do professor de Geografia para as

condições socioespaciais em que vivem os alunos da EJA.” (SERRA, 2019, p. 7). Pois o atraso escolar e o recurso daquele segmento eram comuns a outros grupos existentes na escola, um obstáculo social pela sua condição diversa.

O autor ainda pontua no sentido de uma desconstrução a respeito desse conhecimento sobre a vida dos alunos: “Para que estereótipos engessados sejam problematizados e superados, talvez seja necessário abrir-se para o que os educandos têm a revelar sobre si mesmos e sobre os grupos sociais aos quais pertencem.” (SERRA, 2019, p. 7). Na potencialidade dessas histórias vividas e trazidas à tona nesse texto, é possível perceber o benefício que o diálogo e o aprofundamento das relações com os educandos podem acrescentar ao processo de ensino-aprendizagem.

O surgimento de temas para a contextualização em sala de aula a partir do que acontece no lugar, e assim a abordagem e a ampliação disso para conteúdos presentes nos currículos e propostas educacionais. Mas sempre atento às particularidades de cada situação, sem constranger nenhum aluno, respeitando o tempo, espaço e a singularidade.

Em meio a essa discussão, em que os corpos estão agindo e atuando no espaço, é o momento para acrescentar na reflexão um recorte de Milton Santos sobre a questão. Nas suas palavras:

A corporeidade ou corporalidade trata da realidade do corpo do homem; realidade que avulta e se impõe, mais do que antes, com a globalização. A outra dimensão é a dimensão da individualidade. Enquanto a corporalidade ou corporeidade é uma dimensão objetiva que dá conta da forma com que eu me apresento e me vejo, que dá conta também das minhas virtualidades de educação, de riqueza, da minha capacidade de mobilidade, da minha localidade, da minha lugaridade, há dimensões que não são objetivas, mas subjetivas; aquelas que têm a ver com a individualidade e que conduzem a considerar os graus diversos de consciência dos homens: consciência do mundo, consciência do lugar, consciência de si, consciência do outro, consciência de nós (SANTOS, 1996, p. 11).

As subjetividades e corporeidade daquela comunidade escolar e as suas vivências que transbordavam na sala de aula demonstravam o conhecimento de uma realidade implacável. A consciência coletiva nos momentos de apuros era posta em prática na colaboração entre os próximos, seja amigos em sala e/ou profissionais.

Mas a corporeidade era incisiva também nas virtualidades daqueles que habitavam naqueles arredores da escola, as periferias do distrito. E nisso andavam de mãos dadas não apenas os corpos, somando a isso essa localidade, portanto vou seguir no relato para elucidar esse ponto.

A violência emergia no bate-papo em distintos instantes da classe, passado o final de semana ou feriado se acumulavam acontecimentos para serem partilhados e a resolução de atividades era tocada com a trilha sonora dos fatos presenciados. Por dentro, residia em mim o espanto da certeza dos alunos em serem abordados pelos policiais. Será que havia um “x” desenhado em suas testas? Eles vestiam alguma roupa (in)consciente que dirigia a atenção vigilante? O código postal era criminoso?

Diante de tantas dúvidas e questionamentos sobre os diálogos entre os alunos na sala de aula, Enio Serra (2019) pontua que existem muitos temas que são demandas desses educandos e ignorados pela geografia escolar. Ele ainda indaga dizendo que: “Quantos assuntos mais significativos não poderiam ser abordados nas aulas se se levasse em conta as especificidades desses demandantes?” (SERRA, 2019, p. 9). Nesse apontamento há um

cruzamento de elementos formativos, seja pela relação de proximidade com a classe, escola, comunidade, construção do currículo, entre outros.

As falas ainda entregavam que os componentes de nossas forças oficiais de segurança retornassem extraoficialmente para resolver pendências advindas de seus cargos na comunidade. Enquanto escola lidávamos com uma repulsa do alunado com o sonho, a imaginação e o devaneio. Aparentava ser uma ofuscação que impedindo o ir além, operava a partir da estima, e deixava o plano dos projetos apenas para a escala do local. A ousadia marca da juventude estava apagada.

Essas questões e diagnósticos precisam ser consideradas na produção do: “... currículo de Geografia na EJA, contudo, dependem em larga medida do reconhecimento dos educadores acerca de seu papel intelectual e como produtores do currículo.” (SERRA, 2019, p. 9). Recordo-me que muitas aulas eram motivadas pelos acontecimentos locais, mas nem sempre tudo era abordado, a violência policial consistia num assunto que causava receio, para ficar em um exemplo.

A consciência negra, pelo contrário, era sempre celebrada e problematizada na instituição escolar como um todo, não apenas nas turmas da EJA. No trabalho com textos, poemas, reportagens, filmes e documentários todos os professores inseriam o tema como um importante motivador do diálogo e das conversas naquele ambiente.

A comunidade em que a escola estava inserida era majoritariamente negra, explicando assim, talvez o motivo da truculência nas abordagens com alunos e outros moradores nas rondas e operações em geral. Numa atualidade que remetia a tempos coloniais, ou em um imaginário de representação que persistia em marginalizar previamente aquele “grupo”, apontando a necessidade da desconstrução de estereótipos (SILVA, 2009).

Diante de tanta adversidade se fazia necessário ser um bom professor, vários eram os motivos para eles desistirem. Não sou capaz de imaginar a potencialidade que uma atitude é possível perante seus alunos, de quanto pode ser motivador e imaginativo para aquele educando. Algo que para ele possa parecer banal, no campo discente poder ser como um divisor de águas, provocando um impulso de transformação (FREIRE, 2011).

Numa turma marcada pelo carinho que tinha com eles e já está marcado nessa narrativa, havia uma aluna sempre isolada e num eterno conflito. Esse caos interior refletia em comportamentos ora ofensivo com outros, e ocasionalmente com ela própria. Entre idas e vindas num eterno descobrir-se, eis que assume sua nova identidade, tínhamos orgulhosamente agora um novo aluno.

O seu revelar-se como um homem trans foi um ato que transgrediu naquele ambiente escolar que persistia ainda conservador, nos dizeres de Silva: “O espaço escolar reproduz o texto hegemônico da heteronormatividade já vivenciada na cidade.” (SILVA, 2009, p. 137). Havia então resistências, piadas e preconceitos que eu conseguia ouvir entre os corredores partilhados pelos profissionais.

A transição ocorreu diante de todos que conviviam naquele espaço e seu ápice foi no surgimento do novo nome social, e que apesar do nosso preconceito de cada dia, ele foi abraçado pelos alunos, numa feliz surpresa diante da aparente grosseria de alguns adultos “esclarecidos” que teciam comentários de índole duvidosa.

A identidade assumida requeria uma alteração que a instituição escolar não estava formalmente preparada para acatar e normatizar, e nos documentos oficiais, incluindo os diários de classe, permaneciam o nome de batismo. Como forma de quebrar e incluir o “novo” aluno, uma professora e eu começamos a nos dirigir sempre a partir do seu nome social.

Esse exercício vinha num esforço de toda uma história de vida sufocante em meio ao segregacionismo de uma instituição que deveria prestar os acolhimentos a todos. Junto com a parceira de trabalho, tentava nas palavras de Silva: “... desenvolver processos de socialização e aceitação desses indivíduos na comunidade escolar.” (SILVA, 2009, p. 144).

Apesar de nossa tentativa de inclusão, assistimos o aluno ser recusado pela família da namorada e a luta por viver sua relação amorosa, algo costumeiro entre os adolescentes. Entre idas e vindas, aquela história se compunha como mais um elemento na vida desse professor que estava em constante reformação de seus saberes inerentes a prática profissional.

A tarefa de refletir sobre tudo isso, remonto algumas passagens para caracterizar algumas discussões essenciais sobre esse exercício da experiência em sala de aula. A opção pelos relatos e montagem do encaminhamento narrativo obedece a um prévio planejamento, mas se depara com aprendizados e emoções, e deságua em ressignificações de vivências sendo transcritas num texto que informa e principalmente forma (PRADO; SOLIGO, 2007).

A realidade acaba sendo a maior formadora do professor e por meio dos relatos transcritos até esse momento percebe-se que isso ocorreu em toda a carreira profissional, mas infelizmente não é exclusividade do magistério. Na época da graduação aprendemos a mediar/levar/tocar o processo de ensino-aprendizagem como se isso fosse feito com um objeto e não com um adolescente, jovem ou adulto que tenha problemas, necessidades, sonhos e até pesadelos, ou seja, um ser humano normal em sua complexidade e que não é passivo.

E diante da humanização do aluno e de todos que estão nesse processo, inclusive o professor, Freire acrescenta sobre a raiva do educando:

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade (FREIRE, 2011, p. 41).

Como bem colocado pelo autor, é se aproveitando da revolta para com as injustiças sociais que estão presentes em seu cotidiano, e claro, não as confundindo com o ódio. Mas sim, canalizando em prol do aprendizado e da formação do cidadão que deve saber reivindicar por conquistas e ampliação de direitos. A raiva do oprimido contra a perversidade daqueles que reservam para ele sempre um “estado” mínimo.

Portanto, essa relação com alunos contribuiu no processo de contínuo aprendizado profissional que fui obtendo das diversas fontes que permeavam essa aquisição de conhecimentos. Como mencionado, humanizou os alunos e permitiu uma apuração no olhar para eles, no que tange ao planejamento das aulas, no trato com eventuais demonstrações de sentimentos adversos no cotidiano.

Nesse percurso pelas histórias da prática educativa, ainda friso a importância do: “... resgate e registro da memória da escola e dos sujeitos da/na escola - evidenciando, assim, que também o sujeito da/na escola se constitui em relação a outros sujeitos.” (FERNANDES; PRADO, 2010, p. 5). Elencando a significância dessas vivências e a sua partilha como um trabalho de um professor-pesquisador a fim de possibilitar a reflexão e aprendizado dos pares.

A passagem para outro elemento formativo acontece sinalizando a conexão que todos eles possuem, note que esse posicionamento pontual para discussão é apenas um exercício de pesquisa. Nesse movimento consigo um *zoom* para descrever e compreender esse ato em especial, mas na minha próxima abordagem verá como ela está ligada a essa e todas as outras posições.

Se a convivência com os alunos foi importante para a aprimoração desse professor-pesquisador que vos escreve, posso dizer que o trato geral com a escola e a rede de ensino mostrou-se elementar. No entanto, nesse caso apresentando situações constrangedoras que deveriam ser evitadas e/ou não ocorrer.

Inclusive vou retomar um pouco daquilo que trouxe no começo desse capítulo sobre as condições de trabalho, fazendo uma ligação e referência para melhor compreensão desse

ponto. A relação de contratação temporária por “apadrinhamento” provocava um mal-estar em quem chegava pelo concurso na rede, e assim, surgiam cobranças e ritos descabidos.

As escolas do município tinham em suas salas câmeras de segurança posicionadas na parede junta ao quadro e, todas exibidas em tempo real na direção da instituição. A justificativa que era eventualmente dita vinha da necessidade em esclarecer possíveis problemas relacionados aos estudantes ou desaparecimento de algum objeto.

A fragilidade desse argumento era enorme e pude experienciar inúmeras reuniões pautadas na ameaça ao comportamento que tínhamos nas turmas. Constantemente a pressão vinha nos encontros pedagógicos da escola ou conselhos de classe, sempre enfatizando que algum docente estava ficando muito em pé ou sentado.

O uso daquele recurso tecnológico era totalmente voltado para o controle do comportamento e a postura dos professores na sala de aula, me recorro de quando um objeto desapareceu em um evento de sábado letivo e foi dito na frente de todos disfarçadamente que não se poderia contar com as câmeras devido a sua baixa resolução.

A problemática da educação e formação docente vai além desses, pois na relação de trabalho temos os gestores e outros profissionais da educação que precisam estar integrados e receberem o devido aprimoramento e treinamento para o exercício de seus cargos, o que na maioria dos casos não acontece e, culmina em arroubos pessoais e autoritários (GATTI, 2010).

Porém, os constrangimentos não cessavam por aí, houve também várias comunicações sobre a avaliação do período dos funcionários recém-admitidos no concurso público. O estágio probatório que consiste em qualificar alguns itens para que o servidor se efetive após os três anos iniciais versa sobre pontualidade, assiduidade e outras questões formais do desempenho da função.

Mas, naquela unidade as coisas pareciam se encaminhar de modo distinto, esses anúncios estavam impregnados de uma sede de punição, logo após os primeiros meses, a ideia da chefia imediata era acompanhar aulas com as turmas, rendimento dos alunos pelas notas, sortear alguns para vistoriar seus cadernos, entre outros itens.

O ofício era complexo tendo que por um lado, como bem lembra Serra (2019) ser dialógico e aberto a temas e demandas dos estudantes para o ensino da geografia, e por outro ser pressionado em uma relação enviesada numa irreal pressão. O desequilíbrio que sustentei naqueles anos foram duramente formadores, os quais não indico ou desejo para nenhum outro professor.

O constrangimento daqueles detalhamentos para todos os profissionais lotados na unidade era nítido, sempre ficava pensando na humilhação de estar sendo cercado por todos os cantos e cobrado de coisas que fugiam a minha alçada profissional. Como poderia dar conta do caderno dos estudantes, para especificar apenas uma das verbalizações.

Por mais descabidas que essas regras soavam sempre ficava preocupado junto com os colegas novos, e atualmente percebo principalmente compartilhando isso nesse momento, que o objetivo era esse. O medo e a preocupação se espalhavam como um rastilho de pólvora entre os funcionários, era a vida de muitos que largaram outros trabalhos e municípios para estar ali, como eu.

Aos poucos, felizmente, fui percebendo junto aos colegas aquele *modus operandi* de imposição do caos, e vinha da secretaria municipal os procedimentos corretos e instruções para tais processos. Nessa convivência tumultuada, trago Gatti para a conversa:

É preciso ver os professores não como seres abstratos, ou essencialmente intelectuais, mas, como seres essencialmente sociais, com suas identidades pessoais e profissionais, imersos numa vida grupal na qual partilham uma cultura, derivando seus conhecimentos, valores e atitudes dessas relações,

com base nas representações constituídas nesse processo que é, ao mesmo tempo, social e intersubjetivo (GATTI, 2003, p. 196).

Nesse esclarecimento que a autora faz sobre os professores, é crível vislumbrar possibilidades de outras abordagens na relação individual e coletiva com a classe. A constante cobrança descabida só tende a nos tencionar no exercício laboral cotidiano, atrapalhando a criatividade e a desinibição para se integrar ao grupo e aquele local de trabalho.

A contribuição de Gatti nessa pesquisa foi feita a partir de artigos que ressoavam avanços na compreensão do ensino e da formação de professores, mas a autora vem coadunando com movimentos educacionais que defendem a lógica privada. Por mais democráticos que pareçam, essas organizações preparam o terreno para a apropriação dos recursos públicos pela iniciativa privada, portanto esse professor não compactua com essas perspectivas.

A criação de um ambiente de colaboração e acolhimento, principalmente aqueles que estão acabando de chegar seria fundamental para o seu contínuo aprendizado e desenvolvimento profissional. A orientação para auxiliar na sua prática, e na ousadia de propor tarefas e atividades que possam ir além do costumeiro, assim como permitir que nos eventuais erros, lições sejam tiradas disso, mas que exista o espaço para a falha.

Preciso fazer uma ressalva, pois apesar desse quadro geral contestável, existia ali algumas atitudes de pessoas que encorajaram e corroboravam muito o meu desenvolvimento profissional. A sensação de segurança veio logo quando perceberam que era um iniciante, algumas orientadoras pedagógicas e educacionais se colocaram à disposição para auxiliar naquele primeiro momento.

Na primeira turma que entrei fui acompanhado de uma delas que atualmente não está mais trabalhando na rede, essa postura aparenta uma ternura que realmente estava presente, mas também havia ali a sustentação para o desenvolvimento de uma segurança. A disponibilidade delas aconteceu em vários momentos, em toda essa trajetória de prática para ser mais claro, foram muitas trocas e conversas sobre o ofício.

A interlocução permitia a constituição de elos internos daquela comunidade escolar que devido as temeridades enunciadas anteriormente, acabava ficando temerosa. Nesse aspecto inclusive que encontrei nas pesquisas narrativas a resposta de uma angústia, em todos os textos consigo enxergar as falhas, tentativas, inseguranças, incompreensões e o espaço para aprender com tudo isso.

Nessa metodologia em que sigo movimentando entre o espaço tridimensional, colocando a constituição pessoal e profissional em reflexão, a partir dos aspectos escolares como aluno e professor, a elaboração vem se dando no diálogo com autores, nas lembranças, na escalação desses fragmentos temporais, e na perspectiva de ecoar na leitura de colegas professores e estudantes (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

O desenho desses elementos formativos, a partir das memórias organizadas narrativamente nesse texto, permite elaborar passagens vividas importantes para a concepção deste professor que vos escreve. Essa teia que se assemelha à nossa complexidade enquanto ser humano, em um constante cruzamento de um ou mais motivos dessa contínua construção professoral.

Mas além da constante reflexão crítica permitida até esse ponto, ressalto que a confecção desse texto é ainda um ato de resistência, amor e cura (HOOKS, 2006). Na contemporaneidade da pandemia de covid-19, em que assola nosso país mais do que outros, o exercício de lembrança e a organização de tudo isso após as leituras e orientações tem sido um refúgio.

Tornou-se uma ação de concentração e diminuição do anseio com a realidade imediata e as constantes notícias ruins da crise sanitária que se vê fora de controle por estratégia

principal do atual presidente da República Jair Messias Bolsonaro, conforme apurou o Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (CEPEDISA), publicado esse ano.

Porém, entre os crimes de responsabilidades do executivo federal e o caos sanitário, encerro essa parte de caracterização dos elementos formativos no princípio da minha ação como professor, para enfim, partir para a mobilização desses aspectos de toda a vida na prática em sala de aula no desenvolvimento do Jornal da EJA.

3 OS ELEMENTOS FORMATIVOS NA CONSTITUIÇÃO DESSE PROFESSOR: A ANÁLISE DO RELATO AUTOBIOGRÁFICO E OS ATRAVESSAMENTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE NA AÇÃO PEDAGÓGICA

É um novo tempo, momento
Pro novo, ao sabor do vento
Eu me movo pelo solo onde reinamos
Pondo pontos finais na dor como
Doril, Anador e somos a luz do senhor
E pode crê, tamo construindo
Suponho não, creio, meto a mão
Em meio à escuridão pronto aceitamos
Nosso sorriso sereno hoje é o veneno
Pra quem trouxe tanto ódio pra
Onde deitamos
(Emicida)

A prática em sala de aula foi um evento com impacto profundo na vida como um todo, seja pessoal e/ou profissional. A partir daí, surgiram ideias, projetos, sentidos e desejos que foram se desenrolando no limiar desse acontecimento. Nesses primeiros anos como professor da educação básica o amadurecimento e aprendizado com os alunos foram primordiais, ainda mais no planejamento das aulas.

Nesse último “fio”, busco desenrolar esse novelo em meio a essa teia de construções realizadas até esse ponto, é o momento de colocar em cena um pouco mais sobre o projeto da EJART¹³ e o jornal da EJA feito a partir dos trabalhos com os alunos. E, para apreender melhor sobre essa prática, analisar um relato autobiográfico para compreender junto com os teóricos que vem auxiliando a reflexão a respeito do ensino de geografia e a formação de professores.

O relato autobiográfico foi um desencadeador desse rumo de pesquisa, a partir de sua realização para a discussão em um evento, resolvi colocar em ação a ideia para investigar esse intento enquanto professor de geografia na EJA. Ele traz em cena toda a memória narrada a respeito da participação na EJART, desde o convite para participar até a culminância, com as ideias, pensamentos e questionamentos que culminaram no processo de pensar o que poderia ser feito.

Portanto, o exame desse documento que estará presente em anexo neste trabalho em sua versão na íntegra, possibilitará uma compreensão da significação e vivência junto comigo no fato em si. E ainda trazer para essa discussão os fragmentos de todos aqueles elementos formativos que vim elencando aos poucos na realização dos outros “fios”, seja como estudante ou profissional da educação, para evocar sua possível contribuição nessa ação pedagógica.

A princípio vou apresentar alguns aspectos sobre a construção do relato autobiográfico junto com o amparo metodológico utilizado, pois mesmo a livre associação de ideias a respeito de algo é orientada em pontos cruciais para permitir um resultado satisfatório. Nesse caso, o andamento da pesquisa depende crucialmente do sucesso e aproveitamento desse material.

O evento é a oportunidade de encontro dos estudantes da EJA da rede municipal de Araruama e a exposição de seus trabalhos, ocorrendo no primeiro semestre do ano, como uma forma de valorização da cultura, educação e deste segmento de ensino.

Uma palavra fundamental para que o relato e essa pesquisa entrem em cena é o inventário: “o pesquisador passa a ser visto como um arqueólogo de si mesmo, ao inventariar os “guardados e achados da pesquisa.” (PRADO; FRAUENDORF; CHAUTZ, 2018, p. 545)”. A organização dos guardados sobre o trabalho docente foi crucial para a produção, orientado aqui pela perspectiva em rememorar uma experiência para assim descrevê-la.

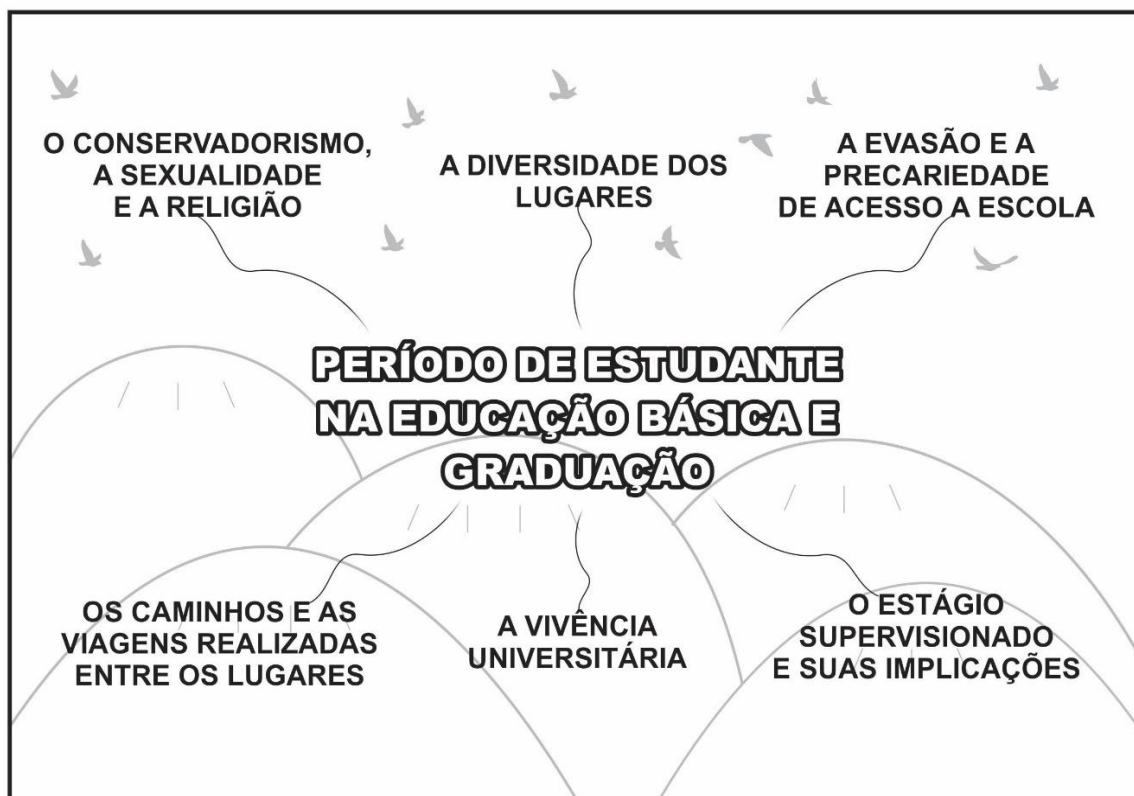
Como na época em que desenvolvi os trabalhos na EJA não tinha uma pretensão de pesquisa, muitas das anotações e desenvolvimentos realizados nos cadernos e blocos de papel acabaram perdidos no tempo e no espaço. A partir do intermédio das leituras e aprofundamentos com a metodologia da pesquisa narrativa e as investigações que a utilizavam, obtive repertório e enxerguei o potencial dos guardados, sejam físicos ou digitais.

A importância não está na ordem do que se observa, mas o acesso a objetos que possam remeter o pesquisador a lembranças de momentos que auxiliem na tradução de toda essa vivência longínqua para a atualidade. No meu caso, tinha ainda uma pasta no computador que continha alguns arquivos enviados na época para a produção do jornal, precisei juntar algumas peças para agregar mais material naquela “caixinha” moderna e contemporânea que está fisicamente em casa, mas também numa “nuvem” em algum lugar do Brasil ou mundo.

Numa viagem solitária fui garimpar pelos meios digitais os fragmentos sobre o jornal da EJA e compilei fotos, vídeos e mensagens recebidas através do facebook, assim como um contato com a Secretaria Municipal de Educação do município de Araruama-RJ e o envio do projeto da EJART, calendário e divulgação. O navegar pela leitura das dúvidas e envio dos trabalhos pelos alunos, assim como a lembrança de algumas aulas que aconteceram em meio a explicação das atividades propiciaram um intenso mergulho e vivência de sentimentos daquela época.

É importante ressaltar que: “A memória deixa de ser coadjuvante, nesse processo, e passa a ser protagonista, por ser compreendida como importante fonte de informação.” (PRADO; FRAUENDORF; CHAUTZ, 2018, p. 545). A energia que emergiu dos guardados digitais inventariados por aquela busca fizeram um relato autobiográfico acontecer, assim como, posteriormente deram início a essa pesquisa.

Mapa 3 – A cartografia da form(ação) inicial



Fonte: Rocha (2021)

O inventário se constitui então uma peça central para a concretização desse empreendimento acadêmico, percebe-se que ele alimenta o relato dessa experiência de ensino e aprendizagem na EJA, o memorial de formação e assim permite toda essa estruturação de pincelar um mapa formativo.

O ato de cartografar os pontos importantes da minha trajetória vem na intenção de trazer um fôlego elucidativo e didático para compor juntamente com todo esse texto. A fim de seguir organizando de uma forma que seja mais bem recebida, os mapas estão divididos em dois momentos, denominados o primeiro de cartografia da form(ação) inicial (Mapa 3) e o segundo de cartografia da form(ação) prática (Mapa 4).

Utilizei-me de aspectos relacionados ao lugar de onde esses períodos foram vividos e aconteceram, como no caso dos mares de morros que estão pelas cidades do interior de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, assim como as ondas presentes nas praias da região dos lagos e o moinho de vento que está nas salinas espalhadas pela sua área costeira da Lagoa de Araruama.

Esse mapa elenca os vários pontos formativos nessas duas fases, e são uma aproximação com a cartografia da ação de Ribeiro (2012) que tinha como ideal trabalhar com questões sociais de modo geral. Porém, aqui o intuito é a partir de a trajetória visualizar questões que abrangeram a formação desse professor, mas que algumas e talvez várias delas sejam vitais para a sociedade como um todo.

O mapa 3 traz consigo os apontamentos feitos no primeiro capítulo, com fragmentos visuais que remetem as vivências brevemente apresentadas ao longo daquelas páginas. Nessa parte, trouxe um total de seis itens representativos “escavados” nas discussões, acerca do que foi significativo na narrativa.

Mapa 4 – A cartografia da form(ação) prática



Fonte: Rocha (2021)

O conservadorismo, a sexualidade e a religião, a diversidade dos lugares, a evasão e o acesso à escola, os caminhos e as viagens feitos pelos lugares, a vivência universitária e os impactos do estágio supervisionado se fizeram como pontos cruciais que provocaram mudanças nesse ser pessoal e profissional.

No mapa 4, elenco aspectos do segundo capítulo dessa pesquisa, como uma forma de tornar vivida nessa parte o que discuti até então de forma lúdica. Trazendo então o concurso e os processos seletivos, os encontros de formação continuada, o contato com os alunos, a vivência no lugar junto à comunidade escolar e as cobranças e tensões administrativas da prática profissional.

Esses seis elementos levantados do tempo da prática como professor de geografia se entrelaçam e aproximam-se dos outros primeiros, assim como tem em si uma paridade. Porém, são distinguidos para melhor aproveitamento nesse debate. Portanto, chegou a hora de refletir e apresentar um pouco mais sobre o Jornal da EJA.

O intuito era mostrar o que acontecia na localidade, principalmente pelo fato de produzir um conteúdo dali oriundo do ritmo vagaroso na cotidianidade do distrito de São Vicente de Paulo, onde se localiza a escola. Então, estando na EJA e com a oportunidade de criar o jornal com os alunos foi em si motivador, além de depois usá-lo para leitura e pesquisa nas aulas de geografia, e inclusive outras disciplinas.

A ideia do projeto é incentivar a interdisciplinaridade, incentivar a criatividade e a inovação nas práticas educativas, auxiliar na promoção da cultura entre os jovens e adultos, além de buscar inserir atividades inovadoras para esse público e possibilitar um contato diverso do educando com diversas experimentações artísticas (Secretária Municipal de Educação de Araruama, 2019).

O tema que orientava a criação dos componentes era “Educação e Trabalho – um mundo de possibilidades”, norteando as unidades escolares a seguirem esse eixo, com um cronograma previsto para criação, apresentação de ideias. As datas contemplavam uma culminância na escola, para em seguida serem expostos na praça no centro do município, durante uma tarde e noite onde todos se encontrariam.

Neste caso, acrescento um primeiro recorte do relato autobiográfico, que sempre aparecerá como uma citação, porém em itálico como diferencial, ele versa sobre o desenvolvimento dessa atividade com os alunos para melhor entendê-lo:

Nos últimos dias de março, chegava à escola o projeto para a EJART de 2019, que foi apresentado aos presentes na sala dos professores pelo orientador pedagógico, [...] o assunto foi abordado a fim de instigar o desenvolvimento e apresentação de ideias para trabalhar com os alunos (ROCHA, 2019, p. 1).

Foi necessário, pelo menos, uns dez dias para que a ideia fosse esboçada entre as várias aulas dadas semanalmente e as viagens de deslocamento entre as prefeituras em que trabalho. Existiam muitas coisas que influenciavam na escolha de algo desde a possibilidade de conseguir adesão dos alunos até a viabilidade de realização para apresentar na data de culminância do evento, além de transitar por habilidades que deixassem minimamente confortável para instruir (ROCHA, 2019, p. 1).

Temos a apresentação e o período em que foi gestado o esboço do projeto, perceba a precariedade da carreira na condição de trabalho exigindo um constante deslocamento entre municípios, além da centralidade na viabilidade. Pois, sabia naquele momento que não adiantava ser utópico e mirabolante e projetar algo que seria irreal para a minha realidade de professor. A criação versava sobre a necessidade de alcança minha, dos alunos e na materialidade de escassez em que estávamos inseridos.

A passagem auxilia na compreensão da influência de alguns elementos formativos como a vivência universitária, o estágio supervisionado e o contato com a comunidade escolar, entre outros. Essa confluência de elementos projetou na ação em sala de aula de um “instinto” de realização de algo, pois como dito em outros trechos, os alunos não são meros objetos a serem movidos de um ponto a outro.

Nesse ponto a autora corrobora uma crítica a partir da análise de um filme sobre o planejamento de uma atividade: “Não havia diálogo, não se partia do conhecimento já adquirido por eles, nem eram considerados os seus referenciais culturais...” (CASTELLAR, 2015, p. 33). A tríade de pontos relevantes para a elaboração de uma aula ou atividade está pontuada pela crítica de Castellar, que é uma referência no ensino de geografia.

No meu caso, a mobilização de todos os elementos formativos elencados me possibilitou construir uma mínima percepção de conexão com a comunidade escolar em que trabalhava, tanto que foram no mínimo uns dez dias para projetar algo e discutir com a orientação. Pois, ainda era necessária uma aprovação com a unidade escolar para seguir com a ideia adiante e apresentá-la a turma.

Sobre o trabalho do professor ainda é possível acrescentar que envolve a: “... preparação de um programa de curso e planejamento de aulas até a participação na produção e na execução de projeto pedagógico institucional, além de projetos didático-pedagógicos que impliquem uma atividade investigativa.” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 101). A participação em projetos e atividades estava posta e andamento, restava algumas ações que poderiam potencializar a iniciativa.

Em outro trecho do relato nota-se a dificuldade em conciliar o planejamento da ação junto com outro professor da escola: “A partir daquele momento me colocava na obrigação de elaborar algo sozinho ou com algum colega que tivesse um mínimo contato e afinidade.”. Existem muitas possibilidades de discussão nesse fragmento, começo pela zona de conforto que se impõe na intenção de seguir pelo caminho da “afinidade”.

Na comunidade escolar pressupõe-se um envolvimento de vários professores em prol de iniciativas, assim como ressaltai no trecho das autoras acima, porém na concepção do jornal tive apenas o auxílio de uma professora de português, e mesmo assim seguindo o critério expresso da afinidade.

O engajamento dos professores dos anos finais do ensino fundamental tem suas complexidades, como bem nos lembra: “... as interações são mais complicadas e tão somente o planejamento conjunto pode minimizar as fronteiras entre as disciplinas e o consequente parcelamento da aprendizagem do aluno.” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 117). Apesar das posições certas sobre as fronteiras das disciplinas e a dificuldade de interação entre elas, algumas informações importantes não foram adicionadas.

A carreira do professor especialista é extremamente fragmentada, tendo estados e municípios como os maiores empregadores, e ofertando cargas de trabalho cada qual a seu gosto. São raras as oportunidades de um exercício exclusivo em apenas um empregador, o que faz da carreira desse profissional um verdadeiro quebra-cabeças.

A própria experiência passada com os concursos e processos seletivos já permitiu mergulhar nesse universo dividido, assim como as áreas do saber. A existência do tempo de planejamento remunerado auxilia, mas não é suficiente para suprir essa carência (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). Portanto, nesse início de discussão apresenta-se um potencial que não foi aproveitado, mesmo que diante das carências estruturais da carreira, poderia existir pelo menos mais um diálogo disciplinar.

Parte dessa lacuna mal utilizada pode ser explicada na mobilização dos vários elementos formativos, raríssimas vezes houve registros de ações envolvendo mais de uma área nas experiências escolares e no estágio supervisionado. A rotina era sempre “cada um para si”, num eterno ir e vir da sala de aula só, a própria graduação não fomentava a união das áreas por mais que um docente lecionasse diferentes disciplinas de sua grade.

A fenda que existe separando a formação inicial da prática em sala de aula faz com que fossem dois mundos completamente estranhos um do outro, poucas são as interlocuções entre essas esferas (SANTOS, 2015). O reflexo disso se faz nessa dificuldade em mobilizar a teoria em prol da e na prática, assim como a construção e a elaboração de projetos com uma maior capacidade de diálogo entre os pares da escola.

A construção do saber docente pautada em grande parte no passado em que esteve como aluno na sala de aula corrobora (TARDIF, 2000) com a experiência prática em que não fui exposto há quase nenhuma atividade interdisciplinar, sempre em trabalhos e projetos que mobilizada uma única área. Nesse caso, as vivências escolares foram um dos elementos mobilizados para elaborar esse projeto, e optou-se pelo caminho confortável.

Posso inclusive enfatizar essa questão da formação e acúmulos de experiências anteriores nesse seguinte relato:

Essa escolha pode ser explicada pelo histórico profissional antes do magistério, onde a atuação por anos em vários tipos de gráficos fez ter contato com o design gráfico e softwares como o corel drawn e o desenvolvimento de informativos e jornais para sindicatos, associações e empresas diversas durante muitos anos, inclusive sob instrução direta de um jornalista, que foi possível aprendizados importantes (ROCHA, 2019, p. 1).

A expectativa em mobilizar elementos trazidos de outras vivências de trabalho para a sala de aula no ensino da geografia foi aproveitada na concepção do jornal da EJA. O jornal fez parte de meu cotidiano de trabalho durante um grande momento na criação e edição gráfica, por meio do apoio de um jornalista a fim de conceber um periódico para um sindicato da região onde trabalhava na época.

Existem outras explorações possíveis com essa parte do relato autobiográfico que retomarei mais a frente, como o uso de tecnologias no cotidiano escolar e o emprego disso na experiência contada nesse documento. Porém, nesse tatear a respeito das aspirações a concretizar o projeto, creio ser de extrema importância elucidar sobre a importância desse item na educação e as expectativas a respeito, vejamos:

O desenvolvimento de um projeto envolve um processo de construção, participação, cooperação e articulação, que propicia a superação de dicotomias estabelecidas pelo paradigma dominante da ciência e as inter-relaciona em uma totalidade provisória perpassada pelas noções de valor humano, solidariedade, respeito mútuo, tolerância e formação de cidadania, que caracteriza o paradigma educacional emergente (SANTOS, 2015, p. 26).

Em consonância e contribuição às discussões realizadas até este ponto, o autor reforça a utilidade de um projeto alcançar a totalidade e a realidade, como um instrumento capaz de viabilizar ações práticas transformadoras. Procurei seguir essa premissa sem a consciência desse trecho, mas com uma capacidade de interação com os profissionais da escola reduzidos.

A conversa se restringiu a uma participação da colega de Letras, como já mencionado anteriormente, e uma articulação ativa do orientador pedagógico. Esse último trouxe um dinamismo em debate e constante participação nas aulas e momentos da vida letiva, que com certeza propiciou uma tranquilidade na elaboração e na decorrência de tudo.

A liberdade em conceber e guiar todos os procedimentos eram campos férteis que rompia algumas de nossas barreiras, como a precariedade de condições materiais e a falta de interação entre os professores. Apesar disso, esse outro lado fazia emergir em nossa ação uma motivação.

O acontecimento desse jornal nas turmas de EJA é um fator determinante também nessa minha inicial discussão sobre a elaboração de tudo, principalmente no desenvolvimento de um projeto. O tema apresentado para a nossa escola aquele ano era o trabalho e veja bem o que nos diz Serra sobre isso: “No caso da EJA, a sua vinculação às frações empobrecidas da classe trabalhadora explica a sua tradição histórica de ações paralelas ao sistema de ensino, de ser alvo de iniciativas aligeiradas ...” (SERRA, 2017, p. 39).

O contingente de alunos das turmas na escola oscilava em uma maioria de jovens que faziam uma constante repetência e eram encaminhados para a EJA, a qual funcionava no período da tarde e noite. Naquele ano estava lecionando para os dois turnos, a noite havia uma mescla maior de trabalhadores e pessoas com maior idade, ao contrário do vespertino.

O autor ainda continua em sua crítica levantando algo que ressoa diretamente na nossa proposta de trabalho daquele ano: “... com conteúdo pedagógico circunscrito ao mercado de trabalho – e secundarizada na política educacional.” (SERRA, 2017, p. 39). Porém, segui aquela premissa instigadora, mesmo que problemática com um olhar sobre o trabalho.

A política pública era tímida ou inexistente, em especial voltada para a EJA, no caso do município de Araruama existiam suspiros de esperança a comemorar pela iniciativa da EJART. Uma oportunidade de culminância das escolas com essa modalidade de educação para a troca de experiências e visitação de trabalhos.

Outro ponto para ser enfatizado era a coordenação no âmbito da Secretaria Municipal de Educação dedicada às ações para esse segmento, mas infelizmente sua capacidade de

atuação direta restringia a encontros de formação continuada dedicados apenas a orientadores educacionais e pedagógicos exclusivos da EJA.

A formação continuada é fundamental no amparo e constante auxílio do desenvolvimento e aprimoramento do trabalho do professor, seja como um direito ou necessidade, diante das exigências que se impõe na atuação em um mundo diariamente transformado (CASTELLAR, 2015).

Portanto, o acometimento apenas dos orientadores com uma formação voltada para a EJA possibilitou um amparo aos professores, por mais que esses também pudessem ser contemplados com essa mesma política específica. O aprimoramento contínuo oferecido na rede ao magistério era voltado ao ensino regular, corroborando algumas críticas de Serra (2017).

Seguindo na reflexão discursiva reforço o lembrete de que: “... ao investigar narrativamente, o pesquisador se desloca entre o social e o individual (aspecto interacional da experiência); entre passado, presente e futuro (aspecto de continuidade da experiência) e em um lugar (aspecto situacional).” (SIMAS; PRADO; SEGOVIA, 2019, p. 996). Estando então, em um processo de constante deslocar-se, metodológica e geograficamente, seja pelos lugares, tempo ou escola.

A viagem por esses vários locais no passado e presente da investigação, com tantos caminhos percorridos por pontos distintos em todos aqueles mapas que apresentei e levei você comigo. Toda essa “andança” reverberaram em mim uma vontade de ir atrás de histórias e conhecer melhor a vizinhança e o redor.

Daí posso enfatizar um novo pedaço do meu relato, veja só:

Criar um informativo com relatos, histórias, entrevistas ou pesquisas foi ganhando forma e assim decidi levar tal esboço para uma conversa com a orientação que imediatamente deu um impulso para a sua execução (ROCHA, 2019, p. 1).

Então, de acordo com as adversidades e “facilidades” apresentei a ideia de elaborar com os alunos um informativo que pudesse permear o tema trabalho delegado pelos organizadores do evento na Secretária Municipal de Educação de Araruama/RJ. A partir de uma unidade escolar em São Vicente de Paulo, distrito extenso e significativo distante da sede, enxergava o tema como muito promissor, diante de características rural de alguns cultivos agrícolas familiares, a presença da Lagoa de Juturnaiba como o reservatório de águas da região dos lagos, a cultura da cana de açúcar e o pequeno comércio local além de parcelas da população que se desloca diariamente para o trabalho na sede do município e também nos vizinhos como Iguaba Grande, São Pedro da Aldeia e Cabo Frio (ROCHA, 2019, p. 2).

O intuito rumou para a concretização como se pode observar nesses dois destaques acima, ganhando forma assim que conversei sobre a ideia com o orientador pedagógico. A ideia ainda vagando sobre muitas coisas, mas com um alvo definido. O lugar foi eleito como uma categoria de trabalho que pudesse amarrar toda a minha concretização do projeto.

No diálogo com o recorte sugerido para a escola tinha em mente a visibilidade de alguns ofícios da comunidade, seja um pedreiro, pintor, costureira, entre outros. Nessa toada imaginativa ainda concebia captar aspectos da ruralidade, lazer e das belezas naturais ou dificuldade de acesso a elas.

O parcial isolamento geográfico do distrito em que a escola estava situada me causava certa atenção, em como os alunos almejavam estudar na rede estadual, angariar o cartão estudantil para ter direito aos ônibus e ir até o centro da municipalidade. Esse passe estudantil

representava a quebra daquela barreira física, sem a necessidade do investimento no valor da passagem, que para muitas famílias era outro obstáculo.

Interessante que além de todo o engajamento com os alunos em sala e na escola, a possibilidade de ida a um evento como esse para quem mora e estuda em um distrito afastado da região central é em si um acontecimento. A centralidade municipal é nomeada pelos educandos como se fosse outra cidade, “**vamos em Araruama**” ou “**final de semana vou em Araruama com minha família**”.

Esse passeio sempre gera uma repercussão nas redes sociais como uma forma de enfatizar a importância e, até mesmo, a eventualidade/raridade de acesso e oportunidade para a realização desses deslocamentos. Além de a EJART ser realizada na praça, tradicional ponto de encontro dos jovens araruamenses ao longo do dia, o que torna tudo mais atrativo para além da cultura promover o lazer e a integração deles ao espaço público local.

É importante salientar que Santos já afirmava: “O fenômeno humano é dinâmico, e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado.” (SANTOS, 2012, p. 42). Nesse movimento de criar, transformar e renovar que, a educação e atividades como essas possam ser oportunidade de aproximar e promover encontros e ressignificações do espaço.

A intenção em pautar a localidade também vinha dessa janela aberta para ressignificar o espaço vivido, talvez evidenciar traços, usos e costumes presentes naquela cotidianidade. O lazer da juventude aos finais de semana, novas formas de explorar a praça e os equipamentos culturais, por mais escassos que fossem.

Principalmente quando se trata dessa cisão que as nossas cidades vivem sobre a apropriação capitalista de suas áreas, criando divisões e segregando parcelas da população para redutos longínquos e remotos, reservando assim, locais privilegiados para aqueles que possuem condições de arcar com esse custo (SANTOS, 2012).

E além de tudo mencionado nessa discussão, a geograficidade do distrito e sua localização e distâncias pelos pontos da vizinhança regional era um conteúdo interessante para materializar em um informativo, e posteriormente utilizá-lo nessas ou noutras turmas. A vida dos moradores relacionadas a todas essas questões da geografia emergindo na sala de aula para debate e contextualização.

Para melhor elucidar tudo isso, recorro a Sacramento que menciona o seguinte: “O conteúdo das representações sociais do espaço vivido pelos alunos, integrado à geografia escolar como referencial geográfico, permitirá ao professor elaborar estratégias didáticas na concretização da aprendizagem por meio da mediação dos conceitos e conteúdos...” (SACRAMENTO, 2015, p. 22).

Havia então muitos elementos apontando para o sucesso daquela empreitada que se pretendia, e foi assim sendo aos poucos. Depois de todo esse arcabouço de ideias e trajetos para a concepção, era chegada a hora de apresentar aos alunos, uma etapa tão importante quanto as demais. Para isso me cerquei de cuidados rascunhando em um caderno de trabalho algumas diretrizes que pudessem nortear o que pedir para eles. Alguns detalhes sobre isso estão nessa parte do relato destacada a seguir:

Sempre partindo da realidade, tínhamos grandes desafios como docentes daquela localidade em específico nas tarefas/trabalhos para casa, algo sempre notado e relatado em conversas com companheiros de ofício da mesma unidade escolar como também de outras no distrito. É possível que a vulnerabilidade social daquele lugar e em grande maioria dos alunos atendidos pelas escolas públicas, além de fatores como o poder paralelo do tráfico de drogas em diversas comunidades e a gravidez na adolescência como indicadores de problemas e agravantes (ROCHA, 2019, p. 2).

A interlocução da ideia então com ares “megalomaníacos” precisava ganhar forma de chegar à compreensão daquelas turmas de jovens e adultos. Ora pois, precisariam entender minimamente de uma entrevista, reportagem, jornal etc., e assim criava uma lista de pré-requisitos para iniciar de fato a atividade.

Em consonância com as diretrizes do projeto, Sacramento ainda enfatiza a respeito do professor e seu ofício: “... o trabalho do professor é criar possibilidades de intermediar o conhecimento com o aluno, desenvolvendo ações pertinentes à construção do ensino das disciplinas escolares.” (SACRAMENTO, 2015, p. 13). Portanto, a tentativa de construir uma oportunidade de alternativa momentânea era plausível.

A partir de várias problemáticas expostas, é possível perceber as dificuldades enfrentadas no cotidiano do trabalho do magistério na sala de aula, rotineiramente criticado pelos especialistas que passam longe dessa realidade. Os pontos críticos que levanto a respeito do jornal tem a intenção de aprimorar a reflexão sobre essa experiência, visto que sendo algo que saiu do costumeiro das aulas, já foi capaz de romper algumas barreiras, pelo menos a zona de conforto.

A cobrança aos docentes é tamanha, apontada anteriormente como um elemento formativo presente inclusive em minha trajetória, ele vem como um alarme programado diariamente para o meio-dia, por exemplo. Uma máxima repetida em reuniões, grupos e conversas informais até nas pausas entre aulas, como um purgatório da classe que sempre é apontada e responsabilizada pelo fracasso e as mazelas do desempenho escolar.

A corroboração desse apontamento da rotina profissional vem nessas palavras de Gatti, quando diz que: “Deve ser claro para todos que essa preocupação não quer dizer reputar apenas ao professor e à sua formação a responsabilidade sobre o desempenho atual das redes de ensino.” (GATTI, 2010, p. 1359). A referência nesses dizeres da autora faz com que a crítica ganhe folego, sintetizando a problemática de diversas redes de ensino Brasil a fora.

A rara política pública que normalmente se vê é capitaneada para ações de contratação de eventos com palestrantes caros e/ou empresas privadas, sangrando as verbas educacionais para a iniciativa privada em planos de pouca ou nenhuma efetividade. Esses acontecimentos educacionais com “celebridades” costumam ser uma via de continuar condicionando os problemas recorrentes na escola para os profissionais da educação.

Nesse projeto, felizmente a participação tenha sido condicionada a disponibilidade, sem maiores cobranças diretas por resultados e ideias, a lógica dessa cultura de cobrança docente impregna as instituições escolares e prejudica o rendimento como um todo. A motivação das escolas públicas vem da impressão dos resultados bimestrais dos alunos enfatizando as notas vermelhas e quais as medidas eventualmente nós (professores) tomaremos a fim de dirimir essas nossas falhas.

A ênfase nesses contratemplos vem do seu impacto na vida dos professores, alunos e da escola em si, assim como me preocupo com o envolvimento dos educandos na participação em uma atividade, os educadores precisam de humanização em prol de condições de trabalho no sentido material e cultural. Talvez em um gesto de objetividade poderia pleitear aspectos psicológicos para esse ofício, uma parte fundamental que é negligenciada na educação.

Nesse caso Silveira bem lembra: “A realidade não é dada apenas pela economia, ou apenas pela política, ou apenas pela cultura. Essas são reduções da realidade que privilegiam um aspecto em detrimento do todo, é um falso aprofundamento que acaba por esquartejar a realidade.” (SILVEIRA, 2006, p. 90). Bom, sem ambição de se aproximar do todo, quero ao menos tatear algumas das evidências que surgem do meu relato autobiográfico discutido nesse capítulo e as reflexões da trajetória que despontaram através dos vários elementos formativos descobertos e nomeados.

Aproveitando-se da autora em outro destaque importante a respeito das possibilidades, diz assim ela: “A idéia é captar a vida que está nas formas, e não apenas as formas. E a ênfase

nos processos exige a teorização, isto é, encontrar as categorias, os conceitos que sejam mais apropriados à história do presente, às formas e processos do presente.” (SILVEIRA, 2006, p. 89). A existência dos que vivem e fazem o lugar e dão a sua forma, nos alunos e professores que fazem a escola e suas salas de aula pulsar, em um eterno (re)aprendizado.

A autora que propõe uma geografia existencial ainda aponta como é crucial a atualidade como um momento de construir uma mudança e outro rumo ao futuro, apesar do passado e suas condições, o presente está em disputa. Silveira (2006) enfatiza a importância desse ato existencial tanto na geografia quanto em sociedade, o que também pode ser apropriado na educação.

A percepção de possível traz um convite a tentativa e o campo livre para “alçar voos” a fim de experiências que possam permitir outros aprendizados, além de testar as habilidades e “sacudir” todos esses elementos que formam o repertório docente. Aquilo que nos forma e molda as práticas em sala de aula eventualmente precisa ser minimamente “agitada”, para desacomodar rotinas e saberes que compõem rotinas constantemente repetidas.

Se o encaminhamento da discussão está na execução profissional, e toquei brevemente nos desafios que o lugar do trabalho geralmente traz, e no meu relato emerge, é interessante acrescentar a reflexão com os relatos de Ab’Sáber em seu livro entrevista:

Às vezes, na periferia de uma grande cidade, em estudos de geografia humana e social ativa que estou realizando, me perguntam: "Professor, o senhor já nos ensinou tantas coisas, não pode nos ensinar a arranjar emprego?" Este é o doloroso dilema do professor no Brasil. Já ouvi muito essa frase, pedidos desse tipo. Basta entrar em contato com as pessoas e elas logo dizem: "A gente consegue comer alguma coisa de qualquer jeito, emprestando, fazendo parcerias, mas a gente gostaria de ter emprego, porque é muito humilhante." E o professor fica sem responder. O que ele pode fazer para arranjar emprego para as pessoas simples, que estão numa miséria tangente? E, pior ainda, o que ele pode fazer para as pessoas que estão abaixo do nível de miséria absoluta, para aqueles que, ao sair das prisões, não encontram emprego de modo nenhum? Aí entra o problema da total falta de poder dos professores em relação à inserção social de humanos desamparados. Eles não querem esmolas, querem emprego (AB’SABER, 2009, p. 160).

Esse texto do geógrafo e professor Aziz enfatiza a dinâmica das eventualidades com que lidamos no cotidiano da sala de aula, esse lugar distante para quem planeja as políticas públicas e normalmente produz os manuais didáticos. A ebulição dos problemas estruturais como o desemprego e a fome, esse relato se faz ainda uma oportunidade para contextualização dos críticos dos programas de transferência de renda, as pessoas almejam um trabalho para buscar o seu sustento.

O reclame sobre a falta de oportunidades no mercado de trabalho é algo do dia a dia no chão da escola, principalmente na EJA que tem como um dos seus principais públicos pessoas aptas a empregabilidade. A queixa sobre os empecilhos para inserção a uma renda pelo emprego vinha também com o testemunho da centralidade, que a refeição tinha aliada à oferta das aulas.

O questionamento sobre a demora para o intervalo era sempre feito pelos alunos, incluindo nesse aspecto os dias em que a merenda não era oferecida ou substituída por biscoitos e suco. Como o estudante poderia aprender com fome? No âmbito da escassez do trabalho a comida fornecida pelas redes de ensino acabam sendo um apêndice e fôlego na renda familiar, que economiza por uma ou duas refeições.

Essas vivências reforçam e somam-se aos percalços do período da prática profissional em que esse foi apontado inclusive como um dos elementos formativos de minha trajetória,

mas que constantemente aparece. Aliás, o planejamento da execução do jornal traz algumas nuances da importância e condições da comunidade escolar:

Os grupos planejados como entre quatro e cinco alunos foi uma das coisas que precisaram ser logo adaptadas para a realidade das turmas e localidade. Como já mencionado algumas características de São Vicente, é também bom trazer para o relato os bairros longínquos que o colégio atende. Esses locais que são servidos por linhas de ônibus escolares como a Lagoa (o mais distante de todos) que assim como outros possuía apenas acesso por estradas vicinais de chão, é comum a impossibilidade dos alunos desses locais de frequentar as escolas em caso de chuvas contínuas que deterioram em demasia as vias de acesso e as tornam momentaneamente intransponíveis (ROCHA, 2019, p. 3).

Além de turmas com parte significativa de alunos pertencentes a bairros distantes e outros de diferentes lados do distrito, como nas margens da estrada de acesso a sede ou até mesmo nos acessos ao município vizinho de Silva Jardim, foi preciso deixar os alunos construírem seu próprio agrupamento a partir de suas afinidades e proximidade. Como de costume sempre relatava essa distribuição para não se perder e conseguir auxiliá-los e manter a organização (ROCHA, 2019, p. 3).

Os empecilhos que aquele lugar oferecia na dispersão geográfica dos estudantes era enorme, a unidade escolar atendia a um público enorme por meio de estradas vicinais em terra batida, como mencionado inclusive em outros momentos desse texto. O encontro de muitos era apenas na sala de aula e nos intervalos, após isso era direto para o ônibus e a casa, podendo ser de cem metros à alguns quilômetros de distância.

No planejamento, tentei equilibrar para incluir a todos, independente do seu acesso e moradia, os ajustes foram feitos até após apresentada a ideia em sala de aula. Mas sobre esses empecilhos geográficos e a distribuição espacial, cabe lembrar uma fala importante: “Ninguém escolhe o lugar, o ventre, a cor da pele, a etnia, a condição socioeconômica e sociocultural para nascer. Nasce onde o acaso deixa acontecer.” (AB’SABER, 2009, p. 159).

A importância de sublinhar esse trecho principalmente na discussão da formação de professores numa escola pública se faz ainda mais no âmbito de seu caráter democrático, laico e inclusivo. O geógrafo ainda segue: “Isso nos obriga a ter uma responsabilidade com o ser humano, com o outro, que não pode ter limitações, [...] que deve presidir o pensamento de todas as pessoas que têm um mínimo de esclarecimento e de moral humana.” (AB’SABER, 2009, p. 159).

Esses recortes ecoam também na nuance levantada anteriormente sobre a responsabilidade com o outro, no caso dos professores e a condição física e psicológica, mas a preocupação maior é o atendimento a comunidade escolar. Infelizmente numa sociedade da desigualdade, os trabalhadores da escola estão na ponta com uma oferta de um serviço público que sofre com o desvio de recursos e o sucateamento.

O pensar e o agir sobre as políticas públicas nessa área: “... têm reduzido a educação a um insumo econômico ou a uma estratégia disciplinadora doutrinária. Esses são os resultados das ações dos ultraliberais e dos ultrarreacionários, respectivamente.” (CARA, 2019, p. 27). Afastando cada vez mais o outrora ideal emancipador das escolas.

Na esfera econômica a falácia da constante necessidade de se cortar os gastos públicos, incluindo com a educação, joga para debaixo do tapete realidades esmiuçadas em algumas partes dessa pesquisa, como a desigualdade social e de recursos das famílias atendidas pelas escolas públicas, assim como a ausência de suporte dos estudantes em casa para apoio em seu desenvolvimento.

O gasto com a educação pública brasileira está bem abaixo do valor pago numa instituição particular de qualidade, por exemplo, e distante inclusive das consideradas de “ponta”, com o agravante dos empecilhos citados anteriormente sobre as carências no suporte e auxílio das famílias pobres, o que justificaria por si só maior atenção (PINTO, 2019).

O uso limitado de smartphones e outros eletrônicos pode ser mais um dos vários modos de se compreender a realidade difícil. Nessa parte do relato é possível ler sobre isso:

Cabe a ressalva de que para driblar a desigualdade e carência de recursos que os alunos possuem, pois ao contrário do que pode parecer eventualmente, em sua maioria não tem smartphones e mesmo entre aqueles que portam vê-se as barreiras seja na simplicidade, conservação e datação destes aparelhos. É comum que ganhem dos responsáveis após algum tempo de uso ou sejam adquiridos usados. Portanto, na constituição dos grupos teve-se o cuidado de que pelo menos um aluno tivesse o aparelho para que fosse viabilizado as condições (ROCHA, 2019, p. 4).

Na escassez de recursos o máximo aproveitamento de um item vê-se como uma prioridade necessária, seja para economizar o pouco de dinheiro com que se vive e/ou não deixar de suprir a emergência dos anseios dos jovens e adolescentes. Nessa fase é comum que comecem a utilizar esses aparelhos para usufruir de jogos e as redes sociais.

Talvez nesse pedaço analisado alguém possa evocar uma ideia de conservação ambiental nessa transmissão de aparelho entre os entes familiares, mas o compartilhamento de um objeto com a tela dilacerada e com funções consideradas essenciais funcionando minimamente está longe do reaproveitamento. Diferente do consumo compulsivo e da compra de uma unidade a cada lançamento, a necessidade fazia com que malabarismos fossem feitos para permitir a digitação entre um rachado e outro do visor.

Nesse ponto inclusive, percebo uma eventual tomada de decisão errada na concepção da ideia de trabalho, principalmente pelo fato de na ocasião solicitar para eles que entregassem a atividade por meio do facebook. A ideia de analisar o lugar talvez pudesse ter sido mais específica também em todas essas adversidades e fraturas da desigualdade expostas.

Porém tinha a iminência de montar o jornal com o mínimo de recurso visual e havia vários educandos com a possibilidade de utilizar os aparelhos para o uso, seja para a foto ou acesso a rede social. No caso, fui guiado pela interação e presença de vários deles como amigos nesses espaços virtuais de interação. Trago um novo fragmento do relato para elucidar melhor essa discussão, veja:

A finalização e entrega do trabalho por meio das redes sociais tinham vários motivos como: a facilidade de poder trabalhar com o resultado de cada um e enfim fazer o jornal, aproveitar dessa ferramenta tecnológica de uso massivo entre aqueles alunos e até possibilitar novos aprendizados e possibilidades por esses meios além de uma contínua cobrança que os professores sofrem para relacionar suas práticas com e através dessas técnicas e enfim “salvar” e tornar as aulas mais atrativas (ROCHA, 2019, p. 4).

Algumas regras foram adicionadas a fim de cumprir e se efetivar uma entrega que facilitasse fazer o periódico, e a principal delas era digitar os textos das entrevistas e/ou reportagens sendo proibido tirar uma foto da transcrição em uma folha. Para que se tivesse uma produção no mínimo visual adicionei como obrigatoriedade a foto do que estava sendo trabalhado e se possível que fizesse um vídeo (ROCHA, 2019, p. 4).

A ideia de trabalhar com a entrega virtual pode não ter sido o melhor dos rumos tomados, assim como a necessidade do uso de smartphones para tirar fotos e eventualmente gravar vídeos, mas foi uma atitude tomada tentando tornar-se mais tecnológico. A cobrança por isso, citada no relato acima, é costumeira para nós professores, não à toa levantada como um elemento formativo de destaque.

Apesar de uma cobrança desigual, talvez a ênfase em reuni-los em grupos mínimos com pelo menos dois integrantes possa dirimir isso, reforçando ainda a necessidade de diálogo e a construção coletiva que pode advir disso. E reconhecendo assim como Freire (2019), o diálogo como uma exigência existencial.

O pressuposto que guia esse professor-pesquisador é a oportunidade de escrita e reflexão sobre a formação de professores em geografia na abertura para pensar a sua prática profissional, abrindo-se a conversa com outros. Expondo as fraturas, incertezas e inseguranças presentes na ação e na análise dela.

Mas sempre com o apoio da base oferecida pela pesquisa narrativa, como uma ferramenta teórico-metodológica para operar essa escrita e discussão, como nos afirmam esses autores: “Experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa. Portanto, experiência educacional deveria ser estudada narrativamente.” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 49).

Na esteira dessa observância educacional, com os destaques e cuidados com o método narrativo, resalto ainda a colocação da análise em perspectiva assim como menciona Clandinin e Connelly (2011) como o movimento de ir e vir por um espaço denominado tridimensional. Esse inclusive foi o suporte para a construção do relato autobiográfico e a possibilidade de pôr intermédio desse texto de pesquisa usá-lo na investigação.

Nesse momento passarei para um ponto relevante levantado na escrita de meu relato, a questão colocada na época da escrita como uma barreira criativa dos educandos. Para refletir sobre esse termo utilizado então vou para a passagem:

Houve uma barreira criativa que impedia os alunos de imaginarem ou projetarem algo para fazerem, fato observado na maioria dos grupos, com exceção de dois ou três que logo se encaminharam por suas próprias ideias. Nesse caso foi um desafio pessoal, pois apesar de haver residido na localidade em um período de dois anos, a maior parte da minha vida foi morando em outros lugares longes e com outras construções e disposições, portanto como encaminhar exemplos e fatos diretos para serem explorados (ROCHA, 2019, p. 4 e 5)?

Os exemplos sempre versavam na generalidade: “você podem conversar com um morador mais antigo da localidade ou que nasceu e permaneceu por aqui durante toda a sua vida” ou mesmo “alguma pessoa que desenvolva algum trabalho em especial por aqui um pedreiro, carpinteiro, advogado etc. e fazer perguntas para conhecer mais sobre seu trabalho e rotina”, eram duas proposições que costumava repetir para os educandos (ROCHA, 2019, p. 5).

Esses fatos traziam questionamentos sobre a falta de cultura, esporte e lazer assim como o papel do professor diante desses aspectos como o que poderia ser feito nas aulas de geografia para propiciar minimamente a esses alunos oportunidades de imaginação e criação. Apesar de muitos fatores que atravessam as problemáticas sempre fica uma sensação de poder contribuir ou dirimir eventuais percalços nas dificuldades (ROCHA, 2019, p. 5).

A transposição desses parágrafos ajuda a lembrar tanto a escrita como a experiência em si, mas vamos para a questão das proposições ou a falta delas. Como ressaltado no destaque acima, a ideia quando escrevi sobre versava a respeito da falta de situações de ensino e aprendizagem que pudessem colocá-los a desafios e outras problemáticas.

O uso de exemplos era corriqueiro, porém acreditava que fosse algo apenas para elucidar na apresentação do projeto para eles, e que fosse cessar logo após isso. Mas essa não foi a realidade experimentada, foi preciso uma constante conversa sobre os possíveis usos e aplicações da construção de uma entrevista com os moradores ou situações locais. Em algumas aulas nenhum aluno chegou a responder com uma situação problema objetiva, as sugestões iam e voltavam vazias sem respostas.

Diante desse dilema penso nas possibilidades de haver estendido o prazo e o debate sobre tais questões em sala de aula, de repente um prazo para eles apresentarem devolutivas dos temas de investigação e conversarmos com todos sobre a viabilidade? Poderia ser uma solução embasada na construção coletiva para uma próxima vez.

Porém, a partir desse questionamento evoco a contribuição de Freire que diz: “Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo.” (FREIRE, 2019, p. 98). A ideia de problematizar com os estudantes e desafiá-los se repete nessas breves frases, algumas vezes, como um apontamento ao trabalho do professor.

De acordo com o autor então, tenho uma indicação para a criação de situações problemas para os alunos, talvez a calibragem no acontecimento disso e a maior frequência desse ato fizesse com que os estudantes respondessem melhor. Mas, nesse ponto de inflexão em que questiono as eventuais barreiras criativas quero ampliar o debate.

Adicionando outra fala nessa conversa, as autoras dizem que os conteúdos: “... deixam de ser fins em si mesmos e passam a ser meios para a interação com a realidade, fornecem ao aluno os instrumentos para que possa construir uma visão articulada, organizada e crítica do mundo.” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 97). A interlocução possível com essa contribuição aliada a questão do desafio de Freire (2019), redimensionam as análises desse último trecho do relato colocado aqui.

À medida que ajustes e correções podem e devem ser feitos como uma atitude comum do professor no planejamento de suas atividades, a ideia de ampliar o escopo de uso dos conteúdos inseridos em situações desafiadoras foi um ganho no trabalho com o jornal. A vivacidade de apreensão da realidade por meio do resultado da busca e pesquisa dos educandos seria uma ocasião que foge a regra do costumeiro da rotina escolar, principalmente nas inúmeras críticas direcionadas em como o magistério se “escora” nos livros didáticos.

Todas as abordagens desde o começo desse texto de pesquisa perpassam momentos e vivências da realidade que foram, e ainda são, formadoras em especial no meu caso estando professor. O lugar de exercício desse ofício é uma potência capaz de emergir temas capazes de gerar muitas aulas e projetos como esse, assim como Freire (2019) já ensinava os caminhos para as abordagens por e a partir da comunidade dos alunos.

Porém, em outra passagem Pontuschka, Paganelli e Cacete fazem um importante adendo, observe: “Ensinar a pesquisar requer criar situações e condições didáticas que estimulem a curiosidade e a criatividade.” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 98). Portanto, é possível realmente que o fomento à criatividade tenha sido ineficaz de minha parte, sendo um ambiente deficitário desse ponto de vista.

A detecção da “barreira criativa” seja como levantada anteriormente parte de uma estratégia equivocada na condução dos primeiros passos do projeto que culminou no jornal da EJA. A princípio tentei inseri-los no âmbito das reportagens e revistas, mas pode ser que tivesse que ir além, trabalhando melhor essas questões na sala de aula.

A presença dessa questão de apresentá-los ao gênero textual veio e pode ser lida nesse fragmento do relato:

[...] era preciso uma mínima noção e detalhamento de reportagens, jornais e revistas para começo de conversa. Para isso, antes das aulas, fiz uma breve visita a biblioteca do colégio para separar alguns exemplares desses a fim de propiciar um contato com aquilo que se almejava (ROCHA, 2019, p. 3).

A iniciativa de mostrar e familiarizá-los com os textos jornalísticos fazia sentido a partir da percepção da presença de uma única banca de jornal no centro do distrito que funcionava em algumas horas do período da manhã, além de possuir poucos jornais e quase nenhuma revista. É fato que esses estabelecimentos comerciais vêm caindo significativamente com a migração de jornais e revistas para versões digitais e de seus preços consideravelmente elevados para grande parcela da população. Na atuação docente há alguns anos naquele ambiente escolar também percebia através das conversas com os alunos no decorrer das aulas de como não se tinha o costume de acompanhar o noticiário (ROCHA, 2019, p. 3).

O diagnóstico trazido no fragmento precisa ser elucidado no sentido de que acompanhar o noticiário pode não ser um motivo para romper uma barreira criativa, acerca de trabalhar com jornais e entrevistas numa atividade escolar. Além da problemática ideológica que está presente em um panorama de concentração midiática e na constante produção de notícias por uma ótica de mercado, pregando os cortes de gastos públicos na eterna espiral neoliberal.

A necessidade talvez verse sobre o trabalho com uma diversidade de perspectiva, métodos e atividades com os alunos na escola, inserir gradualmente nas aulas textos, notícias, entrevistas, charges e tirinhas como forma de ampliar o repertório e o conhecimento desse mundo. A facilidade de utilizar essas formas impressas com as turmas pode ser um incremento para mobilizar os conteúdos no dia a dia, como em uma ponte para ampliar a bagagem dos educandos nesse aspecto.

Para auxiliar nessa reflexão ainda é possível adicionar a seguinte perspectiva, dizendo sobre os alunos de licenciatura: “... são oriundos de escolas do ensino básico pautadas na memorização e na reprodução de um conhecimento pouco crítico em classes com turmas pouco numerosas, nas quais a reflexão e a criatividade são muito pouco estimuladas.” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 98). As continuidades de um ensino que segue reverberando na prática desse professor anos ou décadas depois, como bem observado nos estudos citados de Tardif (2000) sobre a formação docente e o pouco ou nenhum efeito que a graduação exerce no saber do professor.

O planejamento e a formação continuada podem aos poucos ir rompendo com esse saber cristalizado que carregamos desde os primórdios dos tempos, como aluno no ensino fundamental e médio. Assim como apontei como um saber importante na minha formação, as reuniões por área com professores de geografia “ventilavam” novas ideias e discussões que me tiravam da acomodação.

Isso agrega energia em prol da oferta de oportunidades diversas de ensino e aprendizagem, apesar dos empecilhos que o professor enfrenta cotidianamente na escola pública na educação básica, o pouco feito com o que está disponível pode oferecer um ambiente interessante para romper com as rotinas em que as aulas acabam se inserindo.

As autoras ainda complementam em um importante adendo: “Nesse sentido, a pesquisa pode e deve constituir oportunidade para o desenvolvimento de capacidade criativa e crítica.” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 98). A produção e execução de

tarefas escolares, assim como o jornal, em que se estimule o uso dessa capacidade pode estimular o seu aprimoramento.

Nesse sentido, posso corroborar a indicação das autoras com outra parte do meu relato. Apesar da dificuldade com o desenvolvimento e a criação deles, pude me surpreender com o resultado enviado, diz assim:

A devolutiva deles vieram com “respostas” mecânicas e pouco desenvoltas, mas com algumas surpresas, como a dupla que entrevistou uma senhora moradora por décadas da localidade, e além das suas falas conservadoras sobre costumes e vestimentas, fez apontamentos sobre a condução política da municipalidade. A falta de calçamento das ruas e o saneamento básico foram pontos levantados durante a visita que as estudantes fizeram a sua casa (ROCHA, 2019, p. 6).

Então, além de precisar aprimorar o texto dos alunos foi necessário também diagramar e dispor as informações encaminhadas através do Messenger (mensageiro integrado ao facebook) que versavam com a transcrição dos textos de perguntas e respostas realizadas com as pessoas além de fotos e até vídeos que registravam momentos e complementavam as informações apuradas (ROCHA, 2019, p. 6 e 7).

A análise dos arquivos enviados foi surpreendente. Ver, por exemplo, alguns grupos que conseguiram desenvolver seu trabalho todo na gravação de vídeo, onde um ou mais alunos fazia perguntas para o entrevistado. Esse conteúdo produzido foi algo que considero subaproveitado, já que foi complicado na época veicular aquilo tanto para exposição na feira ou mesmo na escola, ficou mesmo a lição da potencialidade dos alunos que seguem inexploradas (ROCHA, 2019, p. 7).

A produção deles agregou com uma entrega de um vídeo contendo uma entrevista abordando aspectos interessantes sobre uma moradora da localidade, além do grupo que versou sobre um casal de agricultores do distrito. Em ambos os casos a riqueza do enredo de perguntas, fotos e o vídeos agregou bastante, surpreendendo as expectativas diante de tantas dúvidas e inseguranças que permeavam os educandos desde a apresentação da ideia para eles.

Um detalhe interessante que foi crucial no acabamento do projeto do jornal foi não ter deixado essa tarefa totalmente sob a responsabilidade dos alunos. O tempo para execução da atividade foi corrido, principalmente nessa etapa final, porém seria possível uma autonomia para que eles compusessem a narrativa de seus textos, tenho para mim como um equívoco de minha parte diante de tantos avanços.

O tempo e a infraestrutura auxiliaram a assumir a produção da versão final do jornal, transformando as entrevistas em reportagens, dividindo parcialmente essa responsabilidade final. Esse meu diagnóstico é feito a partir desse trecho de Freire:

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (FREIRE, 2019, p. 96).

A mobilização dos elementos formativos dos tempos escolares aparece vivida nesse momento em que a maior parte da prática realizada pelos professores estava em atividades mecânicas e repetitivas, depositando nos alunos a memória de um conteúdo dado. A educação

em comunhão, nesse caso os alunos e o professor operando por e a partir de sua realidade vivida era algo que estava em mim a partir dessa formação, e por isso a sensação de frustração e falha.

No entanto, foi uma oportunidade de experimentar um novo trabalho com possibilidades de desdobramentos na comunidade escolar, a execução de um periódico contínuo na instituição ou em pontos do bairro, o envolvimento de outras turmas e segmentos, assim como áreas do conhecimento. Em vários pontos dessa análise, é possível ver a imersão de elementos que remetem a minha formação, aqueles desenhados nas outras etapas dessa pesquisa, sendo mobilizados desde os primeiros vislumbres até a finalização.

A proposição de trabalhar com esse projeto em geografia e na EJA podem ser elucidadas nas palavras dos pesquisadores: “Melhor dizendo, a geografia “escolarizada” costuma correr o risco de ser transformada em um fim em si; um apanhado de conhecimentos organizados, mas que não necessariamente dizem respeito a muito mais do que a economia da sala de aula.” (SERRA; ROCHA; MARQUES, 2019, p. 5737). Em um ato de encarnar o conteúdo escolarizado e rotineiro em um sentido de vida.

A tentativa de mobilizar o conteúdo escolar com o fim de enxergá-lo no movimento do acontecimento da vida cotidiana foi colocado em prática na execução e pensamento do projeto do jornal da EJA, com seus erros e acertos esmiuçados e refletidos na tentativa de capturar aperfeiçoamentos e melhorias. Ainda intuindo acrescentar mais um pouco sobre a escrita autobiográfica, trago esse último trecho do relato:

O lugar foi o grande protagonista dessa experiência, em meio a toda a sua precariedade e eventualidade, descobrimos histórias, fazeres e práticas de moradores locais em seus cotidianos. A revelação dessa “produção espacial” muitas vezes escondida foi um ponto alto e o grande objetivo desde o começo, a potência de tornar uma ideia dessa, como o jornal mesmo que em outros moldes, pode despertar nos alunos uma participação e envolvimento numa atividade contínua que possa contribuir para o desenvolvimento e a informação da comunidade escolar (ROCHA, 2019, p. 7).

Nas imediações do lugar obtive a experiência da prática escolar esteve livre para tratar de algumas questões da localidade como um ensaio, tanto do professor se formando e ensinando. A reverberação dos elementos que foram apontados nos capítulos iniciais seguiu influenciando as decisões e escolhas pedagógicas nos pontos decisivos da viabilização da ideia de trabalhar com o jornal.

A discussão a partir do relato autobiográfico produzido tempos depois permitiu pontos importantes de distância do acontecimento e concepção do jornal da EJA, até agora em que estou concluindo. Com o auxílio da metodologia da pesquisa narrativa, toda essa construção foi concebida e me possibilitou a reflexão sobre o ensino e aprendizagem de meus alunos, assim como a minha formação colocada em perspectiva com toda a vida desde os primórdios na educação.

Todo esse exercício foi, está e é realizado com base nas palavras de Paulo Freire: “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” (FREIRE, 2011, p. 30 e 31). Enfatizando a importância da busca, movimento, ensino, pesquisa e de nossa eterna necessidade de indagar perante o mundo.

PARA CONCLUIR: O ENTRELAÇAR DOS FIOS

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
(Cartola)

Enfim, cheguei nesse momento em que juntarei todos esses “fios” traçados em cada um dos capítulos e buscarei tecer cada um deles para refletir sobre os achados, conclusões e reflexões dessa busca de narrativa cartográfica. A princípio espero que tenha sido uma leitura agradável, assim como foi e é o meu contato com os textos narrativos de professores que volta e meia encontro em eventos, revistas e trabalhos de conclusão.

A geografia - como área de minha formação inicial - é uma companheira na construção de toda essa narrativa, seja pelo amparo teórico nas análises, assim como nos recursos como os mapas que possibilitam que se tenha uma dimensão dos percursos e trajetos relatados ao longo do texto. Como em uma retroalimentação quando Moreira (2013) comenta sobre as grandes obras de nossa literatura, novamente sem a pretensão de comparar, porém essas características textuais que são espaciais trazem riqueza à escrita.

Nessa incorporação a investigação, assim como uma referência desde os primeiros aprendizados na geografia e sempre carregado comigo para as aulas e a vida, Milton Santos vem auxiliando as análises desde as primeiras páginas, principalmente na referência sobre o lugar e a exigência para seu pensamento: “... o lugar não têm existência própria. Nada mais são que uma abstração, se os considerarmos à parte da totalidade.” (SANTOS, 2020a, p. 165).

Aliás, a totalidade é uma lembrança importante que alerto ao longo de uns pontos da dissertação, mas friso novamente que o texto é uma abstração sobre pontos específicos da minha formação pessoal e profissional que são dissecados para serem mais bem entendidos. A aproximação entre esses vários cortes acontece e acabam ficando sobrepostos em pequenos detalhes, em discussões que se aproximam e tocam em coisas comuns, porém sendo guiadas pelos elementos formativos que foram denominados na busca pelo memorial de formação.

A presença de Ab’Sáber como uma herança dos tempos de graduação e referência na área para pensar as formações morfológicas e paisagísticas desse trecho percorrido na minha narrativa, assim como o papel do geógrafo na sociedade. A beleza das serras e os bem denominados mares de morros, como na foto da vista em que aparece a Serra do Caparaó, evocam lembranças de uma formação de vida geograficamente rica.

O alto teor de geograficidade não é o único elemento de composição da narrativa, por lá ainda ecoam outros que são nomeados como formativos, e aparecem desde as primeiras experiências escolares até a conclusão da graduação. A oportunidade de contrapor todo esse trajeto narrado vem como um constante reaprendizado e um contínuo que permite colocar em perspectiva o saber docente construído ao longo do tempo.

O diálogo realizado nesta pesquisa auxiliou o alcance de resultados tão significativos, seja com autores que são referências na vida acadêmica da graduação ou acoplados ao longo da jornada da pós-graduação, mas a composição com os geógrafos foi o ápice dessa intensa conversa travada ao longo dessas páginas. A realização de um texto que converse com vários segmentos da geografia agregando ainda mapas para a contextualização e o enriquecimento textual e visual foi um ganho.

O inventário precisa ser destacado como um motor que permitiu a propulsão da escrita do relato autobiográfico e influenciou no memorial, a partir das perspectivas do texto fui listando, (re)lembrando, (re)vivendo e (re)formando histórias passadas no chão da escola. Revisitando pontos da jornada foi possível reorganizar conhecimentos cristalizados e avançar na obtenção de outras leituras para o agir de hoje em diante, na sala de aula.

Inclusive, é preciso ressaltar uma das características que mais chamaram atenção nos primeiros contatos com os textos de professores, e nesta conclusão posso enfim afirmar a potência enquanto uma ferramenta que nos coloca na posição de refletir. É possível notar em relatos de experiências um tom inalcançável das ações que não geram dúvidas, incertezas e conflitos pessoais e profissionais.

A aparição das angústias que impulsionaram e mobilizaram a ação é notada em várias passagens da minha pesquisa, e para mim essa é uma qualidade de identificação para com outros colegas de área e sala de aula, assim como no colocar o meu ofício e atitudes do trabalho em reflexão. A ideia do aprendizado com os erros e acertos, e com todos que cercam esse labor, como os alunos e todos os colegas que compartilham a vida na escola cotidianamente.

A narrativa caminha por uma trilha que se origina nas primeiras recordações de momentos familiares e escolares que possibilitam uma reconstrução de fatos importantes no entendimento da formação geográfica e docente. O que é narrado destaca-se pelo seu teor enquanto forma de ressignificar o passado através de eventualidades de nossos dias.

Colocar-se diante de um espelho proporcionado pelo memorial de formação e a metodologia da pesquisa narrativa faz refletir sobre a atuação profissional em instantes decisivos. A importância da reflexão na atuação em sala de aula é algo demonstrado pelos autores e verificado novamente pelos diagnósticos obtidos na análise do relato autobiográfico, além dos elementos presentes na narrativa do memorial de formação.

O amparo metodológico que busquei permitiu a composição e a viagem por memórias através de fotos, transcrições, histórias e outros trazidos ao longo do texto e exteriores. Nos trechos da prática com o jornal incorporados, a pesquisa através de recordações permite a composição de novos olhares sobre esses eventos, além de nova projeção profissional.

A urgência que temos neste atual momento com tantos avanços conservadores e questionamentos sobre o papel da escola e professor em nossa sociedade, seja acusando de doutrinação, ou em medidas que visam desmantelar a autonomia, como as reformas administrativas, é preciso que pensar sobre o ensino e a aprendizagem. A ideia de se colocar em perspectiva na ação didático-pedagógica é um importante elemento formador nesse ofício dinâmico, além de nos elevar ao protagonismo de produzir sobre aquilo que estamos fazendo.

A premissa de se encarnar o peso de nossas ações na vida de alunos, bem como esclarecer que a sala de aula não é composta de objetos inertes e/ou receptáculos, e sim sujeitos pensantes com suas angústias e questões que precisam ser respeitados e levados em consideração. Como bem apontado no memorial de formação, a influência docente ao longo dos vários anos de escolaridade - que impacta nas futuras escolhas, assim como levar em consideração essa dinamicidade humana para planejar os atos na escola.

A diversidade em seus múltiplos aspectos apontados em momentos cruciais da pesquisa é algo presente primordialmente na escola pública, porém precisa ser reforçada cada vez mais nas atividades educativas para que os alunos se sintam representados e se identifiquem em suas variadas formas de ser, estar e representar nos lugares de nossa sociedade.

A tecnologia que proporcionou a construção dos mapas e do jornal é um item em falta no exemplo das constantes faltas que se colocam para a educação pública. Uma vez que, após vários meses de restrições da pandemia de covid-19 os alunos da rede pública sofreram com as dificuldades de acesso. A mudança que precisamos é a chegada junto do poder público com investimentos potenciais nas salas de aulas, seja com televisores com acesso a internet ou projetores, passando por uma base de computadores para permitir ao alunado uma educação com as possibilidades dignas do século 21.

O reforço precisa ser feito juntamente aos professores, munindo-os também de equipamentos e acessórios, assim como do direito à formação continuada voltada para a

utilização dessas ferramentas no dia a dia escolar. A carreira docente está marcada por diversos pontos problemáticos principalmente como o estágio e o ingresso videm as reflexões sobre os contratos temporários e os concursos públicos, que aliados à má remuneração presente nos diversos entes federativos compõem uma avalanche que desagua e arrasa as perspectivas em sala de aula.

A elaboração desses pontos soma-se a aparição de apontamentos sobre a própria prática com o jornal nas turmas de EJA, descritas no próprio relato como limitante em alguns cenários e problemáticos noutros, pensar escrevendo e discutindo primeiro em um texto corrido, para depois debatê-lo com importantes referências do ensino de geografia, de forma a enriquecer meus futuros novos trabalhos com os alunos.

Se houvesse o incentivo para a reflexão pedagógica pelos textos ou grupos locais de professores versando a respeito de ideias em um ambiente de acolhimento propositivo poderia se ter ganhos qualitativos no ensino. Numa conjuntura dessas, integraria estagiários e novos professores, assim como criaria um espaço de inquietação para aqueles que possuem uma bagagem maior.

Nesse entrelaçar de fios e palavras para concluir essa investigação, com o intuito de que possa ficar essas e outras apreciações como forma de significar aquilo que cerca o ofício do professor na elaboração e implementação de suas aulas. Que sua autonomia seja retomada afastando fantasmas do retrocesso e do cerceamento da liberdade, seguindo firme na luta por melhores condições de vida, ensino e aprendizagem.

Usando as sábias palavras do patrono da educação brasileira: “A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem.” (FREIRE, 2019, p. 46). Ao invés de metas e índices persista a ideia de autonomia e liberdade.

E, para não esquecer: “Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos.” (FREIRE, 2019, p. 46). E que a educação seja uma ferramenta no combate a alienação, a ideia de “mitos” e no fomento do debate e pensamento crítico.

Portanto, a diversidade, choques culturais, precariedade da estrutura como: a ausência e insuficiência de políticas públicas de formação, acesso e permanência dos professores na sua profissão; assim como no caso dos estudantes e suas famílias para ter condições mínimas de dignidade no exercício de seu direito a educação; na falta de manutenção, planejamento e projeto arquitetônico, equipamentos básicos e recursos tecnológicos nas unidades escolares; entre outros elementos que atravessam essa narrativa desde os tempos de aluno até o magistério. Esse texto investigativo tem como potencial fundamental ser um meio de reflexão e percepção pessoal/profissional, além de revisão das atitudes, métodos e práticas no ensino de geografia.

A intenção é que essa análise se torne um futuro texto acadêmico-literário e assim seja lido e compartilhado por colegas professores, como uma possibilidade de reflexão sobre o trabalho pedagógico, a formação e a vida enquanto um professor da/na escola pública brasileira, como um quesito relevante social e academicamente.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. 7. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

BOTELHO, Denise. Religiões afro-indígenas e o contexto de exceções de direitos. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

CARA, Daniel. Contra a barbárie, o direito à educação. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

CARTOLA. **Preciso me encontrar**. Rio de Janeiro: Discos Marcus Pereira, 1976. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=56mu8KSUYqk>. Acesso em: 21 nov. 2021.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A Formação Continuada mediada pelas pesquisas acadêmicas. In: SACRAMENTO, A. C. R.; ANTUNES, C. da F.; SANTANA FILHO, M. M. de (org.). **Ensino de geografia**: produção do espaço e processos formativos. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

CEPEDISA (Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário). **A linha do tempo da estratégia federal da disseminação da covid-19**. Faculdade de Saúde Pública. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://cepedisa.org.br/wp-content/uploads/2021/06/CEPEDISA-USP-Linha-do-Tempo-Maio-2021_v3.pdf>. Acesso em: 04/07/2021.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CIPINIUK, Tatiana Arnaud. **Analfabeto**: problema social e desonra pessoal. Niterói: EDUFF, 2017.

CORTI, Ana Paula. Ensino médio: entre a deriva e o naufrágio. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

EMICIDA/RAEL. **Levanta e anda**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GZgnl5OcuH8>. Acesso em: 21 nov. 2021.

FERNANDES, Carla Helena; PRADO, Guilherme do Val Toledo. **Diários de Viagem**: Pelos Trilhos da Escrita, uma possibilidade de reflexão sobre a Escola. Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil), 17, 1-7, 2010.

Francisco, el Hombre. **O tempo é sua morada**. São Paulo: independente, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=783qJgyQnno>. Acesso em: 21 nov. 2021.

Francisco, el Hombre. **Triste, louca ou má.** São Paulo: independente, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>. Acesso em: 21 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva:** um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. São Paulo: Cortez, 2010.

GATTI, Bernadete A. **Formação continuada de professores:** a questão psicossocial. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 119, p. 191-204, julho, 2003.

GATTI, Bernadete A. **Formação de professores:** condições e problemas atuais. Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP). Itapetininga, v. 1, n. 2, p. 161-171, 2016.

GATTI, Bernadete A. **Formação de professores no Brasil:** características e problemas. Educação & Sociedade. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez., 2010.

GILBERTO GIL. **Andar com fé.** Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1982. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FCIeFrXgbfM>. Acesso em: 21 nov. 2021.

hooks, bell. Love as the practice of freedom. In: **Outlaw Culture.** Resisting Representations. Nova Iorque: Routledge, 2006.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. et al (orgs.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 1992.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, **Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2020.** [População estimada]

JORNAL DA EJA. Primeira edição, 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie:** por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. ARANTES, Antonio A. (Org.). **O espaço da diferença.** Campinas: Papius, 2000.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NEY MATOGROSSO. **Sangue latino.** Belo Horizonte: Universal Music Internacional, 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ygUuXtg98zA>. Acesso em: 21 nov. 2021.

Ofício s/n 12/2020. Brasília, DF: **Fóruns EJA Brasil**, 17, dez., 2020. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/rj/sites/forumeja.org.br.rj/files/Of%C3%ADcio%20CNE%2012-2020.pdf>>. Acesso em: 12, jan. 2021.

OPAS/OMS BRASIL. **Folha informativa – COVID-19** (doença causada pelo novo coronavírus). 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 12, jan. 2021.

PIMENTEL, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. O papel dos professores da Educação Básica na Formação Inicial de alunos da Licenciatura em Geografia em períodos de Estágio Curricular. In: SACRAMENTO, A. C. R.; ANTUNES, C. da F.; SANTANA FILHO, M. M. de (org.). **Ensino de geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

PINTO, José Marcelino de Rezende. Verdades e mentiras sobre o financiamento da educação. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FRAUENDORF, Renata Barroso Siqueira; CHAUTZ, Grace Carolina Chaves Buldrin. **Inventário de Pesquisa: uma possibilidade de organização de dados da investigação**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 03, n. 08, p. 532-547, maio/ago. 2018.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação... In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações**. Campinas: Editora Alínea, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARUAMA. Secretaria Municipal de Educação, Departamento de Desenvolvimento do Ensino, Divisão de Educação de Jovens e Adultos, **EJART: mostra cultural temática da EJA**. 2019.

RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. **Pensamento vivo de Ana Clara Torres Ribeiro: compreendendo contextos, abordagens, conceitos e proposta metodológica da Cartografia da Ação Social**. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Pensamento-vivo-de-Ana-Clara-Torres-Ribeiro.pdf>. Acesso 15 set. 2016.

RICCI, Rudá. A militarização das escolas públicas. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.

SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. A mediação do conhecimento: a importância de se pensar o trabalho docente de Geografia. In: SACRAMENTO, A. C. R.; ANTUNES, C. da F.; SANTANA FILHO, M. M. de (org.). **Ensino de geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SANTOS, Clézio dos. Reflexões sobre a formação de professores de geografia. In: SANTOS, Clézio dos (org.). **Geografia escolar**: Formação, concepções e práticas. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2020a.

SANTOS, Milton. **Espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2020b.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton de A. **Por uma geografia cidadã**: por uma epistemologia da existência. Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre, n. 21, p. 7-14, ago., 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores**: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr., 2009.

SERRA, E.; ROCHA, A. A.; MARQUES, R. O olhar geográfico sobre a escola: uma ação pedagógica na formação inicial do professor de geografia. In: MONTEIRO, Solange A. S. (Org.). **Formação docente**: princípios e fundamentos 5. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

SERRA, Enio. **Sobre os fundamentos e princípios da educação geográfica de jovens e adultos na perspectiva da educação popular**. Signos Geográficos, Goiânia-GO, V.1, 2019.

SILVA, Joseli M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. In: SILVA, Joseli M. (Org.). **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

SILVA, Joseli M. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. In: SILVA, Joseli M. (Org.). **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

SILVA, Joseli M. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, Joseli M. (Org.). **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

SILVEIRA, Maria Laura. **O espaço geográfico**: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 81-91, 2006.

SIMAS, Vanessa França; PRADO, Guilherme do Val Toledo; SEGOVIA, Jesús Domingo. **Tornar-se professora**: o saber da experiência na pesquisa narrativa. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 04, n. 12, p. 991-1004, set./dez. 2019.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação do Corpo. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (orgs.). **Dicionário crítico da educação física**. 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério**. Revista Brasileira de Educação, n. 13, pp. 6-24, 2000.

Urbanização de vias públicas: IBGE, Censo Demográfico 2010.

APÊNDICES

Apêndice A – Inventário dos guardados de algum lugar

1. Vídeo 1558993190
2. Vídeo 1559097655
3. Vídeo 1559136708
4. Vídeo 1559137082
5. Vídeo 1559137381
6. Foto agricultura familiar 1 – banca com quiabos
7. Foto agricultura familiar 2 – feira com produtos diversos
8. Foto agricultura familiar 3 – banca com laranjas
9. Foto agricultura familiar 4 – horta com alface
10. Foto agricultura familiar 5 – hora sendo regada
11. Foto agricultura familiar 6 – horta sendo plantada
12. Foto papo com a professora – pose com os alunos
13. Foto papo com a professora – aluno perguntando
14. Foto alunas com a Maria 1
15. Foto alunas com a Maria 2
16. Foto Dona Maria no sofá
17. Foto alunos EJA da tarde na sala de jogos 1
18. Foto alunos EJA da tarde na sala de jogos 2
19. Foto alunos EJA da tarde na sala de jogos 3
20. Foto alunos EJA da tarde na sala de jogos 4
21. Foto alunos EJA da tarde na sala de jogos 5
22. Foto alunos EJA da noite na sala de jogos 1
23. Foto alunos EJA da noite na sala de jogos 2
24. Foto alunos EJA da noite na sala de jogos 3
25. Foto produção de salgados
26. Foto salgados no forno
27. Foto salgados prontos
28. Foto com o taxista 1
29. Foto com o taxista 2
30. Foto dos tapetes de artesanato 1
31. Foto dos tapetes de artesanato 2
32. Foto dos tapetes de artesanato 3
33. Foto dos tapetes de artesanato do Brasil 1
34. Foto dos tapetes de artesanato do Brasil 2
35. Foto dos tapetes de artesanato da hello kitty
36. Conversa no messenger com o aluno da reportagem dos salgados
37. Conversa no messenger com o aluno da entrevista com a Maria
38. Conversa no messenger com o aluno da entrevista com a professora
39. Visualização da postagem no facebook do jornal da eja
40. Histórico escolar da educação básica
41. Conversa com familiares no whatsapp para checagem de fatos e momentos
42. Visualização de pasta com fotos diversas digitais de diversos momentos da vida

Apêndice B – Relato autobiográfico

Memória da concepção, criação e produção do jornal da EJA

Leandro da Rocha

Nos últimos dias de março, chegava à escola o projeto para a EJART de 2019, que foi apresentado aos presentes na sala dos professores pelo orientador pedagógico, Carlos Alberto, mais conhecido como Carlinhos, e foi deixada uma cópia com as diretrizes em cima da mesa para os demais. Posteriormente, em uma reunião pedagógica que acontece mensalmente em dias aleatórios da semana, o assunto foi abordado a fim de instigar o desenvolvimento e apresentação de ideias para trabalhar com os alunos.

A partir daquele momento, colocava-me na obrigação de elaborar algo sozinho ou com algum colega que tivesse um mínimo contato e afinidade. Uma das coisas que me pressionava era o fato de estar naquele ano exclusivamente com turmas da educação de jovens e adultos, um dos poucos professores que estavam com a carga de aulas inteiramente nesta modalidade, e contemplando uma diversidade por lecionar no turno vespertino e noturno.

Foi necessário pelo menos uns dez dias para que a ideia fosse esboçada entre as várias aulas dadas semanalmente e as viagens de deslocamento entre as prefeituras em que trabalho. Existiam muitas coisas que influenciavam na escolha de algo desde a possibilidade de conseguir adesão dos alunos até a viabilidade de realização para apresentar na data de culminância do evento, além de transitar por habilidades que deixassem minimamente confortável para instruir.

Criar um informativo com relatos, histórias, entrevistas ou pesquisas foi ganhando forma e assim decidi levar tal esboço para uma conversa com a orientação que imediatamente deu um impulso para a sua execução. Essa escolha pode ser explicada pelo histórico profissional antes do magistério, onde a atuação por anos em vários tipos de gráficas fez ter contato com o design gráfico e softwares como o corel draw e o desenvolvimento de informativos e jornais para sindicatos, associações e empresas diversas durante muitos anos, inclusive sob instrução direta de um jornalista que foi possível aprendizados importantes sobre.

Então, de acordo com as adversidades e “facilidades” apresentei a ideia de elaborar com os alunos um informativo que pudesse permear o tema trabalho delegado pelos organizadores do evento na Secretária Municipal de Educação de Araruama/RJ. A partir de uma unidade escolar em São Vicente de Paulo, distrito extenso e significativo distante da sede,

enxergava o tema como muito promissor, diante de características rural de alguns cultivos agrícolas familiares, a presença da Lagoa de Juturnaiba como o reservatório de águas da região dos lagos, a cultura da cana de açúcar e o pequeno comércio local além de parcelas da população que se desloca diariamente para o trabalho na sede do município e também nos vizinhos como Iguaba Grande, São Pedro da Aldeia e Cabo Frio.

A orientação pedagógica recebeu bem a iniciativa e esboço inicial do projeto, como sempre fazia com as propostas que visassem quebrar ou produzir algo diferente e com a intenção de romper com a morosidade que toma conta de nossas aulas. A próxima etapa então, diante do sinal verde, se fazia necessário materializar a estrutura de como isso seria apresentado e de algum modo “cobrado” dos educandos.

Sempre partindo da realidade, tínhamos grandes desafios como docentes daquela localidade em específico nas tarefas/trabalhos para casa, algo sempre notado e relatado em conversas com companheiros de ofício da mesma unidade escolar como também de outras no distrito. É possível que a vulnerabilidade social daquele lugar e em grande maioria dos alunos atendidos pelas escolas públicas, além de fatores como o poder paralelo do tráfico de drogas em diversas comunidades e a gravidez na adolescência como indicadores de problemas e agravantes.

Essas características se somam para aumentar o grau de desafio do trabalho pedagógico, porém ao conceber uma ideia começamos a projetar expectativas utópicas de conclusão daquela iniciativa. Entre uma utopia e outra vamos construindo e alcançando alunos, escola e construindo outras possibilidades na sociedade.

Para níveis de execução um esquema foi elaborado num caderno que acompanhava a rotina de trabalho, com detalhes como tempo para a entrega, que estava marcado como quinze dias de prazo, a divisão em grupos entre quatro e cinco e a sugestão de temas como uma entrevista ou reportagem sobre um interesse da comunidade e nos finalmente colocava como necessário a entrega do resultado do grupo por meio de redes sociais.

A entrega foi idealizada com um espaço que proporcionasse o encontro entre o início e a fim da atividade, facilitando que dúvidas fossem sanadas, além de permitir um constante aprimoramento e a conversa, pois um dos pressupostos que me norteavam era o contato permanente com os educandos. Organizados em grupos, desde a explicação de começo com as diretrizes para a turma e logo depois chegando para falar diretamente com cada núcleo, apesar de sempre ansiarmos um resultado excepcional, pensava que importante era apresentá-los para uma ideia de construir coletivamente, perceber nuances da localidade, discutir ideias entre outros.

Os grupos planejados como entre quatro e cinco alunos foi uma das coisas que precisaram ser logo adaptadas para a realidade das turmas e localidade. Como já mencionado algumas características de São Vicente, é também bom trazer para o relato os bairros longínquos que o colégio atende. Esses locais que são servidos por linhas de ônibus escolares como a Lagoa (o mais distante de todos) que assim como outros possuía apenas acesso por estradas vicinais de chão, é comum a impossibilidade dos alunos desses locais de frequentar as escolas em caso de chuvas contínuas que deterioram em demasia as vias de acesso e as tornam momentaneamente intransponíveis.

Além de turmas com parte significativa de alunos pertencentes a bairros distantes e outros de diferentes lados do distrito, como nas margens da estrada de acesso a sede ou até mesmo nos acessos ao município vizinho de Silva Jardim, foi preciso deixar os alunos construírem seu próprio agrupamento a partir de suas afinidades e proximidade. Como de costume sempre relatava essa distribuição para não se perder e conseguir auxiliá-los e manter a organização.

No que se dizia respeito ao tema e proposta para cada grupo esperava que surgisse ideias e temáticas para o desenvolvimento, mas era preciso uma mínima noção e detalhamento de reportagens, jornais e revistas para começo de conversa. Para isso, antes das aulas, fiz uma breve visita a biblioteca do colégio para separar alguns exemplares desses a fim de propiciar um contato com aquilo que se almejava.

A iniciativa de mostrar e familiarizá-los com os textos jornalísticos fazia sentido a partir da percepção da presença de uma única banca de jornal no centro do distrito que funcionava em algumas horas do período da manhã, além de possuir poucos jornais e quase nenhuma revista. É fato que esses estabelecimentos comerciais vêm caindo significativamente com a migração de jornais e revistas para versões digitais e de seus preços consideravelmente elevados para grande parcela da população. Na atuação docente há alguns anos naquele ambiente escolar também percebia através das conversas com os alunos no decorrer das aulas de como não se tinha o costume de acompanhar o noticiário.

A finalização e entrega do trabalho por meio das redes sociais tinham vários motivos como: a facilidade de poder trabalhar com o resultado de cada um e enfim fazer o jornal, aproveitar dessa ferramenta tecnológica de uso massivo entre aqueles alunos e até possibilitar novos aprendizados e possibilidades por esses meios além de uma contínua cobrança que os professores sofrem para relacionar suas práticas com e através dessas técnicas e enfim “salvar” e tornar as aulas mais atrativas.

Algumas regras foram adicionadas a fim de cumprir e se efetivar uma entrega que facilitasse fazer o periódico, e a principal delas era digitar os textos das entrevistas e/ou reportagens sendo proibido tirar uma foto da transcrição em uma folha. Para que se tivesse uma produção no mínimo visual adicionei como obrigatoriedade a foto do que estava sendo trabalhado e se possível que fizesse um vídeo.

Cabe a ressalva de que para driblar a desigualdade e carência de recursos que os alunos possuem, pois ao contrário do que pode parecer eventualmente, em sua maioria não tem smartphones e mesmo entre aqueles que portam vê-se as barreiras seja na simplicidade, conservação e datação destes aparelhos. É comum que ganhem dos responsáveis após algum tempo de uso ou sejam adquiridos usados. Portanto, na constituição dos grupos teve-se o cuidado de que pelo menos um aluno tivesse o aparelho para que fosse viabilizado as condições.

Os grupos precisavam desenvolver uma entrevista que poderia ser mantida assim ou com uma aparência de reportagem, mas esperava-se que partisse deles ideias de pessoas, fatos e coisas interessante para que abordassem. Porém, ao contrário das expectativas foi necessário diálogo constante para pensar sobre as possibilidades e caminhos do trabalho.

Houve uma barreira criativa que impedia os alunos de imaginarem ou projetarem algo para fazerem, fato observado na maioria dos grupos, com exceção de dois ou três que logo se encaminharam por suas próprias ideias. Nesse caso foi um desafio pessoal, pois apesar de haver residido na localidade em um período de dois anos, a maior parte da minha vida foi morando em outros lugares longes e com outras construções e disposições, portanto como encaminhar exemplos e fatos diretos para serem explorados?

Os exemplos sempre versavam na generalidade: “você podem conversar com um morador mais antigo da localidade ou que nasceu e permaneceu por aqui durante toda a sua vida” ou mesmo “alguma pessoa que desenvolva algum trabalho em especial por aqui um pedreiro, carpinteiro, advogado etc. e fazer perguntas para conhecer mais sobre seu trabalho e rotina”, eram duas proposições que costumava repetir para os educandos.

Esses fatos traziam questionamentos sobre a falta de cultura, esporte e lazer assim como o papel do professor diante desses aspectos como o que poderia ser feito nas aulas de geografia para propiciar minimamente a esses alunos oportunidades de imaginação e criação. Apesar de muitos fatores que atravessam as problemáticas sempre fica uma sensação de poder contribuir ou dirimir eventuais percalços nas dificuldades.

Portanto, em último recurso foi preciso intervenções mais incisivas para nortear o trabalho dos alunos, é claro que acaba sendo um caminho de construção, pois entre

apontamentos, conversas e observações existem vários encontros que possibilitam diferentes aprendizados e percepções. Nesses momentos fica perceptível a dialética presente nessas ações, o aprendizado que se (re)constrói entre alunos e professor.

Os dias que se seguem para o desenvolvimento e entrega da atividade como relatado anteriormente seguiram com dois encontros por semana com intervalo de duas delas e o dia para o envio foi marcado para uma sexta-feira, onde trabalhava em outro município. Entre os encontros e conversas das aulas sempre havia um espaço que dedicava para de forma geral na turma questioná-los sobre o andamento dos afazeres, em meio a descontração e cobrança procurava me inteirar de todos os processos, assim como da participação de cada um nas etapas.

Obviamente ocorreram algumas mudanças de grupos e conflitos dos que se identificaram em comum inicialmente sendo necessário mediar algumas relações de alunos e fazer algumas mudanças pois as afinidades costumam ser sazonais entre adolescentes e por mais que seja necessário mostrar a importância do diálogo e da convivência, acreditava ser melhor evitar rugas que pudessem suscitar rivalidades e maiores desavenças.

Eventualmente alguns alunos acabavam envoltos em polêmicas e brigas incentivadas pelos seus pares, portanto sanar as intemperanças significava dialogar sobre os problemas e tentar conciliar, mas nunca descartando novos arranjos entre os eles, pois para o desenvolvimento de uma atividade de qualidade penso que é necessário estar à vontade.

A devolutiva deles vieram com “respostas” mecânicas e pouco desvoltas, mas com algumas surpresas, como a dupla que entrevistou uma senhora moradora por décadas da localidade, e além das suas falas conservadoras sobre costumes e vestimentas, fez apontamentos sobre a condução política da municipalidade. A falta de calçamento das ruas e o saneamento básico foram pontos levantados durante a visita que as estudantes fizeram a sua casa.

Os trabalhos foram entregues em sua maioria na data final estipulada, tendo casos excepcionais de grupos adiantados e atrasados, que com o devido diálogo e justificativa foram aceitos para o bom andamento daquilo que se pretendia, é preciso sempre levar em consideração as excepcionalidades ainda mais em matéria de conteúdos direcionados como entrevistar uma determinada pessoa inacessível.

Nesse momento, a maior parte do projeto estava encaminhado e concluído, desde a concepção e o iniciar completos, restava tratar todo aquele material produzido pelos educandos a fim de materializar em um visual de informativo ou jornal. Como já mencionado anteriormente, as ideias sempre alçam voos inimagináveis e eventualmente difíceis de

alcançá-los. O ideal seria um trabalho de envolvimento contínuo com os alunos passando desde o batismo da publicação até sua concepção e diagramação.

Porém as barreiras de infraestrutura e temporais impediram que essa ideia fosse colocada em prática, assim como uma das maiores críticas e lacunas que foi a necessidade de intervir e construir os textos do informativo. A falta de computadores e o pouco tempo para avaliar e preparar a máquina disponível na unidade escolar fez com que fosse impossível deslocar as turmas para a sala de informática, ainda mais se tratando de algo que necessitava de uma finalização em software específico para conferir qualidade no resultado.

Então, além de precisar aprimorar o texto dos alunos foi necessário também diagramar e dispor as informações encaminhadas através do Messenger (mensageiro integrado ao facebook) que versavam com a transcrição dos textos de perguntas e respostas realizadas com as pessoas além de fotos e até vídeos que registravam momentos e complementavam as informações apuradas.

É importante fazer a ressalva de que foi necessário elaborar em conjunto com alguns grupos algumas perguntas, embora sempre jogasse alguns exemplos a fim de deixar a cargo deles a responsabilidade de criação desses meios de apuração. Os cenários foram variados tendo alunos com dificuldades assim como outros que se desenvolveram e criaram suas próprias narrativas de coleta de dados com as pessoas abordadas no trabalho.

A análise dos arquivos enviados foi surpreendente. Ver, por exemplo alguns grupos que conseguiram desenvolver seu trabalho todo na gravação de vídeo, onde um ou mais alunos fazia perguntas para o entrevistado. Esse conteúdo produzido foi algo que considero subaproveitado, já que foi complicado na época veicular aquilo tanto para exposição na feira ou mesmo na escola, ficou mesmo a lição da potencialidade dos alunos que seguem inexploradas.

O lugar foi o grande protagonista dessa experiência, em meio a toda a sua precariedade e eventualidade, descobrimos histórias, fazeres e práticas de moradores locais em seus cotidianos. A revelação dessa “produção espacial” muitas vezes escondida foi um ponto alto e o grande objetivo desde o começo, a potência de tornar uma ideia dessa, como o jornal mesmo que em outros moldes, pode despertar nos alunos uma participação e envolvimento numa atividade contínua que possa contribuir para o desenvolvimento e a informação da comunidade escolar.

JORNAL DA EJA

Colégio Municipal Pedro Paulo de Bragança Pimentel

Jornal dos alunos da EJA e professores Jackeline e Leandro - São Vicente de Paulo - Araruama/RJ | Junho - 2019 - Nº 1

Agricultura Familiar

Os alimentos que abastecem as mesas de nossas casas

O aluno Carlos André, da VII fase da EJA noturna, foi até Itapinhôa, parte do distrito de São Vicente de Paulo, no Sítio Palinha, mora Robertinho (como é conhecido) e sua esposa. Esse simpático casal é um exemplo do modelo de agricultura que é responsável por encher a mesa da maioria dos brasileiros, inclusive em nossa cidade.

Senhor Roberto, que começou cedo, teve uma parte de sua vida dividindo o trabalho com seu pai, nas então significativas lavouras de laranja, que já chegaram a preencher vastas paisagens em meio aos campos vicentinos. Aprendeu o trabalho na roça com seus pais e avós desde bem cedo, mas ressalta que foi importante cursos e informações técnicas que recebeu por meio de órgãos governamentais de apoio e incentivo a agricultura, como: a Embrapa e a Emater.

Hoje em dia em sua propriedade, ao lado da esposa, trabalham no cultivo de: laranja, quiabo e feijão. Esse último é produzido tanto para consumo, como para semente.

Os alimentos cultivados em seu sítio tem como destino o uso e consumo de sua família, além de serem levados para feiras das localidades próximas, para a venda direta ao consumidor.

Todos esses alimentos são plantados e colhidos de acordo com a sua época certa, evitando assim o uso de agrotóxicos que possuem um efeito danoso em nossa saúde. Ele diz que, para os que estejam interessados em trabalhar no cultivo da terra, é importante seguir na produção orgânica, sem venenos, pois todos tem a ganhar. ■



Dona Margarida com os quiabos na banca.



Tá na banca! Produtos na feira sendo observado pelo cliente.



Produção de laranja pronta para à venda.

Papo com a Professora

A professora de língua portuguesa, Márcia Frazão, recebeu os alunos da VIII fase da EJA diurna, Hevellyn, Ingrid, João Pedro, Juliano Goulart, Kayky e Wanderson, para um pequeno bate papo em meio ao intervalo de aulas e dos caminhos da nova escola.

Ela terminou a faculdade quando tinha seus 25 anos, e lembra que foi um período complicado: *“No começo era difícil, me formei e trabalhava em outra área, então fui procurar trabalho na educação, inicialmente ‘apanhei’ um pouco, mas logo tirei de letra”*.

Hoje ama estar em sala de aula, além de lecionar no município de Araruama, trabalha também em Saquarema, onde mora. *“Trabalhar na educação nos dias de hoje é um desafio, devido alguns casos de indisciplina, mas amo estar em sala de aula”*.

Márcia está desde o início do ano no Colégio Pedro Paulo devido sua aprovação no processo seletivo do município. *“Gosto muito de trabalhar com a EJA e espero contribuir com o meu conhecimento, além de aprender com todos”*. ■



Na foto, Juliano Goulart, Wanderson, Márcia, Hevellyn, Ingrid e João Pedro, respectivamente.

Sabedoria

Em busca de uma boa conversa, as alunas da VIII fase da EJA diurna, Giselle e Kicilla, bateram um papo com Dona Maria do Carmo.

Moradora de São Vicente durante toda a sua vida, ela sente saudade de antes. *“Era mais pobre, mas melhor. Todos tinham trabalho. Os mercados não tinham tanta coisa como hoje em dia, mas vendia o básico que precisávamos para viver”*.

Dona Maria ainda demonstra preocupação com a situação dos jovens nos dias de hoje, devido aos caminhos e escolhas complicadas que fazem na vida, seja no caminho do tráfico ou drogas, até mesmo na gravidez ainda na adolescência, segundo ela é importante se planejar para ter filhos. ■



Dona Maria em meio a nossas alunas, Kicilla e Giselle.

Aprender e se divertir

O Colégio Municipal Pedro Paulo de Bragança Pimentel está agora com um espaço mais amplo para a utilização do tamancobol e da mesa de pebolim, ou o conhecido “totó”.

Com suas novas instalações, agora uma sala da escola está dedicada aos jogos, que chegaram na escola no ano passado.

E nada melhor do que poder vez ou outra utilizar esses equipamentos para se divertir e aprender também, pois na vida nunca deixamos, seja compartilhando, trabalhando em equipe, torcendo pelo colega e ensinando a jogar também.

“Gostei demais de conhecer esse espaço e poder jogar totó com meus colegas”, diz o aluno Juliano. Já Carlos acrescenta que gosta muito do pebolim, mas como é a preferência da maioria, acabou aprendendo e gostando do tamancobol: “é muito legal também, e o importante é se divertir”.

A sala de jogos e seus equipamentos é um sucesso, desde os estudantes mais jovens até os mais experientes, o passeio por ela sempre gera muitos sorrisos e expectativas. Principalmente depois de fazer várias reportagens “depois do professor pedir e cobrar bastante pela reportagem, lembrando durante as aulas, tinhamos que variar um pouco néh!?”.



Alunos da fase IX da EJA diurna atentos aos jogos.



E a disputa está acirrada, concentração total.



Alunos dos anos iniciais do EJA concentrados na disputa.

Gostosuras

Maria do Carmo, moradora de São Vicente, recebeu o grupo de trabalho da Evelyn, Leticia e Mateus, da IX fase do EJA diurno para saberem um pouco mais sobre seu trabalho.

Ela trabalha com a produção de salgados por encomenda em sua residência, podendo vender para lanchonetes ou pessoas que quiserem garantir o lanche da manhã ou tarde sem maiores preocupações.

Foi olhando outras pessoas e através de receitas que Maria foi aprendendo fazer salgados. Já fazem mais de vinte anos que está nesse ramo, apesar das dificuldades ela está satisfeita: “passei por alguns obstáculos, mas nada como ter sua própria renda, lembro como se fosse hoje o primeiro dinheiro vindo dos salgados”.



Salgados prontos para irem ao forno.

Olha a pesca!

A pesca já foi uma atividade importante na economia regional e hoje sofre com a transformação da sociedade e seus impactos. Pensando nisso, nossa aluna Vanuza, da VI fase da EJA noturna, conversou com “André Pescador”, como é conhecido.

Ele é um dos fundadores da Associação de Pesca Artesanal da Lagoa de Juturnaíba em Silva Jardim, e pesca desde os 9 anos de idade, ganhando dinheiro com a atividade desde os 14 anos.

“Os peixes possuem sua sazonalidade, ou seja, depende das estações do ano, clima, ventos, temperatura e outros fatores”, diz ele, ainda nos lembrando que os impactos do homem no meio ambiente gera um impacto direto em sua atividade: “antigamente conseguia tirar meu sustento exclusivamente com o trabalho da pesca, hoje em dia isso não é mais possível”.

A pesca foi aprendida através do pai amigos e outros mestres pescadores com quem conviveu. Hoje atua na representação dos pescadores no estado do Rio e nacionalmente. Boa sorte, André! Que venha ventos de mudança!■

Vou de táxi!

Ângela, aluna da VI fase da EJA noturna, bateu um papo com “Senhor Dirlei”, como é conhecido entre os vicentinos.

Nascido e criado no terceiro distrito, como diz ele: “desde que me entendo por gente”. Com seu bom humor e através de seu trabalho de taxista, conhece como ninguém cada cantinho de São Vicente, “já rodei muito por aí, muitos sítios, casas, fazendas e bairros mais afastados”.

Apesar de sua experiência, Sr. Dirlei não pensa em parar de trabalhar, acorda e cedo e vai para rua em busca do pão de cada dia e sempre disposto e pronto para servir à população vicentina.■



Lá se vai Sr. Dirlei para mais uma viagem.

Artesanato

As alunas Gelcineia e Regina nos trouxeram um pouco de seu trabalho artesanal, elas confeccionam tapetes.

Regina faz tapetes de crochê: “Para mim é uma terapia, a hora passa e não me dou conta. Além de ajudar para aliviar o estresse”.

As duas adoram seus trabalhos: “Se o material acaba fico até sem chão, mas logo vou providenciar um novo para continuar, não pode ficar estressada néh?!”, brincam as alunas.

Gelcineia ainda lembra da importância do trabalho: “Gosto muito de trabalhar as cores dos tecidos e ir montando cada peça, no final ainda é um complemento na renda”.



Tapetes feitos pela aluna Gelcineia, com retalhos de tecido.



Outros tapetes de crochê da aluna Regina

Anexo B – Panfleto da EJARTE



EJARTE

Educação de Jovens e Adultos

MOSTRA CULTURAL TEMÁTICA

Dia 13 de junho
Horário: 13h às 21h

- Palestras
- Exposições de trabalhos artísticos
- Apresentação de poesia e dança
- Dramatizações

Local: Praça Antonio Raposo



PREFEITURA ARARUAMA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Anexo C – Quadro de datas da EJA

OBSERVAÇÕES - EJA Noturno

- ✓ 23/03 – **REFERENTE A QUARTA-FEIRA – FAMÍLIA NA ESCOLA**
- ✓ 25/05 – **REFERENTE A SEXTA-FEIRA – SÁBADO RECREATIVO**
- ✓ 13/06 – **REFERENTE A QUINTA-FEIRA – EJARTE**
- ✓ 29/06 – **REFERENTE A SEGUNDA-FEIRA – SÁBADO RECREATIVO**
- ✓ 06/07 – **REFERENTE A SEXTA-FEIRA – SÁBADO RECREATIVO**

Anexo D – Projeto da EJARTE



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARUAMA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS



EJ RTE

MOSTRA CULTURAL TEMÁTICA DA EJA

**TEMA: EDUCAÇÃO E TRABALHO: UM MUNDO DE
POSSIBILIDADES**

Objetivo:

Incentivar a renovação das práticas pedagógicas inovadoras por meio de reflexão da importância da arte e da cultura no contexto da Educação de Jovens e Adultos, de forma interdisciplinar com as outras áreas do conhecimento.

Justificativa:

Este projeto se justifica pela necessidade de inserir práticas inovadoras na Educação de Jovens e Adultos.

Propõe-se uma prática educativa voltada para que o educando perceba, experimente, represente e expresse a sua sensibilidade. É o momento do fazer através da arte, que deve acontecer de forma interdisciplinar, proporcionando ao educando uma reflexão sobre tudo o que está a sua volta.

Os desafios em que as escolas vêm se deparando no contexto social e econômico, levam a necessidade de ação educativa voltada a tornar o espaço escolar capaz de aprender, renovar e inovar-se constantemente, numa ação democrática e participativa, enfrentando o desafio de criar uma organização capaz de atender as necessidades dessa nova realidade social e principalmente, como diz Colombo “[...] capaz de ser pró-ativa, antecipando problemas e oportunidades planejando as mudanças necessárias.” (COLOMBO,2004,p.247). Nessa visão percebe-se a necessidade de novas posturas de organização, para uma aprendizagem significativa.

Por meio de uma visão inovadora, preocupada com a qualidade de ensino e com a inserção dos alunos da EJA no mercado de trabalho, o professor em sua prática docente, tem a oportunidade de promover ações condizentes com a promoção integrada e cooperativa de aprendizagem entre os alunos. Sendo assim, ressaltamos a importância desse projeto para uma aprendizagem significativa, que valorize a autoestima e que atenda a real necessidade dos alunos dessa modalidade de ensino.

Desenvolvimento:

Serão desenvolvidas atividades relacionadas ao mundo do trabalho com as turmas da EJA durante o quadrimestre do decorrente ano. Deve ser levado em consideração todos os tipos de profissões, bem como as formas de ingresso e preparação para tal.

Cada escola desenvolverá atividades de acordo com a sua realidade, levando em consideração o perfil dos alunos da U.E. para que a aprendizagem aconteça de forma significativa.

Será definido um dia específico para serem apresentados os trabalhos das turmas, dentro da própria escola. A partir dessas apresentações, a equipe da escola escolherá até 02(duas) delas para levarem para o local do evento, onde apresentarão a todas as escolas da rede.

A equipe pedagógica se reunirá com a equipe docente e definirá, em conjunto, as atividades que serão desenvolvidas, envolvendo todas as disciplinas. Em seguida montará um projeto, de maneira sucinta, com detalhamento das ações do quadrimestre, englobando as referidas atividades e dias em que serão apresentadas na escola. Posteriormente o referido projeto será encaminhado para a Divisão de Educação Jovens e Adultos por meio do email: seduc.coordena@hotmail.com

Assim que ficar definida apresentação escolhida, o detalhamento sucinto da mesma deverá ser encaminhado para a coordenação, para montagem da programação para o dia do evento, conforme calendário abaixo.

Atividades: Pintura em telas, dramatizações, paródias, declamação de poesias, músicas, apresentação de danças, palestras, visitas para conhecer diferentes profissões, etc. Essas atividades serão inseridas no planejamento das aulas, trabalhando de forma interdisciplinar com todas as áreas do conhecimento.

Culminância:

Acontecerá num local aberto, em apenas 1 dia (tarde e noite), onde serão realizadas atividades e apresentações diversificadas.

Whorkshop: cada escola apresentará uma profissão.

Stand da escola: Exposição dos trabalhos desenvolvidos na escola.

Stand de profissões: Algumas instituições serão convidadas a expor atividades que desenvolvem e serviços prestados. Ex: Bombeiros, Marinha do Brasil, Universidades, Secretarias Municipais...

Apresentações: Cada escola fará uma apresentação, no máximo duas, relacionada à profissão escolhida, que poderá ser qualquer tipo de expressão artística.

Cronograma:

Atividade:	Data/período:
Definição do tema e atividades na escola	Março/abril
Desenvolvimento do projeto	Abril, maio e junho
Envio do projeto à Divisão	4º semana de abril
Culminância na escola	2º quinzena de maio
Nome da apresentação (detalhamento sucinto)	3º semana de maio (assim que a escola definir)
Mostra Cultural Temática da EJA (EJAArte - 2019)	1º semana de junho (a confirmar – terça ou quinta)

Referência:

COLOMBO, S. S. *Gestão Educacional – Uma Nova Visão*. São Paulo : Artmed, 2004.